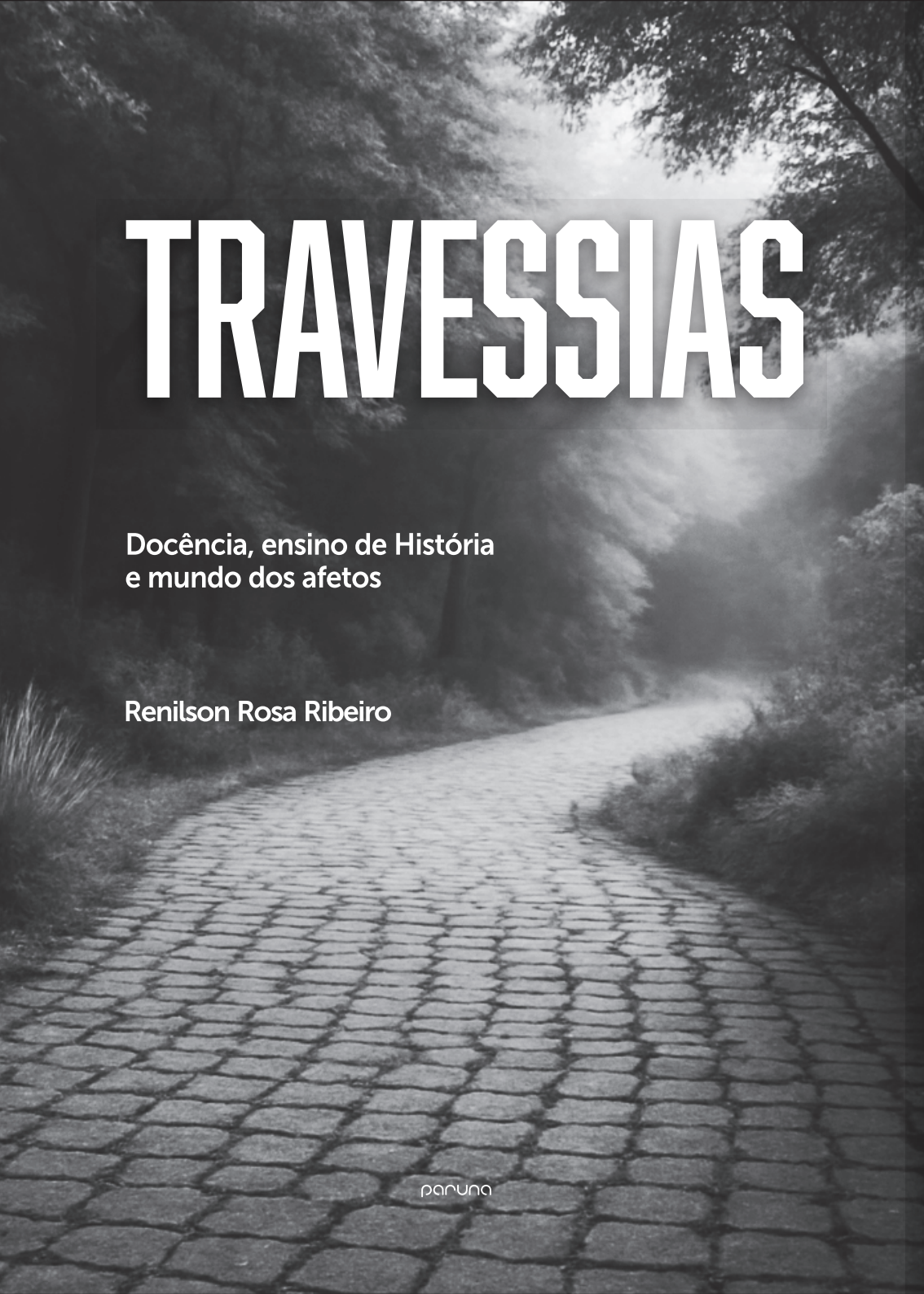




TRAVESSIAS

Docência, ensino de História
e mundo dos afetos

Renilson Rosa Ribeiro

paruna



Ministério da Educação

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Ana Beatriz de Oliveira – Reitora

Maria de Jesus Dutra dos Reis – Vice-Reitora



Conselho Editorial

Elizabeth Madureira Siqueira – IHGMT

Renilson Rosa Ribeiro – UFSCar

Nileide Souza Dourado – NDIHR/UFMT

Mairon Escorsi Valério - USP

Nauk Maria de Jesus - UFGD

Luís César Castrillon Mendes - UFR

Wilma de Nazaré Baía Coelho - UFPA

Márcia Elisa Tete Ramos - UEM

Wiliam Junior Bonete - UFPEL

Juliana Alves de Andrade - UFRPE

Margarida Dias - UFRN.

Renilson Rosa Ribeiro

TRAVESSIAS

Docência, ensino de História e mundo dos afetos



paruna

São Paulo, SP
2025

© Renilson Rosa Ribeiro, 2025.

Qualquer parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada de forma gratuita, por meio eletrônico, fotocópia e outros, desde que citada a fonte.

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão dos autores.

R484 RIBEIRO, Renilson Rosa. Travessias: docência, ensino de história e mundo dos afetos / Renilson Rosa Ribeiro. São Paulo: Paruna, 2025. 217f.

ISBN: 978-65-85106-53-5

1. Biografia. 2. Memorial. 3. História. I. Prefácio: Funari, Pedro Paulo A.. II. Título.

CDD: 920.900

Revisão e Normalização Textual:
Adrienne Firmo – Paruna Editorial

Assessoria e consultoria de texto:
Sérgio Henrique Puga

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:
Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna Editorial



Paruna Editorial
Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento
CEP: 01552-020 – São Paulo, SP
Fone: 11 97958-9312
www.paruna.com.br

Dedico esse memorial acadêmico aos meus saudosos tios Maria e Bebiano e ao primo Milton, vítimas da Covid-2019 e da negligência de um Estado negacionista e anticiência.



PREFÁCIO

Um convite à vida

Conheci o Renilson Rosa Ribeiro em 1998, quando fui seu professor no semestre inicial do curso de graduação em História da Unicamp, ingressante entusiasta que já se fazia notar. Nos anos seguintes, foram muitos encontros, interações e aprendizados. Professor de História Antiga, arqueólogo, tinha tudo para não estar no radar do Renilson, preocupado com outros temas, mais afeitos a como a História era usada para moldar as pessoas, no Brasil, aqui e agora. E como podia ser diferente. Foi isso mesmo que levou a nos entrosarmos tanto. Primeiro, Renilson era irrequieto, queria ler, aprender, escrever e isso tudo só me surpreendia e encantava. Mais: ele aceitava e gostava de comentários, algo que não é tão comum. Quantos se dispõem a escutar e ler o que os outros dizem e escrevem sobre nós? Só isso me chamou atenção. O Renilson, com seus pendores, foi orientado, desde a graduação, pelo amigo Paulo Miceli que, não só estava bem nas áreas de

interesse do Renilson, como sempre foi um incentivador de talentos, oferecendo oportunidades, como o fez com o jovem ávido de tudo. Miceli incentivou-o a tudo ousar, fazer, buscar e, dentre essas ousadias, o Renilson fez um Estudo Dirigido comigo, sobre a Pedagogia Crítica. Como eu já atuava com o Ensino Fundamental e Médio, foi uma oportunidade de fazer com que ele conhecesse, não só Paulo Freire, como outros autores críticos, como Moacir Gadotti. O importante era considerar que os educandos educavam, como também declarava Florestan Fernandes, outro dos indicados ao jovem Renilson. O educador é sempre educado, aprende ao ensinar, e o Renilson abraçava tudo isso, era sensível, o que, na época, e ainda mais hoje, em tempos de brutalidade, podia dar medo e intimidar, mas era sinal de humanidade, empatia e amizade.

Sempre em parceria com o Miceli, também meu mestre, reencontrei o Renilson no concurso em Cáceres, na Unemat, no qual foi aprovado para ser professor universitário. Só o fato de ter aceitado o desafio de participar, demonstra outra das características de Renilson: abraçar desafios onde quer que seja. Isso também chama atenção, pois não são tantos que aceitam ir ao “sertão”. Ao ler o seu memorial, nem parece que disso se trata, de sertão. Mas, o Brasil é imenso e centenas ou milhares de quilômetros nem sempre parecem distâncias tão grandes como são, mas, na prática e em termos pessoais, são, de fato, espaços significativos. Isso lembra-me da saudação que tive em Assis, em 1985, quando fui aprovado em concurso. Disseram-me: parabéns! Professor na Sorbonne do Sertão! O “r” pronunciado como “r” americano ou caipira. O sertão

é relativo, sempre a oeste da costa, tudo que está no interior. Renilson foi sempre assim, primeiro na Unemat, depois na UFMT e, agora, na UFSCar. Como eu, que nunca fui professor lotado em capital, sempre no interior, primeiro na Unesp/Assis (1986-1992) e depois Unicamp (1992 em diante). Quando fui, por alguns anos, professor da pós em Arqueologia na USP, foi como voluntário e colaborador, mas muito me orgulho disso, pois formei diversas pessoas, hoje líderes Brasil afora. O Renilson formou e tem formado tantos mais, inspirado umas e outras pessoas.

Vamos, em seguida, para as perspectivas epistemológicas e políticas, a começar pelo conceito central: *travessias*. A citação do Evangelho de Marcos (4, 35), mencionada pelo Renilson, pode servir de ponto de partida:

καὶ λέγει αὐτοῖς ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ ὅψιας γενομένης
διέλθωμεν εἰς τὸ πέραν

E disse-lhes naquele dia, fim da tarde: "Passemos para a outra margem". (tradução de Frederico Lourenço).

O verbo grego empregado, *διέρχομαι*, *diérkhomai*, traduzido pelo vernáculo *passar* ("passemos"), significa *ir* (ou *ir-se*), *mover* (mover-se), *διᾶ- • (dĩă-)* adiciona os sentidos de "em duas partes", "através", "em diferentes direções". Daí a tradução da Vulgata:

Et ait illis in illa die, cum sero esset factum: Transeamus contra.

E disse para eles nesse dia, como já se fizesse tarde: *atrassemos do outro lado.*

(tradução minha)

Aparece, aí, *transire*, ir *trans*, através, além, na tradução latina e chegamos, por fim, ao nosso atravessar: *vertere*, virar, *trans*, também com o sentido de ir e vir. Assim, *travessia* é ir para outros lados, inclusive ao voltar, sem temer as novidades e desafios (esse um dos sentidos do versículo de Marcos, citado por Renilson). Isso fica claro, também, na inspiração de Paulo Miceli, cujas travessias marítimas podiam levar a outras paragens, a desafios, a voltas, mas sempre a novos lugares pois, como dizia Heráclito (c. 544 a.C.), nunca se passa duas vezes pelo mesmo lugar, *δις ἐς τὸν αὐτὸν ποταμὸν οὐκ ἂν ἐμβαίης* (Platão, Plato, Cratylus, 402^a), ninguém entra no mesmo rio. O rio mudou e o ser humano mudou. Esse é o tom geral da vida, não só do Renilson, mas de todo mundo: atravessamos a vida, todo o tempo, sem destino, mas com a confiança de chegarmos a algum lugar e de nos recriarmos a cada instante e ocasião. Vamos na esteira da constatação de Michel Foucault de que nada é natural, nem transcendental ou universal, mas sujeito a rupturas, acasos, diferenças, sempre afeitos a fatos, afetos, emoções. Daí, também, a diversidade, outra constante na vida do Renilson e de todas as pessoas, aliás, de todo mundo, tanto no sentido corrente (todos) como literal, de todas as partes, de todos os lugares do mundo. Verter, separar, em duas partes, este o sentido literal na raiz da palavra diversidade: aceitar isto e aquilo, algo e seu contrário, em dialética, cujo sentido é dizer algo em relação com outrem. Não aceitar o diverso conduz à destruição do diferente, em termos materiais ou simbólicos e, ainda pior, a parte de si mesmo, já que somos todos isso e aquilo.

Outro aspecto central é a autonomia e a crítica. Autonomia é o *νόμος* *nomos* de si mesmo (*autos*, em grego), sendo *nomos* o pegar a si mesmo, possuir, gozar, aproveitar-se. Autonomia de todos e cada um. Para isso, é necessário a crítica, a capacidade de discernir, separar. Tornar todos e cada um capaz de assenhorar-se de si mesmos e do seu destino, imprevisto, mas sempre aberto. Para isso, o elemento chave é a Educação, ao permitir levar para fora (ex) algo que está em germe em todos: ir adiante (*ducere*, conduzir). Isso começa pelo valor atribuído ao aprendizado pela sociedade como um todo, pelas famílias, pela escola e pela universidade, como formadora de docentes, nas licenciaturas, tudo no centro da vida e da atuação do Renilson. Essa valorização do estudo nem sempre está dado, em particular pelo predomínio de um presentismo, na definição de François Hartog (2020, p. 261):

A memória e o presentismo não se opõem. No caso da América do Sul, a questão da memória veio à tona depois do fim das ditaduras, com as exigências de memória, a construção de memoriais, a justiça de transição e as comissões da verdade. O presentismo se reforçou ao longo dos últimos anos por meio das transformações tecnológicas: o mundo digital é um mundo presentista. Os celulares, os computadores, a economia e as finanças têm por horizonte o presente imediato. O capitalismo, hoje, é presentista. Mais do que era no capitalismo industrial. O capitalismo financeiro reforça ainda mais o presentismo. Aquilo que chamamos de globalização está amplamente fundamentado nisso: ele é essencialmente presentista.

Renilson demonstra a importância de tomar a História como ferramenta analítica e de transformação dessa situação, para que o futuro possa ser diferente. Saímos da leitura deste inspirador memorial estimulados, com um impulso para a vida, tomada como capacidade e potencialidade, e sempre aberta para o futuro, imprevisível. Nada poderia ser mais estimulante. Boa leitura e bom proveito!

Campinas, março de 2025.

Pedro Paulo A. Funari

Professor Titular do Departamento de História da
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Referência

HARTOG, François. Tempo, história e historiografia: entrevista com François Hartog, Entrevista. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 256-267, jan./abr. 2020.

Sumário

Apresentação	13
1. Travessias...	18
2. Cartografia das travessias nos tempos de formação escolar e acadêmica	31
3. Cartografia das travessias profissionais entre a educação básica e a universidade	63
4. Diários de uma oficina: Ensino de História, História Cultural e narrativa da nação	96
4.1 Minhas travessias no Ensino de História: uma área de conhecimento	101
4.2 Livros didáticos de História (do Brasil) e fabricação do Brasil como Estado nacional: teoria e metodologia de pesquisa	119
4.3 Ensino de História em eventos científicos e fóruns de discussão	132
5. Os recomeços possíveis na travessia para UFSCar	145
6. Considerações sobre as travessias familiares	159
Agradecimentos	171
Referências	174
Mural de memórias afetivas	197

APRESENTAÇÃO

Carta testemunho: em defesa da afetividade

Como escrever sobre a vida e as travessias acadêmicas de um amigo? Minhas semanas têm sido consumidas por essa tarefa extremamente paradoxal. Honra e angústia. A honra por ter sido convidado para apresentar esse livro que coroa a carreira exitosa de um grande intelectual brasileiro. A angústia, derivada do temor de não estar à altura da missão que me foi incumbida e da pergunta que me acompanhou até agora: escrevo sobre o intelectual, o formulador de conceitos, o crítico sagaz, o pensador do Brasil, da educação, do ensino de História e da historiografia brasileira ou sobre o amigo generoso, simples, franco, verdadeiro, leal, humilde e humanista?

É escrevendo mesmo que me dou conta da indissociabilidade de ambas dimensões de sua vida, pois Renilson não é, e nunca foi, uma mercadoria de consumo à venda na sociedade do espetáculo de nossa contemporaneidade, que fetichiza até os intelectuais. É o filho do Seu Rubens e da Dona Eva. O pai do Pedro. O meu amigo e o de tantas pessoas que se permitiram conhecê-lo e amá-lo. Impossível segmentar, separar, dividir. O professor e intelectual – respeitado pelas elocubrações acadêmicas, pela produção pujante, pelo

compromisso com a universidade pública brasileira, pela contribuição crítica à história e à historiografia – do amigo, filho e pai cuja principal característica é a hospitalidade afetiva, a amorosidade e a sensibilidade.

Nós, acadêmicos, ciosos do rigor científico-metodológico-epistemológico de nossas produções, reflexões, análises e críticas, reprimimos nossos afetos e subjetividades para podermos nos legitimar numa esfera pública de produção e circulação do conhecimento dominada pela hegemonia da racionalidade e do utilitarismo. Afinal, estamos incumbidos de sermos os guardiães dessa ordem! Árida ilusão cartesiana. Meu amigo nunca se moldou nesse enquadramento asfixiante e desumanizante. Ele é a flor que nasceu na rua e rompeu o asfalto. Um partisano dos afetos. A lufada quente de sensibilidade nos átrios gélidos da impostura racionalista. Uma existência rebelde, resistente e guerrilheira, sem estetizações, vivida na intensidade de suas travessias. Sempre olhando para um horizonte no qual a estrela que romperá a aurora encherá de cores, som, movimento e vida pulsante um mundo mais bondoso e menos injusto.

Quando andávamos cotidianamente pela moradia estudantil e pelas paragens verdes e abertas salpicadas de vermelhos flamboyant da Universidade Estadual de Campinas, no final dos anos 1990, vivendo mais o futuro do que o presente, aguardando que o destino olhasse para nós com mais generosidade do que havia sorrido para nossos pais, pensávamos equivocadamente que éramos uma dupla perfeita. Ele o diligente que andava olhando para o chão. Eu, o sonhador que olhava para as nuvens. Ele razão, eu emoção. Ele intelecto, eu paixão. Ledo engano. Revisitando o nosso passado, percebo que seu afeto e cuidado para comigo era

tão intenso que ele olhava para o chão para evitar a minha queda. Que sua disciplina e diligência eram abrigos generosos para que eu pudesse estar confortável numa amizade marcada pela hospitalidade sem propriedade.

Penso que o filho do Seu Rubens e da Dona Eva construiu suas travessias de vida e carreira carregando essa inexpugnável marca humana de sensibilidade e afetividade. O amor pela educação, a paixão pela docência, o encantamento pelo universo letrado. Uma militância pela história e literatura. Um perder-se e achar-se contínuo no labirinto dessa simbiótica relação conhecimento-vida. Uma admiração infantil pelos mestres, esses velejadores-guias para novas terceiras margens do rio da vida, que o fez desejar ser professor e que carregou consigo em sua formação e atuação.

Renilson fez uma escolha não-fortuita de associar uma jornada de estudos acadêmicos de reflexão sobre ensino de História, historiografia brasileira e racismo. Foi um professor de escola pública atento aos seus estudantes, às suas dificuldades, ambicionando transmitir a paixão pelo conhecimento, pela escrita, pela leitura e pela história. Alguém sem medo da luta, da vida e da peregrinação nômade que o levou a construir sua carreira docente nas universidades do Mato Grosso, longe da família e dos amigos de seu estado natal. Lá, entregou-se por inteiro ao calor mato-grossense, às pessoas, às universidades por onde passou, aos estudantes e ao amor. Tornou-se o pai do Pedro, mas não se despojou do permanente cuidado com o próximo que tanto o marcou como professor e orientador.

O meu amigo construiu uma história de vida e de carreira marcada pelo humanismo. Focou sua produção na crítica ácida das opressões. Carregou nos ombros o pesado fardo do inconformismo com o sofrimento humano. O sentido ético

de suas travessias de vida foi a compaixão com o próximo e o longínquo, no tempo e no espaço. Minha religiosidade me inclina a compará-lo ao bom samaritano: a mão amiga daqueles que cruzaram seu caminho e daqueles cuja memória de sofrimento não pode ser esquecida para que a espiral da liberdade, da igualdade e da justiça social possa ser acionada em prol de uma sociedade menos opressiva, menos discriminatória e mais fraterna.

Renilson atentou para os múltiplos outros do presente e do passado. Alteridade pura, acolhimento absoluto. Combateu nas batalhas pela memória ao lado dos desvalidos. Restaurou a dignidade que lhes foi violentamente arrancada pelas páginas do esquecimento impostas pela história oficial dos opressores. Escancarou os mecanismos culturais e simbólicos de legitimação da subjugação e desumanização. Denunciou o colonialismo e as sequelas malditas de seu discurso raciológico cuja presença deletéria impregnou o ensino da história escolar e a historiografia colonialista oficial da elite nacional.

Na verdade, ele esteve sempre comprometido com um humanismo concreto, real, absoluto e inegociável, não se furtando às lutas por dignidade de nosso presente sombrio.

Acho que não escrevi uma apresentação. É uma pequena carta-testemunho. A admiração e o carinho pelo meu amigo me impedem de fazer outra coisa. O afeto e a sensibilidade são o barco e o timoneiro de suas travessias, o fio e a agulha que costuram esse memorial-biografia. A amorosa utopia humanista e planetária da tua existência é o farol que ilumina a todos nós que singramos o mar da vida na tua companhia.

São Paulo, março de 2025.

Mairon Escorsi Valério

Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP)



Decerto, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, a seu favor, que ela entretém. Ou, para ser mais exato – pois cada um busca seus passatempos onde mais lhe agrada –, assim parece, incontestavelmente, para um grande número de homens. Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela sempre me pareceu divertida. Como todos os historiadores, eu penso. Sem o quê, por quais razões teriam escolhido esse ofício? Aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes. Mas todo cientista só encontra uma única cuja prática o diverte. Descobri-la para a ela se dedicar é propriamente o que se chama vocação.

Marc Bloch, *Apologia da história
ou o ofício do historiador* (2001).

1. Travessias...

As travessias acadêmicas que relato neste memorial são um testemunho do impacto transformador da educação e da pesquisa, não apenas em minha vida, mas na vida de todos aqueles que buscam no conhecimento, uma ferramenta de emancipação e mudança social. Eu tive muita dificuldade de pensar como escreveria esse texto, uma vez que não tenho por hábito usar, na escrita acadêmica, a primeira pessoa do singular (“eu”). A prática nos artigos e livros científicos é usar o sujeito indeterminado, a terceira pessoa, ou, quando possível, a primeira pessoa no plural. Fazer um memorial acadêmico nos impõe a tarefa de falar de si, contar a nossa história ou os cursos de uma vida rompendo, de certa forma, o rigor científico.

Segundo Valéria Guimarães (2002, p. 2-3), escrever sobre si mesmo apresenta grandes problemas para o ofício do historiador:

Manifesta o seu desconforto em escrever a sua história, confrontando-se com o dilema de escrever em primeira ou terceira pessoa, tornar a narrativa pessoal ou impessoal, terminando por optar por escrever em primeira pessoa, mas decidindo por manter o seu afastamento. No texto, são narradas várias fases de sua vida pública, pois o autor prefere não falar da sua afetividade nem de seus gostos e atividades culturais. A sua trajetória intelectual torna-se a sua ego-história. O historiador, por ofício acostumado a

estudar a vida do sujeito em seus vários aspectos e conhecer as diferentes relações sociais que o cercam, opta por ocultar uma significativa parcela de sua vida, resumindo-a à sua trajetória intelectual. [...] O desconforto do autor se explica em parte pela sua própria opção em não se expor, em não tornar pública a sua vida privada, a sua afetividade e outras relações travadas no próprio âmbito público, mas que foram cuidadosamente protegidas.

Para concursos e promoções de carreira docente, o memorial acadêmico não é mera formalidade, mas um exercício de análise de uma vida dedicada à prática do ensino, pesquisa e extensão. Também não é, na minha compreensão, uma trajetória linear e perfeita, porque as existências não operam nessa lógica, registrando marcos de uma biografia numa cronologia. Por isso, prefiro falar em travessias acadêmicas ou cursos de uma vida.

Nesse sentido, entendo as travessias a partir do romance *Grande Sertão Veredas*, de João Guimarães Rosa (2001, p. 51; 80):

Enfim...sem fim..., a vida é uma travessia e tem me empurrado para vários tempos e lugares. Aprendi não ser viável concluir um texto com citação, mas vou transgredir e deixar para a reflexão o que me encanta e me alimenta subjetivamente em muitos, vários momentos de minhas resistências e rebeldias:

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?
[...]

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Fazer travessias pressupõe o ato de viajar, de estabelecer uma jornada. Partem da ideia que as vidas estão em movimento, singrando os mares do tempo, não a rigidez da geografia e da genealogia que almeja fincar raízes ao solo. Travessias significam que passamos para a outra margem, uma abertura para o outro, o desconhecido. Escritas/falas de si sempre são uma abertura aos outros. E esse ato de passagem, presente inclusive do texto bíblico (Mc 4,35), sugere todo um deslocamento para sair da “margem” rotineira, conhecida e ir ao encontro dos outros.

A tecitura de um memorial dialoga com aspectos presentes em biografias e diários, apresentando-se como “um recorte no qual a dimensão pública e profissional ocupa uma centralidade”, uma vez que

[...] como qualquer relato de memória, se estrutura como um espaço de afirmações e negações, do que se lembra e do que se esquece, do que se mostra e do que se omite, e mesmo que seu autor-narrador possa imaginar-se como representante de interesses de classe, ator estratégico, figura do *habitus*, ator racional, ser histórico ou agente socializado, entre outras possibilidades, está vinculado a relações particulares com seu tempo e espaço de forma que sua narrativa não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado. (Silva, 2015, p. 81).

No processo de escrita do memorial, que pode oferecer elementos importantes para uma pesquisa autobiográfica, o nome próprio [o que demarca a identidade pessoal] se apresenta como um designador rígido, uma forma por excelência da determinação arbitrária feita pelos ritos institucionais tão

presentes nas universidades. De acordo com Pierre Bourdieu (1996, p. 79),

[...] a nomeação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferenciadas nas particularidades circunstanciais e nos acidentes individuais, no fluxo e na fluidez das realidades biológicas e sociais.

Embora possa parecer, à primeira vista, conservador, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, nas palavras de Teresa Cristina Rego (2014, p. 786), o memorial acadêmico indica, de maneira recorrente, uma estética do inacabado, evocando a importante reflexão de que, em relação à vida, há sempre a presença da impermanência e o movimento – por vezes imperceptível – de fatos, pessoas, valores e lugares. Além disso, “indica ainda que, no que se refere ao conhecimento, ninguém constrói nada sozinho: ele sempre é fruto de um longo processo de intercâmbios, diálogos e trocas de repertórios e práticas culturais.”

Lidar com o indivíduo na construção da narrativa de um memorial acadêmico traz, por exemplo, para o historiador, o desafio de enfrentar de forma latente as questões que envolvem a biografia. A problemática relação história-biografia ganha fortes contornos nos estudos sobre a história intelectual, quando se propõe desenvolver um trabalho acerca de uma determinada personalidade política, literária ou artística. Há sempre o pêndulo oscilante entre autor-sociedade, texto-contexto pautando os traçados da escrita.

As biografias, como destacou Giovanni Levi (1996, p. 167), estão no centro da prática historiadora, porém, apresentam ambiguidades nos seus usos na narrativa histórica:

Em certos casos, recorre-se a ela para sublinhar a irreduzibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivos das leis e das regras sociais.

Na leitura de Levi, haveria a necessidade de se trazer para dentro do debate das questões metodológicas da historiografia contemporânea, os dilemas da construção e dos usos da biografia:

A biografia constitui na verdade o canal privilegiado por meio do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. Muito já se debateu esse tema, que concerne sobretudo às técnicas argumentativas utilizadas pelos historiadores. Livre de entraves documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciaram amplamente os historiadores. Essa influência, em geral mais indireta do que direta, suscitou problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais que puseram o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes intransponíveis: a propósito, por exemplo, dos atos e dos pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição.

Nesse sentido, a biografia precisa ser pensada a partir do questionamento das noções de totalidade, verdade e contexto. Bourdieu (1996, p. 184), com base nesse pressuposto, trouxe para o debate, de forma acertada, a noção de “ilusão biográfica”, ou seja, a falácia de se considerar que a vida de um indivíduo constitui “um todo, um conjunto coerente e

orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto.”

Ao desmistificar a ideia da possibilidade de uma biografia total, capaz de apreender toda uma existência, Bourdieu (1996, p. 183) rejeitou a associação da história de uma vida às ideias de trajetória, caminho, linearidade.

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. É exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (Hércules entre o vício e a virtude), seus ardis, até mesmo suas emboscadas (Jules Romains fala das “sucessivas emboscadas dos concursos e dos exames”), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a “mobilidade”), que tem um começo (“uma estreia na vida”), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (“ele fará seu caminho” significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história.

Outro aspecto presente nas reflexões acerca da relação história-biografia é a ilusão de verdade, a obsessão de fazer a narrativa biográfica – também presente na narrativa do memorial acadêmico – mais completa e real, captando cada segundo da existência de um indivíduo.

Em relação à ilusão de verdade, Michel Foucault (1979) demonstrou a inexistência de quaisquer objetos intelectuais “naturais”, como por exemplo as biografias ou os memoriais

acadêmicos. Todos os objetos seriam historicamente dados como objetos discursivos, sempre sujeitos a mudanças, que não poderiam oferecer uma base transcendental ou universal para o método histórico. Acreditar que as palavras, ao longo do tempo, designariam ou significariam algo essencialmente idêntico a si mesmo seria fruto da semântica idealista dos historiadores, por vezes, transvestidas de realismo, materialismo e cientificismo.

No clássico ensaio “Nietzsche, a Genealogia e a História”, compilado no livro *Microfísica do Poder*, o filósofo francês distinguiu a história azul dos historiadores, alicerçada na ideia de continuidade e na lógica da identidade, da história cinza genealógica, aberta para captar e debruçar-se sobre as rupturas, o acaso e as diferenças, sem subsunção ou submissão:

Fazer genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua ‘origem’, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; esperar-se vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, como o rosto do outro; não ter pudor de ir procurá-las lá onde estão, escavando os *bastfons*; deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade as manteve jamais sob sua guarda. O genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem, um pouco como o bom filósofo necessita do médico para conjurar a sombra da alma. (Foucault, 1979, p. 19).

Esses apontamentos foucaultianos, além de desafiar o conceito de verdade no discurso histórico e biográfico, redirecionam o debate para a questão da relação entre biografia e contexto, sugerindo a necessidade de desconstruir a ideia

de que a época, o ambiente e o contexto social são fatores determinantes para definir uma atmosfera capaz de explicar a singularidade das trajetórias. Não se trata de reduzir as ações dos sujeitos “a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais.” (Levi, 1996, p. 176).

Ao abordar os dilemas e impasses na produção dos memoriais acadêmicos, Rego (2014, p. 784) leva em consideração esses elementos sobre a escrita (auto)biográfica destacados por Bourdieu e Levi.

Todavia, o que nem sempre parece ficar suficientemente claro é que nenhuma (auto)biografia (em forma de livro, filme ou documentário), por mais bem elaborada que seja, conseguirá reconstituir o personagem na sua complexidade e integridade, tampouco o tempo vivido na sua inteireza. Ela será sempre um olhar, um recorte entre muitos outros possíveis, que busca apreender e registrar, a posteriori, a complexidade de um ser humano, que sempre é múltiplo, dinâmico, composto pelas experiências vividas e imaginadas, pelas fantasias e projetos sonhados e realizados. Assim como nenhuma pessoa cabe inteiramente em uma biografia, nenhuma biografia é definitiva. Ou seja, nenhuma narrativa de cunho autobiográfico será capaz de esgotar a labiríntica figura daquele que a escreve ou que a narra.

Feito esse exercício sobre as conexões entre as (auto) biografias e os memoriais na perspectiva da História, minha área de formação e atuação – inclusive na condição de autor de um estudo versando sobre as escritas de si e dos outros sobre o historiador-diplomata brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) no contexto do Segundo Reinado (Ribeiro, 2015) –, coloco-me no exercício intelectual da

escolha de como estabelecer as travessias da minha vida acadêmica e profissional para o processo de promoção para professor titular na área de História, no Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), desde o meu ingresso na carreira docente no sistema federal de ensino superior, em 4 de agosto de 2008.

Por princípio, afirmo que esse memorial, para além dos protocolos e normas institucionais, é um mosaico de fragmentos de lembranças, registros de arquivos, fatos, afetos e emoções. Entendo esse ato de escrita como um exercício de memória, seguindo os conselhos do mestre Antonio Candido (2012, p. 15), ao advertir que lembrar é uma tentativa de “manter na mão o fio que nos liga a nós mesmos” nas constantes transformações que vivemos a cada momento:

[...] a memória é um laboratório oculto onde se dão à nossa revelia combinações inesperadas e arbitrárias. É ilusório pensar que seja um depósito ou arquivo, nos quais ficam guardadas as recordações, que podemos retirar e consultar como se reproduzissem exatamente os acontecimentos idos e vividos. Nada disso. No entanto, ela é o recurso de que dispomos para sentirmos a própria identidade e sabermos se ainda somos mesmo nós, na caudal do tempo que nos modifica sem cessar.

Um dos começos possíveis dessas travessias da minha vida parte da minha identidade de historiador que se reconhece como professor. Antes de abraçar a História como área de formação desejava, desde os anos finais do Ensino Fundamental, em meados dos anos 1990, *ser professor*. Por vezes, em virtude das pressões sociais, afirmava abraçar o Direito. Não seria juiz, promotor ou advogado, mas professor-formador nas Ciências Jurídicas. Independentemente

da nomenclatura do curso de graduação a fazer, havia uma escolha fixada naquilo que imaginava para o meu futuro (presente): a docência. Admirava meus professores e professoras nos tempos de escola, em Votuporanga, no interior de São Paulo. Achava incrível a sabedoria, o rigor, o senso crítico e o compromisso daquelas pessoas que representavam a possibilidade de acesso a um mundo desconhecido por meio da leitura e da escrita.

Zaida, Carlos, Clara, Maria Lúcia, Ademar, Maria Helena, Gillen, Humphreys e Giles, são nomes que compõem minha cartografia de aprendizagem escolar entre as cidades de Votuporanga (Brasil) e Salt Lake City (EUA). E é a partir desse reencontro com essas memórias de afetos e reconhecimento intelectual que inicio o meu memorial. Não o faria sem a companhia desses nomes que compartilharam parte de sua existência e saberes comigo, porque não se anda só nesse mundo como um “lobo da estepe”.

Este memorial, publicado em formato de livro, é, portanto, mais do que um relato de conquistas acadêmicas, mas um tributo às pessoas presentes na minha formação humana e intelectual, das lições aprendidas em casa às oportunidades que a universidade me proporcionou. É, também, uma reflexão sobre como pretendo continuar minhas travessias docentes, agora na condição de professor titular em História na UFSCar, para fortalecer o diálogo entre o ensino, a pesquisa, a extensão e o compromisso social da História com a sociedade.

Nestas travessias, cada dia representa uma luta contra o sofrimento, mesmo quando as dores a serem enfrentadas são as de quem escreve este texto. Afinal, somos [aqui retomo uma dimensão coletiva de existência] humanos,

demasiadamente humanos. Como disse Edward Said (1998, p. 250), em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*,

Com efeito, a vocação do intelectual é essencialmente aliviar de alguma forma o sofrimento humano e não celebrar o que, na verdade, não precisa de comemoração, seja o Estado, a pátria ou qualquer desses agentes triunfalistas de nossa sociedade.

Ao adentrarmos a esfera pública, seja na sala de aula, na vida em comunidade ou em qualquer outro espaço, não podemos temer a controvérsia ou deixar de assumir nossas posições. Insistimos: não devemos fechar os olhos para o sofrimento humano. Para o autor de *Orientalismo*, não havia nada mais irritante e

[...] enlouquecedor em nossa época do que as pessoas que afirmam: 'Ah, não, não, isso é controvertido, não quero fazer'. Ou o refrão oportunista habitual: 'Não, não posso assinar porque, sabemos como é, posso causar confusão e as pessoas podem pensar mal de mim'. Mas, como disse Jean Genet, no momento em que você escreve alguma coisa, já está necessariamente na esfera pública. Você não pode mais fingir que está escrevendo para si mesmo. Isso nos leva a questões que têm a ver com mídia, ou seja, a discussão pública e a publicação.

[...] parece-me que um dos principais papéis do intelectual na esfera pública de hoje é funcionar como uma espécie de memória coletiva: lembrar o que foi esquecido ou ignorado, fazer conexões, contextualizar e generalizar a partir do que aparece como 'verdade' definitiva nos jornais ou na televisão, o fragmento, a história isolada, e ligá-los aos processos mais amplos que podem ser produzido a situação de que estamos falando, seja a situação dos pobres, a política externa americana etc.

Assumindo nossas posições como defensores da história, desejamos que nossas vidas sejam uma constante reinvenção da existência, a mais bela obra de arte a ser criada e recriada mesmo em contextos tão adversos e dolorosos de intolerância, ódio e violência. E, assim como as grandes obras, almejamos que nossos sentimentos mais profundos ultrapassem os limites do que é passível de ser dito. Esses sentimentos, tal qual as grandes obras, como nos lembrou Albert Camus (1989, p. 30) em *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*,

[...] significam sempre mais do que têm consciência de dizer. A constância de um movimento ou de uma repulsão da alma se reconhece em hábitos de fazer ou de pensar e se persegue em consequências que a própria alma ignora. Os grandes sentimentos trazem junto com eles seu universo, esplêndido ou miserável. Com sua paixão, aclaram um mundo exclusivo onde reencontram seu próprio clima.

Quem sabe, em um futuro próximo, deixemos de ser um pouco estranhos a nós mesmos, estrangeiros neste admirável mundo fragilizado. E que não tenhamos receio de repetir as belas palavras de amor de Lucien Febvre [1941], proferidas diante de uma plateia de jovens historiadores (ainda hoje me pergunto quais sentimentos, tonalidades e emoções este historiador teria evocado naquele momento):

E, porque tenho a felicidade de saber nesta sala de jovens decididos a consagrar a vida à investigação histórica, é com firmeza que lhes digo: para fazer história, virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais nada vivam. Envolvam-se na vida. Na vida intelectual, sem dúvida, em toda a sua variedade. Historiadores, sejam geógrafos. Sejam também juristas e sociólogos, e psicólogos; não fechem os olhos ao grande movimento que

a vossa frente, transforma, a uma velocidade vertiginosa, as ciências do universo físico. Mas vivam, também, uma vida prática. Não se contentem em presenciar da costa, preguiçosamente, o que se passa no mar em fúria. Dentro do braço ameaçado, não sejam como Panurge que se macula de medo varonal, nem mesmo como o bom Pantagruel, que se contenta, abraçado ao mastro grande, com levantar os olhos ao céu e implorar. Arregacem as mangas, como Frei João. E ajudem os marinheiros na manobra.

É tudo? Não. Não é mesmo nada, se vocês continuarem a separar a ação do pensamento, a vida do historiador da vida do homem. Entre a ação e o pensamento, não há separação. Não há barreira. É preciso que a história deixe de vos aparecer como uma necrópole adormecida, onde só passam sombras despojadas de substância. É preciso que, no velho palácio silencioso onde ela dorme, vocês penetrem, animados da luta, todos cobertos da poeira do combate, do sangue coagulado do monstro vencido – e que, abrindo as janelas de par em par, aivando as luzes e restabelecendo o barulho, despertem com a vossa própria vida, com a vida quente e jovem, a vida gelada da Princesa adormecida...

A unidade do mundo – do mundo dilacerado, quebrado, ensanguentado e que pede misericórdia: não serão as intervenções exteriores a restabelecê-la. Cada um tem de a refazer em si próprio, pelo acordo magnífico do seu pensamento profunda com a sua ação desinteressada, pela dádiva total, a única que libertará as nossas consciências da interrogação muda que eu lembrava ao começar, a única que, à grande pergunta: terei eu o direito? Nós permitirá responder com toda segurança reencontrada, sim. (Febvre, 1986, p. 40).

2. Cartografia das travessias nos tempos de formação escolar e acadêmica

No livro *A escrita da história*, Michel de Certeau (2000, p. 65) lançou um conjunto de questões fundamentais, para não dizer desconcertantes, sobre a profissão de historiador, que pauta a minha escrita desse memorial acadêmico:

O que fabrica o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão?

Para responder essas perguntas certeunianas, objeto de reflexões de muitos historiadores de diferentes matizes ao longo das décadas, recorro aos aprendizados desses professores dos tempos da escola. “O que fabrica o historiador quando ‘faz história’?” Produz formas de ser, sentir e saber o mundo em perspectiva histórica para jovens diante dos dilemas e impasses do tempo presente. “Para quem trabalha?” A serviço da sociedade em sua diversidade, com especial atenção para a potencialização da consciência histórica – percepção da vida/existência no tempo – de crianças e

jovens. "O que é esta profissão?" É um exercício de construção diário de leitura e interpretação das experiências pretéritas para a ampliação da cultura histórica da comunidade a partir dos arquivos, bibliotecas, museus, sítios arqueológicos e, principalmente, sala de aula (a rua, a vida pública). Enfim, com base nos aprendizados dos tempos de escola, sou um professor que abraçou a História como ofício de vida, com compromisso científico, ético e consciente das questões socialmente sensíveis.

Nesse sentido, aproximo-me da compreensão da História em *perspectiva dialógica* com o passado, nas palavras de Dominick La Capra (1983, p. 78):

Uma implicação prática dessas considerações é a possibilidade de reconstruir normas e convenções em formas que podem ser mais duradouras precisamente porque nos permitem argumentar melhor com o criticismo e com a contestação. A esse respeito, uma função do diálogo com o passado é aprofundar a tentativa de determinar o que merece ser preservado, reabilitado ou transformado criticamente na tradição.

A preocupação de La Capra estaria em elaborar uma compreensão histórica capaz de integrar os esforços documentais à interpretação, evitando a redução de textos complexos a meros reflexos de seu tempo. Ao minimizar ou tratar a interpretação como algo secundário, o historiador [professor de História] se transformaria em um mero observador que descreveria uma paisagem sem considerar seu ponto de vista, o que o colocaria em uma posição soberana e distanciada, como se fosse puro e onipresente.

Além disso, La Capra defendia que o passado só adquiriria sentido quando fosse abordado a partir de uma questão específica, inserido em um quadro de referências que selecionaria

o olhar e construiria a própria resposta. Assim, a interpretação do historiador [professor de História] não seria algo secundário ao trabalho documental; ela seria parte essencial de sua historicidade, e não um anacronismo desajustado.

Esse exercício dialógico com o passado significa na vida fazer travessias, uma vez que permite o caminhar, o percorrer, para o desconhecido (conhecimento histórico). Ao lembrar dos tempos de formação escolar em Votuporanga (1987-1997), passando pela Escola Estadual Prof. João Batista Budin Filho (pré-escola até 7ª série), Escola Estadual Prof. Cicero Barbosa Junior (8ª série) e Escola EVE/Objetivo (Ensino Médio), encontro em meus professores as referências que criaram as condições para o meu encontrar no mundo como professor de História. Aqui estabeleço conexões das tramas de uma aprendizagem do meu passado com o que observo como o ato de ensinar no tempo presente. O que alguns chamariam de legado, denomino minha bagagem de aprendizados, como sugeriu Helenice Rocha (2009).

Na prática de sala de aula, o professor precisa ter em mente uma concepção flexível sobre o problema da compreensão, pelos estudantes, dos conteúdos, conceitos e abordagens da sua disciplina. Rocha (2009, p. 81-82) definiu essa compreensão como uma

[...] operação realizada na leitura, como construção de sentidos para além do que está escrito, envolvendo tanto o que está no texto da aula, quanto o “fora do texto” que o aluno leitor traz para essa operação. Assim, quando o professor apresenta o conteúdo programático da história para seus alunos, de uma forma ou de outra conta com uma “biblioteca” de leituras e vivências, sua e dos alunos, que poderá contribuir na atribuição de diferentes sentidos ao conteúdo e à própria disciplina.

As aulas de História [e de qualquer outra disciplina], sob essa perspectiva, assumem a condição de espaço de emergência da escrita da história escolar – um conjunto de narrativas, memórias, saberes e experiências produzido, em diferentes contextos, por professores e estudantes.

A professora Zaida, na 1ª série, alfabetizou-me com a descoberta do mundo dos livros infantis e o desejo de saber contar histórias. Com ela encontrei a alegria em ganhar livros como presente. O professor Carlos apresentou-me nas aulas de Matemática, na 6ª série, pela primeira vez, as suas memórias da repressão e censura na ditadura militar, algo adormecido na história política de um Brasil que se democratizava no final dos anos 1980. A professora Clara, que de forma disciplinada, investia no enriquecimento da minha redação dissertativa, lembrando que a gramática era política. A professora Maria Lúcia, diante de um estudante da 8ª série inquieto e fascinado pelas ideias do que seria socialismo descrito no livro didático *História & Vida*, do Nelson Piletti, orientou que o abraçar ideias passa pelo percorrer as estantes da biblioteca em busca de informações. E se viu perplexa quando o mesmo estudante apareceu dias depois com um exemplar de *O Capital*, de Karl Marx. A leitura pretensiosa não foi possível, mas serviu de indicativo de qual seria o minha oficina de estudo. O professor Ademar, nas aulas de Geografia no Ensino Médio, desconcertou-me ao falar de geopolítica e globalização a partir de trechos de textos de Yves Lacoste e Milton Santos. Suas aulas e indicações de leitura ajudavam a aprimorar as redações para a disciplina de Língua Portuguesa. Afinal, a redação sempre foi o tabu para o famigerado vestibular. A professora Maria Helena, com as suas análises fascinantes sobre a história da literatura brasileira,

quase me convenceu a ir para a área de Letras na inscrição do vestibular. Acabou sendo a minha segunda opção para concorrência de vagas na Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Quiseram as travessias da vida acadêmica que tempos depois eu atuasse como professor permanente na área de Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), abordando temas como literatura, história e narrativas.

Atravessando o mapa rumo ao hemisfério norte, nos Estados Unidos, durante o intercâmbio estudantil pelo Rotary Internacional com bolsa de estudos (1996-1997), na cidade de Salt Lake City, em Utah, conheci o professor Lamar Gillen, que, em suas aulas de História dos Estados Unidos, sempre recorria a um exercício de travessia com o jovem estudante brasileiro, a fim de saber como determinado tema era ensinado fora das fronteiras das terras do *Tio Sam*. O contraponto era a métrica das aulas do professor Lamar Gillen, um descendente de família irlandesa que sabia, pelas memórias dos pais e avós, o que era imigrar para sobreviver. Adorava fazer meu lanche na sua sala durante o intervalo, a conversa passava pela política no Brasil e Estados Unidos. A professora Humphreys, nas aulas de Literatura Inglesa, me abriu o mundo para autores como Mark Twain, Arthur Miller, F. Scott Fitzgerald, John Steinbeck e Ernest Hemingway. Além das atividades de leitura e interpretação de texto, havia o sofrimento dos “quizzes” de vocabulário dos romances. Fiquei tão obstinado em aprimorar o vocabulário com essas avaliações da professora Humphreys, que recebi de presente da família que me hospedou lá, um dicionário de sinônimos de Cambridge. A professora Leslie Gilles, da disciplina de Teatro, me desafiou

a mergulhar na História do Teatro e a fazer uma encenação de um monólogo de William Shakespeare (em inglês) com direito a figurino de época. Na primeira aula, ao saber que era estudante brasileiro, a professora Gilles me disse, para minha alegria, que era fã da *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque de Holanda.

De volta ao Brasil, em julho de 1997, decidi prestar vestibular para o curso de História, uma escolha que inicialmente enfrentou resistência familiar, mas que foi reforçada pelo apoio de professores como Zaida, Maria Lúcia e Ademar, que me incentivaram a seguir minhas paixões. Fui aprovado simultaneamente na FUVEST/USP e na Unicamp, optando por esta última devido ao seu currículo inovador, à proximidade com a pesquisa desde os primeiros semestres e à biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), conforme descrito na revista de divulgação da instituição. Eu havia conhecido a Unicamp anos antes do meu ingresso porque o meu irmão, Roni, estudou Ciências Econômicas lá entre 1993 e 1997. Ouvia dele muitas histórias sobre as aulas, as festas, a vivência acadêmica e as lutas do movimento estudantil.

Meu irmão era leitor voraz de romances de Machado de Assis, F. Dostoiévski, Eça de Queiroz e Agatha Christie, reconhecido pelos professores da nossa escola como um escritor de redações de excelência. Ele não era de muita conversa comigo, talvez por conta da nossa diferença de quase cinco de idade, mas sempre cuidou de mim para nossos pais trabalharem e vigiava meus estudos para saber se estava indo bem das notas.

Quando entrei na 1ª série do Ensino Fundamental e comecei a ler livros infantis, Roni me introduziu ao hábito de frequentar bibliotecas e ao prazer da literatura. Ele me incentivou a

fazer minha primeira carteirinha na Biblioteca Municipal Castro Alves, uma experiência que abriria as portas para o vasto mundo dos livros. Lembro que, os primeiros livros da minha carteirinha, foram os volumes da coleção *Asterix e Obelix*. Sempre me fazia lista de livros que seriam essenciais para a minha formação humana: Júlio Verne, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Honoré Balzac, Stendhal, Giuseppe Lampedusa, Hermann Hesse, Oscar Wilde, F. Dostoiévski, Milan Kundera, Eduardo Galeano. Até hoje a lista não falta em nossas conversas.

Ingressei no curso de Bacharelado e Licenciatura em História, da Unicamp, em março de 2008. Fui acolhido pelos amigos do meu irmão da época da graduação na Casa M12-A da Moradia Estudantil da Unicamp. Nessa casa, por 5 anos, construí laços de amizade e afeto com estudantes-moradores de diferentes áreas como Física, Educação Física, Engenharia Elétrica, Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos e História. Ali aprendi muito sobre parceria, lealdade e vidas compartilhadas, em especial com o Alexandre Abdalla Araújo. A convivência nos espaços da moradia, com toda a diversidade de histórias e ideologias políticas, ajudou a construir muito da minha consciência social sobre direitos e cidadania. A Moradia Estudantil, ao lado do Restaurante Universitário e das políticas de permanência da Unicamp, foi fundamental para o sonho de fazer uma graduação numa universidade pública de excelência.

A Unicamp me abriu as portas para um mundo de possibilidades profissionais e de formação intelectual. Adorava o campus, todo arborizado e com espaços de vivências. As cantinas e os banquinhos da “Pós do IFCH” eram nosso ponto de encontros, leituras, estudos e conversas. As bibliotecas das unidades eram incríveis, com acervos diversificados nas

diferentes áreas do conhecimento. A Biblioteca do IFCH, Prof. Dr. Octavio Ianni, detém um dos maiores acervos das Humanidades no Brasil. A gente se perdia nos corredores da biblioteca. Os acervos de obras raras da Biblioteca do IFCH e da Biblioteca Central são um patrimônio de valor incalculável para toda a comunidade acadêmica brasileira. Além das bibliotecas, a instituição possuía o Arquivo Central, o Centro de Memória da Unicamp e o Arquivo Edgard Leuenroth. Eu era assíduo frequentador das bibliotecas do IFCH, dedicando grande parte do dia fazendo leituras e fichamentos de textos para as aulas e pesquisa de iniciação científica. Também gostava de perambular pelos acervos da Biblioteca do Instituto de Linguagem (IL) e da Biblioteca da Faculdade de Educação (FE).

Durante o primeiro ano do curso trabalhei como estagiário – via bolsa trabalho do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) – na Biblioteca da FE, adquirindo aprendizados básicos sobre gestão e biblioteconomia com profissionais acolhedores e comprometidos com aquele acervo e atendimento à comunidade. Pude ajudar na alimentação das informações das obras no *site* do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU) e digitação da lista de livros em aquisição pelo projeto FapLivros, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Quando não havia demandas de trabalho, ocupava o tempo fazendo leituras e fichamentos dos textos para as disciplinas.

Os estudantes da Unicamp, tanto da graduação, quanto da pós-graduação, passavam o dia todo na instituição envolvidos com atividades das aulas, grupos de estudos, projetos de pesquisa e extensão, eventos ou mesmo para a sociabilidade. Havia uma infraestrutura na instituição que permitia a permanência dos estudantes, pesquisadores, técnicos e professores no complexo da cidade universitária.

A decisão de cursar História na Unicamp foi mais do que uma escolha acadêmica, foi um marco em minha vida, uma das mais importantes travessias. A Unicamp oferecia, não apenas excelência acadêmica, mas também uma estrutura inclusiva, com turmas menores e oportunidades de aproximação com os professores. Permaneci na instituição como estudante da graduação e pós-graduação por mais de uma década. A Unicamp me formou para a vida e tenho orgulho de ter sido estudante dessa universidade. Ali construí uma rede de referências afetivas e intelectuais que estão presentes até hoje. Amigos de formação que se encontram em diferentes instituições de ensino e pesquisa no Brasil e no exterior.

No curso de História as dinâmicas das aulas eram permeadas com atividades teóricas e seminários de pesquisa. Era um curso que investia no diálogo entre a historiografia e as fontes/acervos de pesquisa. Tive o privilégio de ser estudante em disciplinas ministradas por nomes relevantes da historiografia brasileira como Paulo Miceli, Silvia Hunold Lara, Izabel Marson, Edgar De Decca (1946-2016), Margareth Rago, Pedro Paulo Funari, José Roberto do Amaral Lapa (1929-2000), Michael Hall, Celia Maria Marinho de Azevedo, Eliane Moura Silva, Leandro Karnal, Claudio Batalha e Ernesta Zamboni. O currículo tinha 50% das disciplinas do núcleo de obrigatórias e 50% de eletivas ou optativas. As disciplinas eletivas ou optativas, conhecidas como “Tópicos Especiais em História”, contemplavam temas de interesse de pesquisa dos professores ou demandas dos estudantes apresentadas para a coordenação de curso.

No curso de graduação, tive disciplinas com docentes que marcaram a minha formação pela abordagem temática e as indicações de leituras, constituindo minha bagagem como

professor de História. No primeiro ano tive, na disciplina de Introdução ao Estudo da História, o encontro com o professor Paulo Miceli, que seria a minha referência intelectual e de vida, por sua sensibilidade e abertura para temas como memória, cultura e Ensino de História.

Paulo é um humanista, erudito e amável. Quando penso numa inspiração como professor tenho em seu nome minha referência. Além de orientador de iniciação científica, mestrado e doutorado, encontrei um amigo, alguém de casa. Ele me ofereceu oportunidades de pesquisa e trabalho fundamentais para as travessias da formação e inserção no mundo profissional. Por meio de sua indicação, atuei como pesquisador no projeto CBO 2000, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Serviço Nacional da Indústria (SENAI), entre 2001 e 2002, ao lado de Ialê Falleiros, Janaina Valéria Camilo e Marili Bassini. Depois, trabalhei na monitoria, ao lado de um grupo de amigos do curso – Tomaz Barnezi, Livia Tiede, Glaucia Fraccaro, Marcos Rabelo, Marili Bassini, Daniela Vianna, Karoline Carula, da exposição *O Tesouro dos Mapas*, financiada pela Instituto Cultural Banco Santos e com a curadoria do Paulo Miceli, entre março e outubro de 2002. Já no mestrado, pude atuar como professor formador no Programa Teia do Saber, na área de Ciências Humanas, um curso de formação continuada para professores da educação básica da rede estadual de ensino paulista, a partir de um convênio entre a Unicamp e Secretaria de Estado de Educação de São Paulo (SEE-SP). Paulo sempre foi um conselheiro nas minhas decisões acadêmicas, profissionais e pessoais.

Quando prestei concurso para professor efetivo para área de Ensino de História, na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), em 2006, já cursando o doutorado, ele me

orientou na preparação de temas da prova escrita e didática e na montagem do meu currículo. Não esqueço que o meu orientador fez questão de me levar de carro até a rodoviária de Campinas para viajar a São Paulo e embarcar de avião para Cuiabá. No percurso até a rodoviária contou histórias, aconselhou e falou muitas palavras de confiança, necessárias para quem estava correndo o mundo atrás de um sonho. Mesmo depois de encerrado os tempos de formação, sempre contei com a presença do meu amigo-orientador em suas idas à Cáceres e Cuiabá. Mato Grosso entrou na minha cartografia profissional e acadêmica por conta do Paulo, pois desenvolvia, desde o final dos anos 1990, projetos de formação continuada de professores no Araguaia, por meio da Unemat – “Programa Parceladas”, e tinha amigos e ex-orientados na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT): Regina Beatriz Guimarães, Oswaldo Machado Filho, Matilde Araki Crudo e Ana Carolina Borges. Na Unemat, em Cáceres, orientou no curso de doutorado em História também a professora Maria do Socorro Araújo, que me recebeu quando da mudança para ingressar como docente efetivo no Departamento de História. Paulo, com a sua sensibilidade ímpar, apresentou para o mundo acadêmico a figura inesquecível de Dom Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, referência para a história da Teologia da Libertação e da resistência contra a violência no mundo agrário em Mato Grosso. Paulo foi um dos responsáveis pela indicação do nome do bispo para o título de “doutor honoris causa” na Unicamp.

Na disciplina de História Antiga, também no primeiro do ano do curso, conheci o professor Pedro Paulo Funari, uma das referências em Antiguidade clássica e Arqueologia Histórica no Brasil e com relevante produção e circulação

no exterior. Suas aulas foram fundamentais para a minha formação em metodologia de pesquisa e hermenêutica dos documentos. Pedro Paulo nos explicou como fazer fichamentos, relatórios de leitura, resenhas e monografia, sempre tendo o cuidado de retornar nossas atividades com anotações e sugestões. Incentivava que a gente investisse na formação em outras áreas e no aprendizado de idiomas. Era sempre generoso na indicação de leituras para os temas de interesse em sala de aula e promovia eventos com pesquisadores de referência na área de História Antiga de instituições nacionais e internacionais.

Pedro Paulo abraçou o meu interesse em pesquisar as representações sobre os professores de História no discurso curricular e historiográfico no Brasil pós-ditadura militar. Era um leitor crítico dos meus textos e projetos de pesquisa. Paulo, no papel de orientador, sempre me incentivava que eu dialogasse com outros pares sobre o tema da minha pesquisa. Pedro Paulo foi meu orientador de estudo dirigido e me apresentou os textos de Paulo Freire e a sua revolucionária tese da “pedagogia do oprimido”. Foi membro da minha banca examinadora de monografia de conclusão de curso e da banca de seleção de mestrado, em 2001, na linha de “Gênero, Cultura Material e Subjetividades”, no Programa de Pós-graduação em História (PPGH). Pude, na pós-graduação, frequentar suas disciplinas de Arqueologia Histórica e Tópicos Especiais em História Cultural.

A coragem de escrever e publicar artigos científicos, ainda na graduação, é fruto das orientações do Pedro Paulo a partir da leitura crítica dos meus relatórios de iniciação científica. Aprendi com o professor a valorizar a cultura de escrita de resenhas, algo que sempre tive um prazer imenso em fazer.

Quando escrevo um texto, sempre tenho o Pedro Paulo como a minha referência de leitor. Tive o privilégio, depois de formado e atuando como professor no ensino superior, de compartilhar dos conhecimentos e da generosidade do Pedro Paulo em mesas redondas e bancas de defesa de doutorado.

Se eu pudesse indicar um nome essencial para as traves-sias da minha pesquisa na graduação e na pós-graduação em termos de mudanças de objeto de estudo e consolidação de referencial teórico na História Cultural, seria da professora Eliane Moura Silva, pesquisadora reconhecida no campo da História das Religiões no Brasil, e minha professora nas disciplinas optativas de História das Religiões, no segundo e terceiro ano. Com ela tive o privilégio de conhecer em profundidade os autores da História Cultural como Michel de Certeau, Roger Chartier, Lynn Hunt, Robert Darnton e Carlo Ginzburg. Suas aulas expositivas eram roteiros vitais para a leitura e compreensão das teses de obras por vezes de difícil enfrentamento. Eu me sentia confortável em expor minhas dúvidas e dificuldades com a professora nas aulas ou nas conversas na sua sala de trabalho, que era o “ponto de encontro” dos orientados da linha de pesquisa “Gênero, Cultura Material e Subjetividades” da pós-graduação.

Graças à sua capacidade de observação e leitura dos projetos de pesquisa, o meu tema de estudo do mestrado migrou da história de vida dos professores de História paulistas para a história das representações dos povos negros nos livros didáticos de História do Brasil, produzidos entre 1950 e 1980, a partir do diálogo com a historiografia da escravidão e da resistência dos escravizados. Ela sugeriu esse novo percurso de pesquisa a partir de uma conversa com as professoras Celia Maria Marinho de Azevedo e Izabel Marson, na Comissão de

Bolsas do PPGH/IFCH. Embora reconhecessem os méritos do projeto de pesquisa originalmente apresentado para a seleção de mestrado, as professoras observaram que havia um interesse manifesto por mim nas disciplinas de História do Brasil Império e História Comparada do Racismo, na graduação, em fazer esse debate sobre raça, racismo, historiografia brasileira e livros didáticos. Eliane, com a anuência do Paulo, não pensou duas vezes em ter essa conversa franca e propositiva em sua sala de trabalho junto com o professor Karnal.

Eliane, mesmo com sua agenda de trabalho, encontrou tempo para assistir minha defesa da dissertação de mestrado, em agosto de 2004, com o tema dos discursos da raça nos livros didáticos de História do Brasil, produzidos entre 1860 e 1990, ao lado do professor Josué Pereira da Silva, docente do Departamento de Sociologia e companheiro da professora Celia. Eu sempre encontrava o Josué nos cafés e reuniões de trabalho com a Celia, principalmente durante as atividades do mestrado. Construí com eles uma relação de amizade e cumplicidade para toda uma vida além da Unicamp. Até hoje mantemos contato por e-mail relatando histórias sobre leituras, trabalho e paternidade.

Depois da defesa de mestrado, com a banca examinadora formada pelo meu orientador e as professoras Maria do Carmo Martins e Celia Marinho e, motivada pelas discussões e sugestões durante a arguição pensando nas pesquisas futuras, Eliane me perguntou, em uma conversa na rampa de acesso para as salas de aula do IFCH, o que eu pensava em apresentar como tema para o doutorado. Nem havia conversado com o Paulo sobre a possibilidade de continuidade da formação na pós-graduação. Disse para a professora que pensava em estudar o discurso sobre a ideia de nação nos

manuals escolares de História do Brasil do Colégio Pedro II, na segunda metade do século XIX. A partir dessa ideia, ela foi além e sugeriu que eu pesquisasse a construção de ideia de “Brasil colonial” a partir dos letrados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), grêmio fundado em 1838, no Rio de Janeiro, e importante espaço de construção da memória nacional no Império. Com certeza, segundo a minha interlocutora conselheira, eu acharia a chave cronológica e temática que se perpetuaria na narrativa da História do Brasil presente nos livros didáticos e manuais adotados nos cursos de graduação em História. E ali nasceu o projeto de pesquisa que permitiu o meu ingresso no curso de doutorado, em 2005, na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidade na América Luso-Espanhola”, sob a orientação do Paulo.

No segundo ano do curso de graduação, tive a disciplina de História do Brasil Império, com a professora Izabel Marson, reconhecida pelas suas pesquisas sobre a história da Revolução Praieira em Pernambuco e a história intelectual de Joaquim Nabuco. Nessa disciplina, a professora abordou os projetos de construção do Estado luso-brasileiro e de independência do Brasil a partir dos diálogos com a historiografia brasileira: Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Raymundo Faoro, Paula Beiguelman, Fernando Antonio Novais, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Raquel Glezer e José Murilo de Carvalho. Na disciplina tive a oportunidade de conhecer os estudos originais de Ilmar Rohloff de Mattos (1990), Maria de Lourdes Viana Lyra (1994) e Lara Lis Carvalho Souza (1999) versando sobre o imaginário e a cultura política no Brasil nos Oitocentos, com destaque para o contexto do processo de independência e formação do Estado imperial. Essas três obras foram fundamentais, anos mais tarde, na

construção dos contornos teóricos da minha tese de doutorado, defendida em agosto de 2009.

Na disciplina de História do Brasil Império, Izabel abordou, também, o debate historiográfico acerca da transição do trabalho escravizado para o trabalho livre no Brasil, tendo, por referência, as teses apresentadas por autores como Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Emilia Viotti da Costa, Iraci Galvão Salles e Celia Maria Marinho de Azevedo. Ao discorrer sobre os mitos em torno do discurso abolicionista e as formas de resistências dos povos negros escravizados em busca da liberdade, a professora nos apresentou as obras de Leila Mezan Algranti (1988), Silvia Hunold Lara (1988), Celia Maria Marinho de Azevedo (1987) e Sidney Chalhoub (1990). A partir dos anos 1980, esses autores, por meio de diferentes abordagens e de diversificado acervo documental (como, por exemplo, processos criminais e testamentos), contestaram a passividade dos negros escravizados, compreendendo-a como uma construção histórica datada. Com base na análise de distintas situações nas paisagens urbanas e rurais e realidades históricas, estes estudos demonstraram que os escravizados tiveram, por meio de motivações próprias, um relevante papel no desmonte do regime da escravidão no Brasil. (cf. Ribeiro, 2004; Ribeiro, 2008b; 2013b).¹

As leituras e discussões de História do Brasil Império, promovidas por Izabel, foram fundamentais para a construção das análises presentes na dissertação de mestrado (2004), na tese de doutorado (2009) e na formulação dos planos de ensino das disciplinas de História do Brasil Império,

1 A professora Sílvia Lara ministrou para minha turma as disciplinas de Metodologia da História (1998) e História do Brasil Colônia (1999). Já a professora Leila Mezan, no curso de doutorado, coordenou os Seminários de Pesquisa – “Cultura e Sociabilidade na América Luso-Espanhola”, no primeiro semestre de 2005.

História Social do Brasil e História Política do Brasil, que ofertei nos cursos de Licenciatura em História na UFMT e, posteriormente, Bacharelado em Ciências Sociais, na UFSCar, ao longo dos anos. Tive o privilégio de ter a Izabel na minha banca de defesa de doutorado versando sobre Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção do Brasil Colonial no Brasil Império (1838-1860), ao lado do meu orientador e dos professores Oswaldo Machado Filho, Glaydson José da Silva e Janaína Valéria Camilo. As considerações da banca examinadora, com destaque para a Izabel, foram fundamentais para a revisão do texto para publicação em livro, no ano de 2015, pela Editora Entrelinhas.

O livro *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*, de autoria de Celia Maria Marinho de Azevedo (1987), foi uma das leituras da disciplina de História do Brasil Império que mais me envolveu pela sua abordagem sobre as formas de resistência das populações negras escravizadas na cena urbana de São Paulo, na segunda metade do século XIX, e a sua ênfase na compreensão na história da construção do discurso racista nas elites políticas nacionais. A minha cópia do livro estava toda com marcas de fichamento e anotações ao final da disciplina. Contudo, não havia, até aquele momento, tido aula com a referida professora e a experiência do primeiro contato foi em uma discussão dela com os veteranos que invadiram sua aula no Curso de Ciências Sociais, durante o trote da minha turma, em 1998, no IFCH. Foi um momento de muita tensão e fiquei envergonhado pelo fato da docente ter sido muito desrespeitada. Sempre que a encontrava nos corredores a cumprimentava de forma

constrangida, pois achava que ela poderia me achar parte daquela confusão. Coisa de calouro com suas encanações e ingenuidade de quem veio da lógica disciplinar da escola.

Durante a disciplina optativa de História das Religiões, ofertada no período noturno, a professora Eliane convidou a turma para celebrar o seu aniversário em sua casa. Fomos em seu carro, eu e os meus amigos Leila Maria Massarão, Mairon Escorsi Valério e Luís Guilherme. Nessa ocasião estavam outros professores da universidade como Paulo, Karnal, Celia e Josué. Conversa vai, conversa vem, de repente a Celia se apresentou para mim, perguntando sorrindo porque eu ficava tão tímido quando a encontrava pelos corredores do instituto. Ao explicar o motivo do constrangimento, ela deu muita risada, dizendo que nem lembrava do episódio. Conteí do impacto da leitura do seu livro nas aulas de História do Brasil Império e do tema da minha iniciação científica. Ela relatou a história de como foi a pesquisa do mestrado que deu origem ao livro e dos seus temas recentes de interesse sobre a história da maçonaria e a escravidão no Brasil. Na despedida, disse para eu ir na sua sala de trabalho na próxima semana para uma conversa e que teria um presente para mim.

Na data combinada, no período da tarde, fui até sua sala de trabalho e a professora me recebeu com um exemplar do seu livro autografado. Conversamos por um bom tempo antes da próxima agenda de reunião de orientação. Quis saber de onde eu vinha, a razão de optar pelo curso de História e o que achava das aulas. Em seguida, convidou-me para fazer, no semestre seguinte, sua disciplina optativa sobre História Comparada do Racismo. Eu, Mairon e Gláucia, amigos e colegas de turma, nos matriculamos na disciplina ofertada no primeiro semestre de 2000. Durante as aulas estudamos

as teses raciais no pensamento científico e acadêmico e as políticas racistas presentes no Brasil, Estados Unidos e África do Sul. Entre as leituras estavam as obras de Christian Delacampagne, Robert Miles, Stephen Jay Gould, Hannah Arendt, Sueli Carneiro, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Fernando Henrique Cardoso, George Reid Andrews, Marcos Chor Maio, Barbara Fields e Nancy Stepan. Como trabalho final da disciplina, apresentamos uma monografia sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História produzidos no Brasil durante os anos 1980 e 1990, dando destaque para a análise dos aspectos ligados à questão da discriminação e do preconceito racial. A ideia de agregar o tema do racismo com os livros didáticos partiu da Gláucia e eu e Mairon abraçamos a proposta.

A partir do resultado desse trabalho final de disciplina, Celia nos convidou para fazer as adequações no texto para ser publicado em formato de livro na *Coleção Cadernos da Graduação* do IFCH. A coletânea intitulada *O negro em folhas brancas: ensaios sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História do Brasil (últimas décadas do século XX)* teve seu lançamento em meados de 2002, pela Gráfica do IFCH-Unicamp. O texto contou com a revisão e recomendações dos professores Paulo, Pedro Paulo, Eliane e Karnal.

Considerando o meu envolvimento com a edição do livro, entre junho de 2000 e novembro de 2001, estabeleci uma convivência muito próxima com a Celia, inclusive com orientações sobre as possibilidades de futuras pesquisas sobre o tema. Isso explica o fato, também, da mudança do meu objeto de estudo após o ingresso no curso de mestrado no PPGH da Unicamp. A partir das leituras e discussões da disciplina

Tópicos Especiais em História Cultural, no primeiro semestre de 2002, a ênfase da pesquisa fez uma nova travessia, partindo das representações sobre o negro nos livros didáticos de História do Brasil para os discursos sobre a raça nos manuais escolares de História do Brasil, tendo como recorte espaço-temporal o período colonial. Durante essa disciplina, a professora Celia nos apresentou duas obras que pautariam a construção da minha metodologia de análise dos livros didáticos na perspectiva da História Cultural: *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*, de Roger Chartier (2002), e *Against Race: Imagining political culture beyond the color line*, de Paul Gilroy (2000).² Até hoje tenho guardado nos arquivos as anotações à mão da Celia para a arguição da minha dissertação de mestrado, apresentando uma sugestão de recorte temático na estrutura do texto para a publicação em formato de livro. Infelizmente as demandas que vieram com o curso de doutorado e, posteriormente, ingresso na carreira docente na universidade, não permitiram que eu retomasse esse exercício de reescrita da dissertação para um livro. Em todos os nossos encontros, sou lembrado pela professora sobre a necessidade de publicar a dissertação, mesmo que partes do texto tenham sido divulgados em artigos e capítulos – quem sabe consiga cumprir essa promessa numa próxima licença capacitação no Departamento. Reconheço que as sugestões de estrutura do texto da dissertação de mestrado feitas pela Celia, no dia da defesa, foram o norte para a redação da tese de doutorado mais tarde. Sempre recebo, pelos Correios, exemplares autografados de seus livros versando

2 A obra do Gilroy foi também muito recomendada pela professora Margareth Rago nas aulas do Seminário de Linha de Pesquisa, durante o curso de mestrado.

sobre temas como história da maçonaria, história da migração chinesa no Brasil e Estados Unidos e literatura infantil.

Tendo em vista minha atuação como um pesquisador e professor da área de Ensino de História, não poderia deixar de mencionar o papel da professora Ernesta Zamboni, que ministrou as disciplinas de Didática do Ensino de História e Prática de Ensino de História no último ano do curso. Sua tese de doutorado em Educação, intitulada *História, que História é essa? – uma análise dos livros paradidáticos em História*, defendida em 1991, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp, sob a orientação de Elza Nadai, é referência obrigatória para qualquer pessoa interessada em seguir seus estudos na área. Tive sugestões generosas de leitura oferecidas pela Ernesta durante o período de escrita da monografia de conclusão de curso e no desenvolvimento do mestrado.

Por intermédio da Ernesta, pude conhecer pesquisadores amigos como Luís Fernando Cerri, Maria do Carmo Martins, Aléxia de Pádua Franco, Raquel Sena Venera, Halferd Carlos Ribeiro Junior, Sonia Regina Miranda, Sandra Regina Oliveira, Valéria Filgueiras, Marlene Cainelli, Márcia Elisa Tete Ramos, Selva Guimarães, Margarida Dias de Oliveira, Flávia Eloisa Caimi, Marizete Lucini, Itamar Freitas, Kazumi Munakata – uma verdadeira rede de afetos e parcerias de eventos e publicações. Ela é uma das fundadoras da Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH), ao lado da Kátia Abud e Maria Auxiliadora Schmidt, em meados dos anos 1990.

Tive ricas oportunidades de ouvir as reflexões preciosas da Ernesta nas edições do *Seminário Perspectivas do Ensino de História e Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História* (ENPEH) pelo Brasil: Florianópolis (2011), Campinas (2012), Aracaju (2013) e Belo Horizonte (2014). No evento do ENPEH,

em Aracaju, recebi o seu convite para participar do processo de reestruturação da ABEH ao lado dos colegas da área e, entre 2017 e 2021, assumi, ao lado do amigo Luís Fernando Cerri a vice-presidência da entidade, tendo o compromisso de organizar a XII ENPEH na UFMT, em Cuiabá, no mês de novembro de 2019.

Em outubro de 2014, passei uma semana com a professora Ernesta na cidade de Erechim, no Rio Grande do Sul, quando participamos do Semana de História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), a convite dos amigos Mairon e Halferd. Foram dias agradáveis de boa conversa, histórias, cafés e vinho. Com certeza, a Ernesta, ao lado de Marcos Silva, Joana Neves, Déa Ribeiro Fenelon, Elza Nadai, Kátia Abud, Circe Bittencourt, Maria Auxiliadora Schmidt, Ana Maria Monteiro e Margarida Dias, mereceria um livro-biografia pela hercúlea missão de constituir o campo do Ensino de História no Brasil no contexto da travessia da ditadura militar para a democracia, nos anos 1970 e 1980.

Ao analisar esse momento dentro da história da educação no Brasil, Elza Nadai (1986, p. 111) afirmou que as

[...] respostas ao desafio de se pensar em práticas não tradicionais do Ensino de História bem como o de construir uma escola democrática foram surgindo em decorrência e paralelamente à ampla participação que os “excluídos do poder” – amplos setores da sociedade civil – promoviam a respeito da própria sociedade brasileira com o objetivo de superar o regime instaurado em 1964.

Tateando pelas paredes do túnel de vinte anos de regime de exceção, como nos lembrou o saudoso mestre José Roberto do Amaral Lapa (1985), professores e estudantes de História começaram, a partir desse momento, a vislumbrar um raio de luz que os conduziria a um novo tempo, em que

as únicas convicções eram as incertezas e a necessidade de repensar as práticas escolares e de reescrever a história, ou melhor, escrever outras histórias:

Nesta última etapa do túnel, certas precauções ainda devem marcar as nossas passadas. Só que não guardam mais a mesma natureza em relação àquelas que tivemos que ter ao longo desta caminhada de 20 anos, no espaço que nós é reservado ou no qual combatemos, nós historiadores.

É que o destreinamento que sofremos, tateando pelas paredes daquele espaço, iluminados às vezes apenas pelo tempo de duração da chama de um fósforo, pode cegar-nos agora diante da plena claridade que se entrevê e que, com certeza, deve haver lá fora. Por outro lado, não é desmedida prudência, neste trajeto final, perder de vista o risco de uma “meia-volta-volver”.

Nesse ínterim, intensificaram-se os debates acerca do conhecimento histórico, dando início a um diálogo aberto entre espaços e formas de produção, por intermédio de trocas de experiências cada vez mais frequentes na academia e no ensino de primeiro e segundo graus. As lutas profissionais, desde a sala de aula até as manifestações públicas, pelo retorno das disciplinas de História e Geografia nos currículos escolares e pela extinção dos cursos de Licenciatura Curta e Plena de Estudos Sociais, multiplicaram-se naquele período.

Os resultados dessas discussões e lutas profissionais, expressos em diferentes trabalhos, divulgados em encontros, livros e periódicos, possibilitaram a apresentação de diversas perspectivas que vêm constituindo as dimensões do ensino da História dentro da realidade educacional brasileira.³

3 Um mapeamento acerca da história do campo Ensino de História no Brasil pode ser consultado no excelente artigo de Margarida Maria Dias de Oliveira e Aryana Lima Costa (2007). Cf. também Oliveira, 2011.

Na convivência acadêmica nesse período de Unicamp pude conhecer pessoas incríveis de Campinas e de outras regiões do Estado de São Paulo e do país. Na turma de 1998 do curso, construí vínculos com a Gláucia, Thomaz (Gália) e Livia. Participávamos do mesmo grupo de seminário nas disciplinas da graduação e sempre nos encontrávamos para os cafés ou almoços e jantares no Restaurante Universitário. Adorava nossas reuniões de discussão de textos para seminários, trabalhos e provas. Sempre lembro dos dias a fio lendo e discutindo o livro *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, para um seminário da disciplina de História da América Contemporânea, ofertada pelo professor Karnal, ou dos debates intensos (com direito a rusgas) nas leituras de texto nas aulas da disciplina Tópicos Especiais em História das Revoltas Populares na Primeira República, ministrada pelo doutorando (e depois amigo) Álvaro Pereira Nascimento, atualmente professor do Curso de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Gláucia, após concluir o doutorado em História Social pela Unicamp, ingressou como professora adjunta no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Thomaz, desde a conclusão do curso de graduação, tem atuado como professor de História na educação básica em escolas privadas de referência na cidade de São Paulo. Livia obteve o título de mestre em História Social pela Unicamp em 2006, concluiu o doutorado em História pela Rice University e Unicamp, em 2023. Atualmente, faz estágio pós-doutoral em História na Universidade Estadual Paulista (Unesp – Assis).

O nosso grupo, com o tempo, agregou a Karol Karula e Ana Helena Fernandes. Karol, depois de cursar graduação e mestrado em Química, iniciou a graduação em História, participando de muitas disciplinas conosco. Desenvolvemos uma bela relação de amizade, principalmente durante o

período de estágio como monitores na exposição *O Tesouro dos Mapas*, no Instituto Cultural Banco Santos, em São Paulo, entre março e outubro de 2002. Admiro a disciplina e a coragem da Karol em abandonar uma área de formação e se reinventar como historiadora, passando pela graduação e mestrado em História na Unicamp e, posteriormente, o doutorado em História Social na USP. Atualmente é professora adjunta no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ana Helena era formada em História em uma universidade privada e se inscrevia nas disciplinas do curso como estudante especial todos semestres. Ela praticamente refez todo o curso de graduação em História na Unicamp com a gente. Tinha uma história de vida incrível e se envolvia com obstinação nas atividades das disciplinas. Ana Helena e seu esposo Joca sempre nos recebiam na sua casa para almoços e cafés com muito boa prosa. Ingressou por concurso público como professora de História da rede estadual de ensino de São Paulo, na cidade de Sumaré, em 2004 e, no momento, está aposentada e sempre mantendo contato pelas redes sociais.

Havia também a nossa turma de orientados do Paulo, que sempre se encontrava nos “banquinhos da Pós do IFCH” em dias de reunião de trabalho. Com o tempo construímos uma relação de amizade e solidariedade: Maristela Toma, Guilherme Amaral Luz, Mariana Osue Sales, Viviane Wolf Cattozzi e Janaina Valéria Camilo. Maristela, após concluir o mestrado, ingressou por concurso no curso de História da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Atualmente faz doutorado em Estudos de Literatura na UFSCar. Guilherme é professor titular do Instituto de História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mariana, após defender o doutorado, mudou-se para França e atua como pesquisadora da Bibliothèque Nationale

de France. Viviane concluiu o mestrado e ingressou por concurso público como professora de História da rede estadual de ensino de São Paulo, na cidade de Sumaré. Janaína, após concluir o doutorado, trabalhou como professora nos cursos de História na Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp). Atualmente é professora adjunta do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCC). Cada um dos meus companheiros de “banquinhos da Pós do IFCH” construiu suas travessias profissionais e leva consigo os aprendizados e memórias dos tempos de formação na Unicamp com a presença do nosso professor e amigo Paulo.

Em linhas gerais, segundo Demerval Saviani (2012, p. 171),

É, com efeito, através do processo de orientação que o aprendiz de pesquisador pode dar, com segurança, os passos necessários ao domínio dessa difícil prática, que é a pesquisa, de modo a ganhar, ao cabo do processo formativo, a indispensável autonomia intelectual que lhe permitirá formular projetos próprios, de caráter original, e levá-los a bom termo, ganhando inclusive condição de formar novos pesquisadores ao assumir, ele também, a orientação de alunos de mestrado primeiro, e, após algum tempo, também de doutorado.

No caso da nossa convivência de orientação com Paulo, a dimensão afetiva deixou suas marcas inesquecíveis para além das questões formais da academia. É um professor que veio do “chão da escola” e possui uma forma singular de nos fazer aprender a trilhar nossos próprios caminhos na universidade. Segundo nosso professor, a história é “uma das belas artes em que se revela a condição humana.” (Miceli, 2009, p. 48).

No início do curso de doutorado e já trabalhando como professor efetivo de História na rede estadual de ensino de

São Paulo, na cidade de Paulínia, fui convidado pela Glaucia e Karol para dividirmos uma casa no Jardim Independência, em Barão Geraldo. Iniciava-se mais uma travessia na minha vida, com a saída da Moradia Estudantil da Unicamp e o início de uma nova comunidade de afeto. Nesse período, tive a alegria de conhecer e conviver com o Jonis Freire, estudante do curso de doutorado em História Social e namorado da Karol.⁴ Era uma convivência de muito carinho, companheirismo e boas prosas. Criamos um lar naquela casa.

Em seguida, alugamos uma casa mais confortável e espaçosa na Vila Santa Izabel. Glaucia moraria com a irmã Laura, que veio cursar História na Unicamp e mudou-se para um apartamento. Eu, Karol e Jonis decidimos continuar com a nossa casa e convidamos o casal de colegas da pós, Glaydson e Adilton Luís Martins, para morar conosco. Glaydson havia concluído o doutorado e iniciaria o estágio pós-doutoral em História com o professor Pedro Paulo. Adilton estava na finalização do mestrado em História na Unesp – Franca e se preparava para fazer a seleção de doutorado em História na Unicamp.⁵

Ali vivemos momentos de muitas realizações e alegrias. Trabalhávamos muito, mas sempre havia tempo para um café, uma boa conversa. Vivíamos uma hospitalidade sem propriedade, nas palavras de Jacques Derrida.⁶ Gostava da

4 Atualmente o Jonis é professor associado do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), trabalhando ao lado da Karol. São pais de uma linda menina chamada Sofia.

5 Glaydson atualmente é professor associado do Colegiado de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Adilton, após concluir o doutorado em História na Unicamp, realizou estágio pós-doutoral em História na Unifesp.

6 Para Derrida (2001, p. 47), ao se criar uma lei ou estabelecer um direito de hospitalidade, há uma perda de sua essência incondicional. Em seus escritos, ele propõe uma hospitalidade incondicional, que exige “abrir as portas para todos, para qualquer pessoa, para todo recém-chegado, sem questionamentos, mesmo sem saber sua identidade, de onde vem ou quem ele é.”

nossa casa e sempre recebíamos nossos amigos “agregados” da pós, que vinham de outras cidades cursar as disciplinas ou fazer pesquisa na Unicamp, ou que moravam em Barão Geraldo e Campinas: Carlos Eduardo Araújo (Dudu), Marcelo Mac Cord, Mairon Escorsi Valério, Robério Santos Souza, Karen Fernanda (Kafer), Jair Batista da Silva (Jajá) e tantos outros afetos.

Compartilhamos a casa até meados de 2006, quando fui aprovado no concurso docente na área de Ensino de História na Unemat e me mudei para Cáceres, na região da fronteira oeste de Mato Grosso com a Bolívia.

Por fim, tenho de fazer a justa e merecida menção aos amigos Leila e Mairon, companheiros de travessias afetivas, intelectuais e profissionais. Quando cheguei na Unicamp a Leila foi a primeira veterana que conheci do curso de História. Foi a pessoa que encontrei num barzinho na região do Cambuí, em Campinas, e pedi informações após o “pedágio do trote”, de como pegar o ônibus de volta para Barão Geraldo. Lembro que ela fez a maior graça quando viu dois “bixos” do seu curso, perdidos. Sempre a encontrava nos corredores da instituição e na sala de informática e, com o tempo, desenvolvemos uma relação de amizade. Passamos a frequentar a cantina, o Restaurante Universitário e as bibliotecas. Fazíamos companhia um ao outro no percurso entre a Moradia Estudantil e a Unicamp, pois ela residia com a sua família na região. Leila tornou-se conselheira para as questões da vida e leitora crítica dos meus textos acadêmicos para as disciplinas da graduação. Foi fundamental na decifração da obra do Michel de Certeau. Além disso, permitiu que eu encontrasse um lar, uma família, em Barão Geraldo. Passei a frequentar a casa da “família Massarão”, desfrutando da convivência com seus pais, Sebastião e Lourdes, já falecidos, suas irmãs Tânia e Vânia

e sobrinhos Tiago, Bruno, Carol, Milena, Mariana e Gabriela. Tive o privilégio de ser padrinho de Crisma da Marina junto com a Leila. Passei a ser o “tio Rê” ou “Justin” das sobrinhas. Era uma alegria os almoços, jantares e saraus em sua casa. Até hoje tenho as melhores recordações dos tempos compartilhados com a minha família do coração.

Com Leila, conheci o Rio de Janeiro pela primeira vez, no final de 2001. Fomos diversas vezes para São Paulo e Americana visitar os amigos Cleuton Junior e Deborah Capela. Senti muito sua falta quando se mudou para São João Del Rey, em Minas Gerais, no ano de 2002, para trabalhar em uma universidade privada, após concluir o mestrado em História. Fui visitá-la pouco tempo depois e nos aventuramos pelas ladeiras e ruas estreitas de São João Del Rey e Tiradentes. Em 2004, após sua aprovação no concurso na função de historiadora na Fundação Pró-Memória de São Carlos, minha amiga veio para São Carlos e ficou mais fácil fazer visitas nos fins de semanas e feriados. Sempre que sobrava uma brecha vinha passar uns dias com a Leila, o que me permitiu conviver com a Denise Santos e a sua família. Tentei tomar posse como professor efetivo de História em escolas de São Carlos, quando da minha aprovação no concurso de professores educação básica da rede estadual de ensino, em 2004, mas a disputa pelas vagas do interior era muito grande. Por seu intermédio construí vínculos de amizade com a professora Eliane e o seu grupo de pesquisa de História das Religiões: Marili, Ramon da Costa e Karina Bellotti.⁷

7 Marili, após concluir o mestrado, tem atuado como professora de História de escolas privadas na região de Sumaré e Americana. Ramos também concluiu o mestrado e dedica-se à atividade pastoral na cidade Santa Bárbara do Oeste. Karina, depois de defender o doutorado, passou no concurso docente para Curso de História na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Após 17 anos residindo em Mato Grosso e trabalhando como professor efetivo na Unemat/UFMT, por motivos de saúde e necessidade de tratamento médico especializado, regressei para São Carlos, agora atuando na UFSCar, e voltei para o convívio com a minha amiga Leila, inclusive compartilhando o mesmo condomínio e o grupo de amigas – Tininha, Stela Martins, Denise, Naty, Marisa Nunes e Vanessa Dias. E agora, em janeiro de 2025, tivemos a chegada da Tânia, em São Carlos, para retomar nosso núcleo da “família Massarão” e agregados – com destaque para o nosso jovem amigo e pesquisador João Pedro Volante, mestre em Sociologia pela UFSCar e consultor de projetos de pesquisa e extensão.

Eu conheci o Mairon ainda na época do Ensino Médio em Votuporanga. Eu estudava na EVE/Objetivo e ele no Anglo Votuporanga. Tínhamos um amigo em comum: João Elias Luiz, que estudava comigo e era da mesma igreja do Mairon. Participamos de eventos de preparação para o Vestibular ofertados em conjunto pelas duas escolas. Quando prestei vestibular para História na FUVEST/USP, em 1997, ele fez também como treineiro. No ano seguinte, foi a sua vez de ingressar no curso de História na Unicamp e fez contato comigo para ver a questão de matrícula e moradia. Na oportunidade, convidei-o para ficar na nossa casa na Moradia Estudantil na Unicamp. A partir dessa convivência nos tornamos muito amigos, criando uma relação de apoio e lealdade. Cursamos diversas disciplinas optativas e eletivas juntos, discutindo textos e teses. Tínhamos intensas discussões sobre política, teoria da história e concepções de mundo. Construiu uma relação muito afetuosa e de cumplicidade com a Leila, tornando-se também mais um “agregado”. Inclusive seguiu também nos estudos sobre a História das Religiões com a professora Eliane,

cursando mestrado e doutorado em História na Unicamp sob a sua orientação.

Mairon tornou-se, desde os tempos de graduação, parceiro de seminários, trabalhos, cursos e publicações científicas. Ingressamos no mesmo concurso para professores da educação básica da rede estadual de ensino de São Paulo no ano de 2004. Eu tomei posse numa escola em Paulínia, região metropolitana de Campinas. Mairon assumiu uma vaga na escola próxima da casa da família da sua noiva, Vanessa, em São Miguel Paulista, na Zona Leste de São Paulo. Tive a alegria de ser padrinho de casamento do meu amigo com Vanessa em dezembro de 2008. Acompanhei seu ingresso como professor efetivo no Curso de História na UFFS, no campus Erechim-RS, em 2013. Estabelecemos uma ponte aérea entre Rio Grande do Sul e Mato Grosso, participando de eventos e bancas de mestrado e doutorado. Acolheu-me em momentos difíceis da minha vida pessoal, inclusive quando do diagnóstico da Porfíria Eritropoiética, no início de 2022. Fiquei muito feliz com a sua aprovação no concurso docente para a área de Metodologia de Ensino de História na FEUSP, na vaga que era decorrente da aposentadoria da professora Kátia Abud, e a sua mudança com a família para São Paulo.

Continuamos nossos trabalhos em conjunto com eventos, projetos de pesquisa e publicações em revistas especializadas e coletâneas nas áreas de História e Educação, principalmente com a minha remoção para o Departamento de Ciências Sociais na UFSCar, em São Carlos, desde novembro de 2023, e tendo a Leila atuando como parceira nos novos projetos por meio da Fundação Pró-Memória de São Carlos. Retomamos a rota da amizade entre São Paulo e São Carlos, passando por Campinas – Unicamp.

Minha formação acadêmica na Unicamp vai além de títulos e certificações, sendo desenvolvida pelo diálogo com professores e amigos, compartilhando experiências que me ensinaram a importância da interdisciplinaridade, do rigor analítico e da escuta intelectual. Cada travessia foi uma oportunidade de aprendizado e, cada desafio, um momento de reafirmar meu compromisso com a História como um campo de investigação, docência e transformação social.

Nesse sentido, compartilho das afirmações de Georges Snyders (1995) sobre a docência na universidade:

Será uma alegria essencial para muitos estudantes encontrar-se diante de uma pessoa – uma pessoa que realiza nos melhores casos a união de uma competência com um conjunto de convicções e de uma experiência de vida, em suma, um avanço de vida: eis aí o que pode constituir a fonte de sua autoridade. No caso mais favorável, os alunos serão sensíveis a um sopro, a um brilho – não ousa dizer uma radiância.

Por fim, acredito que, no coração da universidade, é possível semear uma alegria capaz de transcender seus muros, alcançando a vida prática e a reinventando em uma perspectiva que se revela compreensível e transformadora. Em sua essência, a universidade pode fornecer ao estudante saberes que favoreçam o entendimento profundo do mundo, despertando nele, o entusiasmo pelo seu tempo e pela sociedade que o acolhe, ao mesmo tempo em que o prepara para agir com ética e compromisso no campo profissional.

E, nesse sentido, a Unicamp me permitiu seguir adiante como um “realista esperançoso”, como aconselhava o sábio Ariano Suassuna.

3. Cartografia das travessias profissionais entre a educação básica e a universidade

Ao longo da minha jornada profissional, cada capítulo foi construído com o propósito de unir ensino, pesquisa e impacto social, sempre em diálogo com as demandas históricas e educacionais do contexto em que atuei. Desde os primeiros passos na docência na escola e, posteriormente, na universidade, procurei desenvolver iniciativas que, não apenas transmitissem conhecimento, mas que promovessem reflexões críticas entre os estudantes e integrassem múltiplas perspectivas, consolidando uma prática pedagógica comprometida com a transformação social e a interdisciplinaridade.

Ingressei por concurso público na educação básica como professor de História na rede estadual de ensino paulista, em meados de 2004. Na atribuição, realizada na Secretaria de Estado de Educação de São Paulo, escolhi a Escola Estadual Núcleo Habitacional José Paulino Nogueira, na cidade de Paulínia, município da região metropolitana de Campinas. A sugestão de escolha do município de Paulínia foi da minha amiga Marili, por ser uma cidade próxima de Barão Geraldo – minha residência, ter transporte público para a localidade no meu bairro e por apresentar boas escolas públicas com projetos pedagógicos inovadores.

Fiz a minha apresentação na escola no dia 1º de agosto de 2004, sendo recebido pelas professoras Sueli Helena Bonomi, a diretora, e Maria Terezinha de Castro Maglio, a coordenadora. Assumi as turmas da antiga 8ª série e do Ensino Médio no período vespertino. Estava na reta final de conclusão do mestrado em História, na Unicamp, com a defesa agendada para o dia 24 de agosto. A primeira impressão foi muito boa na chegada à instituição escolar pela infraestrutura e o quadro de professores. Logo construí amizades na escola com os professores e funcionários de apoio. Diante da insegurança e receios iniciais com a docência, contei com muito apoio, orientação e empatia dos colegas. Há situações da prática docente que só descobrimos quando estamos em uma sala com 35 jovens te observando com muitas dúvidas.

Por gostar de trabalhar com atividades de leitura, interpretação e escrita de redações nas aulas de História, por meio de diferentes linguagens, a coordenação da escola recomendou que eu construísse um projeto voltado para os estudantes da etapa final do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries), auxiliando no processo de alfabetização de estudantes com dificuldades de aprendizagem. Além disso, pude atuar em projetos de literatura com as professoras de Língua Portuguesa Cleonice Perez, Luíza Adriana, Maria Célia e Lúcia Bueno, no Ensino Médio. Lembro que fiz a leitura com os estudantes dos livros *1984*, de George Orwell, *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Eu e Cleonice organizamos, também, um grupo de estudos com os estudantes das 8ªs séries de preparação para os processos seletivos das escolas técnicas de Paulínia e Campinas, pois havia o interesse dos jovens em ingressar no ensino técnico

no nível médio, em virtude da cidade ser um importante polo industrial na região. As atividades aconteciam com os estudantes sempre no turno da manhã nas sextas-feiras. Era muito desgastante conciliar horários, mas valia a pena ver o empenho dos estudantes lendo as apostilas e participando das discussões conosco. Todos os anos tínhamos estudantes egressos da escola aprovados nos processos seletivos do Centro Municipal de Ensino Profissionalizante Osmar Passarelli Silveira (CEMEP), da Escola Técnica de Paulínia (ETEP) e da Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado (ETECAP).

Além dos compromissos de ensino em sala de aula, participei de atividades culturais da escola, colaborando com as “semanas literárias”. A cada ano, durante o planejamento pedagógico, nós definíamos uma autoria para ser objeto de estudo e construção das apresentações e exposições para a “semana literária”. No ano de 2004, o homenageado foi o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. Eu fiquei encarregado, junto com os estudantes do Ensino Médio, de fazer painéis com a história de Minas Gerais no contexto da vida de Drummond e montar um mapa com os traçados e lugares de memória de Itabira, cidade natal do poeta. Os estudantes também escreveram os poemas no piso dos corredores com tintas coloridas. Durante uma semana, toda a comunidade ficou envolvida com as apresentações musicais e teatrais, rodas de poesia e exposições de painéis e telas de arte. As escolas da cidade visitavam a Escola Núcleo para prestigiar os trabalhos dos nossos estudantes.

Em 2005, o autor homenageado para o projeto semana literária foi Chico Buarque de Holanda. Durante o ano todo, eu e Cleonice montamos atividades com os estudantes sobre arte, cultura e repressão na ditadura militar. Discutimos em

sala de aula os filmes *O que é isso, companheiro?* e *Lamarca*. Os estudantes das 8^{as} séries fizeram um varal de cartas com relatos e fotos de presos políticos e um diário sobre os tempos da ditadura militar. As turmas dos 3^{os} anos do Ensino Médio decidiram reproduzir uma sala/instalação do Departamento de Ordem Política e Social (Deops) com as paredes cobertas com jornais, pedras de brita no chão, móveis e objetos de uma repartição pública e livros, fotos e mapas – tendo, ao fundo, o som de gritos e trechos das músicas do Chico Buarque. Além disso, tivemos mostras de teatro, recitais e exposições de arte. O ápice do evento foi a apresentação das peças *A ópera do malandro* e *Os saltimbancos*.

Nesse ano eu ganhei de presente três turmas de 8^a série muito singulares e marcantes na minha vida como professor de História. A gente se entendia só nos olhares; éramos cúmplices nas ideias e artes. Pude trabalhar com esses estudantes a produção de diários, charges, debates e pesquisas estatísticas. Eu acompanho até hoje a vida desses estudantes pelas redes sociais. Muitos seguiram seus estudos em diferentes áreas no ensino técnico e na universidade. Tive a honra de ser o paraninfo na formatura das três turmas. Sinto que foi um dos anos mais felizes da minha vida na carreira docente.

Trabalhei na Escola Núcleo até meados de 2006, tendo de conciliar o trabalho e as aulas do curso de doutorado em História na Unicamp. Não era fácil combinar as demandas da pós-graduação com as aulas, horas-atividades e avaliações na escola. Era um desafio administrar os horários de ônibus de casa para universidade, da universidade para a escola e, por fim, da escola para casa. Além disso, trabalhava como professor de História nos fins de semana em cursos preparatórios de concurso e de formação continuada (como, por

exemplo, *Teia do Saber*⁸) na região de Campinas e do ABC Paulista. Era uma rotina exaustiva de trabalho e estudo, o que dificultava até a convivência com a família e os amigos. O pessoal de casa, em Campinas, costumava reclamar que eu só aparecia para “dormir”, ou melhor, “hibernar”. Nem sei como dava conta de entregar os trabalhos finais das disciplinas de pós-graduação e de fazer os textos para os eventos e publicações. Nos feriados ou fins de semana, quando podia, vinha visitar minha amiga Leila, em São Carlos.

Em maio de 2006, por sugestão do meu orientador – professor Paulo Miceli – prestei concurso docente para a área de Ensino de História, na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), na cidade de Cáceres, na região da fronteira oeste. Era um concurso docente com muitas vagas em diferentes áreas nos mais de 10 campi da universidade no interior do Estado. As provas foram realizadas na cidade de Cáceres, sede da Unemat. Havia 32 inscritos para as três vagas na área de Ensino de História. Contei com o apoio dos colegas da escola, dos amigos de casa e do orientador para me preparar para o concurso, elaborando os roteiros dos pontos/temas da prova escrita e didática e na organização da documentação comprobatória dos títulos. Fui aprovado para uma das três vagas da área com os futuros amigos de uma vida, Nauk Maria de Jesus e Osvaldo Mariotto Cerezer. Tomamos posse e iniciamos nossas atividades no Departamento de História em agosto do mesmo ano, com uma jornada inicial de 30 horas. Só havia regime de 40 horas com dedicação exclusiva para os docentes com projetos de pesquisa financiados ou em cargos de gestão.

8 Programa de formação continuada para os professores da educação básica, ofertado pela Secretaria de Estado de Educação de São Paulo (SEE-SP), entre os anos de 2002 e 2010.

No Departamento de História da Unemat tive a oportunidade de ministrar disciplinas como Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado em Ensino de História no curso de graduação, atuando diretamente na formação inicial de professores. Foi um período de aprendizado mútuo, no qual compreendi a complexidade do trabalho docente e a importância de conectar teoria e prática. Os desafios de trabalhar em uma instituição voltada para comunidades locais reforçaram minha crença no potencial transformador da educação.

Entre 2006 e 2007, trabalhamos na comissão responsável pela reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), tendo o compromisso de revisar as disciplinas de didática e prática de ensino e fazer toda a política de estágio obrigatório – regimento, normas, formulários e roteiro de relatório. Osvaldo ficou responsável pela coordenação da comissão de trabalho e fazer a apresentação do texto final a ser aprovado pelas instâncias superiores da instituição, tendo em vista sua formação na área de Educação, com mestrado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e experiência como professor e gestor pedagógico em universidades privadas do Paraná. Foi um momento muito produtivo para nós, recém-chegados, porque aprendemos sobre a história da instituição e também a história e historiografia do Mato Grosso. Nauk foi fundamental para nos inserir nas discussões teóricas, metodológicas e historiográficas sobre a História do Mato Grosso, uma vez que era especialista no campo, com tese de doutorado defendida em História, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), no início de 2006. Nauk também nos apresentou as discussões acerca da Lei n. 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na

educação básica. Eu assessorava a revisão do PPC com os temas sobre metodologia do Ensino de História e prática de ensino/estágio supervisionado nas licenciaturas.

Nós sempre nos reuníamos para tomar café ou jantar e conversar sobre as impressões sobre o curso, a universidade e a cidade. Dessa convivência surgiu uma história de amizade que cultivamos ainda hoje, mesmo estando cada um em um lugar/instituição: Nauk é professora titular na área de História do Brasil Colônia e História da África na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Osvaldo permaneceu na Unemat, atuando na área de Ensino de História e na coordenação do núcleo do Mestrado Profissional de Ensino de História (ProfHistória). Além disso, concluiu, em 2015, seu doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob a orientação da professora Selva Guimarães, uma das maiores referências em Ensino de História no Brasil. Eu, depois de atuar como docente na Unemat, migrei para a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), nas cidades de Rondonópolis e Cuiabá, e conclui meu doutorado em História Cultural pela Unicamp (2009). Permaneci na UFMT entre 2008 e 2023, quando fui removido para a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Além das disciplinas na graduação, no período entre 2006 e 2008, orientei oito monografias de conclusão de curso, participei de bancas de avaliação de monografias de conclusão de curso e de teste seletivo de professores substitutos. Atuei como membro da comissão organizadora dos seminários de estágio de Ensino de História, realizados semestralmente, e do *VI Encontro Regional de História Oral do Centro-Oeste: Memória, sensibilidade e práticas*

culturais, promovido pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO), em outubro de 2007, sob a coordenação da professora Maria do Socorro Araújo.

Lembro que, nesse período na Unemat, em Cáceres, gostava muito de ir a Cuiabá. A residência da família da Nauk era a minha segunda casa mato-grossense. Adorava passar os dias com minha amiga, andando pelas ruas da cidade colonial, indo aos museus, livrarias e “churrasquinhos”. A gente se divertia passeando de carro, ao lado de nossa amiga Vanda da Silva, pelas ruas da cidade, em especial as avenidas do CPA, Miguel Sutil e Getúlio Vargas. Era muito bom estar na casa dos seus pais: Antonio João, já falecido, e Dona Anita. Sempre me senti acolhido e amado. Convivia com o irmão, as irmãs e sobrinhos de Nauk. Os almoços com peixe frito, arroz e salada de couve, acompanhados de Coca-Cola, eram um evento com boa conversa, causos e risadas. Nauk me fez amar intensamente a cidade de Cuiabá. Osvaldo era meu companheiro de trabalho para acompanhar os estágios nas escolas em Cáceres. A gente compartilhava almoços e cafés e muitos projetos de pesquisa e ensino. Um conselheiro, confidente e amigo. Continuamos nas parcerias em projetos de pesquisa, coordenação de simpósios em eventos e publicações mesmo depois da minha saída da Unemat para a UFMT. Tive a honra de acompanhar toda a sua pesquisa de doutorado em Educação na UFU e integrei a sua banca de defesa de tese. Participamos da instalação dos núcleos do ProfHistória no Mato Grosso, a partir de 2016, e dos fóruns de discussão das reformas curriculares promovidas pelo governo do Estado na área de História. Mato Grosso, como meu projeto de vida e profissional, só foi possível graças aos amigos Nauk e Osvaldo.

Em Cáceres, também conheci um grande amigo e parceiro de pesquisa no Ensino de História, Luís César Castrillon Mendes. Foi meu estudante nas disciplinas de Estágio Supervisionado em Ensino de História e Monografia. Dos botecos até os encontros na sua casa com a família, nasceu uma amizade que teve continuidade no seu mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS), da UFMT. Luís César, vulgo “Truta”, foi meu orientando de doutorado e trabalhamos juntos no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), quando ele fez o estágio pós-doutoral em Linguística, entre 2016 e 2017. Depois, foi aprovado no concurso docente na área de Didática do Ensino de História e Estágio Supervisionado em Ensino de História na UFGD e, atualmente, exerce a mesma atribuição na Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

No Departamento de História da Unemat, ainda atuei como pesquisador do projeto de pesquisa intitulado *Descalvados (1830-1930): uma agroindústria na fronteira oeste do Brasil*, aprovado no Edital de Financiamento de Pesquisas n. 003/2008, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a coordenação do professor Domingos Sávio da Cunha Garcia, com vigência entre 2008 e 2010. Mesmo após migrar para outra instituição, continuei trabalhando no cumprimento das ações do projeto de pesquisa. A pesquisa reconstituiu, em perspectiva da História Econômica, as memórias do empreendimento de Descalvados, desde a sua criação nas primeiras décadas do século de XIX, até o seu desmembramento pelo governo Getúlio Vargas, em 1942. No meu caso, abordei o conceito de fronteira em perspectiva historiográfica no Brasil, com destaque para Mato Grosso, e as memórias em torno da fazenda. (cf. Garcia, Ribeiro, 2011; Ribeiro, 2013a).

Ingressei por concurso público como servidor federal, na carreira de docente do ensino superior, em 4 de agosto de 2008, lotado no Departamento de História da UFMT, no campus de Rondonópolis, localizado na região sudeste do estado, a 210 km da capital Cuiabá. Assumi as disciplinas de Metodologia de Ensino de História, Didática do Ensino de História e Estágio Supervisionado em Ensino de História no curso de Licenciatura em História. No caso das disciplinas do núcleo de estágio supervisionado, eu acompanhei as sub-turmas de estudantes em atividades nas unidades escolares conveniadas. Havia uma proposta pedagógica que era desenvolvida entre o professor-supervisor, estudantes e gestão escolar. As aulas teóricas, reuniões de trabalho e acompanhamento dos estudantes nas atividades práticas eram realizadas nas dependências da escola. Ao final do curso, os estudantes deveriam apresentar uma pasta dossiê com todos os registros, materiais didáticos e relatórios de estágio, que seria objeto de avaliação de uma banca de docentes do núcleo de estágio supervisionado. Durante três anos e meio tive o privilégio de trabalhar ao lado dos professores Maria Elsa Markus, Ivanildo José Ferreira e Laudenir Antonio Gonçalves, desfrutando de seus conhecimentos, experiências e sensibilidades. Essa equipe de pessoas generosas assumiu meus encargos didáticos por um semestre, entre janeiro e agosto de 2009, para que pudesse concluir a redação da minha tese de doutorado e realizar a defesa. Esse tempo de trabalho unicamente voltado para a tese foi fundamental para meu processo de fechamento de um ciclo de mais de 10 anos de formação entre graduação, mestrado e doutorado na Unicamp.

Além das atividades de ensino, executei o projeto de pesquisa intitulado “As escritas de Francisco Adolfo de Varnhagen

e a história da História do Brasil nas páginas da Revista do IHGB (1840-1878)” – registro n. 050/2009/CAP/PROPeq/UFMT (2008-2012).⁹

Nesse período de atuação na UFMT, em Rondonópolis, coordenei, também, o projeto de pesquisa “Tradição e Modernidade no Cerrado: A cidade de Rondonópolis, a Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Rondonópolis e a história da sua gente de negócios” – registro n. 298/2009/CAP/PROPeq/UFMT (2009-2010), em parceria com as pesquisadoras Simone Elias de Souza e Nathália da Costa Amedi. Realizamos uma pesquisa documental com vistas à produção de um histórico da Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Rondonópolis (ACIR) como entidade representativa da classe empresarial, a partir da sua inserção no contexto de formação e desenvolvimento da cidade de Rondonópolis e do sul do Estado de Mato Grosso. Em março de 2011 houve o lançamento do resultado final desta pesquisa em formato de livro: *Tradição e Modernidade no Cerrado: A cidade de Rondonópolis, a Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Rondonópolis e a história da sua gente de negócios*, editado pela ACIR e Marketing Mix Assessoria Empresarial, com financiamento do Governo do Estado de Mato Grosso. (cf. Amedi, Ribeiro, Souza, 2010).

Em virtude da aprovação de um projeto de pesquisa na área de Ensino de História, contemplando Cáceres, Cuiabá e Rondonópolis, no Edital Universal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat), no ano

9 Não detalharei os objetivos, hipóteses e resultados, com destaque para as publicações (livros, capítulos de livros e artigos em revistas especializadas) dos projetos de pesquisa executados na UFMT e atualmente na UFSCar aqui tendo por eixo estruturante o Ensino de História, pois serão objeto de análise no tópico 4 desse memorial acadêmico.

de 2009, em parceria com o Osvaldo, conduzi o estudo “Diversidade Étnico-Racial no Ensino de História em Mato Grosso: estudo de caso nas escolas públicas do município de Rondonópolis” – registro n. 389/2010/CAP/PROPeq/UFMT (2009-2015). A execução do projeto de pesquisa teve início quando estava em Rondonópolis e continuou por tempo significativo em Cuiabá, depois da minha remoção por interesse da instituição.¹⁰

No âmbito das ações de extensão, entre agosto de 2008 e março de 2011, ofereci cursos livres sobre História da Historiografia Brasileira como parte das atividades acadêmico-científico-culturais do currículo do curso. Além disso, organizei o *I Seminário sobre Violência na fronteira oeste de Mato Grosso: diversificação, entendimento e ação*, numa parceria entre a universidade e a Secretária de Estado de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP-MT) (2008), e a *XIV Semana de História: As tramas do fazer histórico e suas artes*, promovida pelo Departamento de História (2009).

Entre março de 2010 e fevereiro de 2011, assumi a coordenação de ensino de graduação no Departamento de História, tendo a experiência de, pela primeira vez, conhecer e aprender sobre a gestão pedagógica do curso. Nesse período, ao lado Colegiado de Curso, promovemos a readequação do PPC da Licenciatura em História, a implantação da primeira edição do Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e a redação do relatório de indicadores e estudos para a viabilidade do curso de mestrado acadêmico em História no curso/campus.

10 Para a execução desse projeto de pesquisa contei com dois bolsistas de iniciação científica: Amauri Junior da Silva Santos e Ises Correa, ambos contemplados com bolsas do CNPq pelo Programa Institucional de Iniciação Científica (Pibic) da PROPeq/UFMT.

Na condução das atividades da gestão do curso tive a alegria de conhecer Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo Gomes, docente e chefe do Departamento. A partir desse trabalho coletivo desenvolveu-se uma amizade que aproximou nossas famílias. Cristiane (minha amiga Xis) é uma referência de afeto, fé e empatia que encontrei nessa travessia da vida. Eu e Nathália, minha companheira à época, fomos acolhidos pela família da Cristiane e do Cezário Gomes, em Rondonópolis. Tivemos muitos jantares e cafés, após os cultos na Igreja Presbiteriana Boas Novas, em que compartilhávamos histórias e projetos de vidas. Aprendi a conviver em uma comunidade religiosa, reconhecendo a pluralidade que permeia os mundos do que creem, superando estigmas e rótulos. Eram muito agradáveis os lanches com Dona Maria Luíza e Emília, mãe e irmã de Cristiane. Pude acompanhar a formação profissional dos seus filhos Tiago e Euler. Virei o “tio torto” de Thomas e Kevin. E o tempo voou e hoje os meninos estão formados profissionalmente e casados, com suas próprias famílias.

Quando fui removido para o Departamento de História da UFMT, no campus Cuiabá, no início de 2011, logo em seguida Cristiane conseguiu também sua transferência, permitindo a continuidade da nossa convivência de trabalho e familiar. Cezário, como inspetor da Polícia Rodoviária Federal (PRF), foi designado para Cuiabá com a missão de atuar na equipe de gestão de segurança para os jogos da Copa do Mundo de 2014, e a Cristiane veio para o Departamento por acompanhamento de cônjuge.

O convite para atuar no Departamento de História, em Cuiabá, foi possível a partir do contato com a professora Leny Caselli Anzai que, naquele momento, exercia a função de

pró-reitora de ensino de pós-graduação da instituição. Em nossas reuniões para a construção dos estudos de viabilidade de novos cursos de pós-graduação, no campus de Rondonópolis, tivemos muitas conversas sobre o que imaginava para o futuro da minha carreira na universidade, pensando em termos de atuação docente em programas de pós-graduação. Por sua indicação ao Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS), fui convidado pelos professores Vitale Joanoni Neto e Marcus Silva da Cruz, coordenador e vice-coordenador respectivamente, para ser professor permanente e auxiliar na construção a linha de pesquisa “Ensino de História, Memória e Patrimônio”, que faria parte da nova proposta de criação do curso de doutorado, após aprovação da Capes. Logo após o meu ingresso no Programa, por sugestão da professora Ana Maria Marques, vinculada à área de Ensino de História do Departamento, veio o convite para pleitear a remoção de Rondonópolis para Cuiabá pelo professor Flávio Ferreira Paes, chefe da unidade.

Após os trâmites institucionais e aprovação nas instâncias da universidade, parti com a minha família para Cuiabá e integrei o Departamento de História e o PPGHIS entre 2011 e 2023. Nessa época, Nathália foi aprovada no concurso público para professores da rede estadual de ensino, assumindo suas aulas numa escola em Várzea Grande, uma cidade separada da capital pelo rio Cuiabá, e também ingressou no curso de mestrado em História no PPGHIS, sob a orientação do professor Fernando Tadeu de Miranda Borges. A vida em Cuiabá facilitou o contato das nossas famílias pela proximidade de Cáceres e, também, a disponibilidade de voos para São José do Rio Preto e São Paulo. Meus pais, irmão, tios e amigos (como Mairon e Vanessa) sempre vinham nos visitar em Cuiabá.

Construímos vínculos fortes com a cidade e a universidade. O nosso sentimento era de pertencimento e de estar finalmente num lugar para chamar de “lar”. Havia as dificuldades e desafios do mundo do trabalho que, por vezes, estressavam e cansavam, mas a visão do pôr do sol em Cuiabá curava tudo – é uma das cenas mais lindas que já presenciei na minha vida. O fim de tarde no campus entre prédios e árvores era um convite ao passeio e à contemplação. Pedro, nosso filho, nasceu em 15 de julho de 2013, dando um novo significado de amar para todos nós. Descobri os dilemas, receios e alegrias da paternidade na vida acadêmica. A partir de 2017, Nathália e eu seguimos nossas vidas em outras direções com o compromisso de criar nosso filho com amor, cuidado e tempo de qualidade por meio da guarda compartilhada. E para alegrar a nossa vida de pai e filho adotamos a gata Leite, um ser especial que nos faz companhia desde então.

Na UFMT, em Cuiabá, ampliei minha atuação acadêmica e pedagógica, ministrando disciplinas de graduação, como Didática do Ensino de História e Estágio Supervisionado em História nas turmas do matutino e noturno do curso de Licenciatura em História do Brasil por mais de uma década.¹¹ Também orientei nove trabalhos de conclusão de curso.

Minha abordagem em sala de aula sempre priorizou o diálogo, incentivando os estudantes a refletirem sobre a relação entre o passado e os desafios contemporâneos. Acredito que ensinar História vai além da “transmissão” de conteúdo; é uma prática que propõe a análise crítica das estruturas de poder, das narrativas oficiais e das relações sociais.

11 Durante a oferta das disciplinas no curso de graduação pude contar com sete estudantes da Tutoria, com bolsas ofertadas pela Pró-reitoria de Ensino de Graduação (PROEG) da UFMT.

Dentro desse pressuposto, acerca das aulas na universidade, concordo com as considerações de Miguel Martínez (2009, p. 59),

O diálogo não tem necessariamente de levar a um consenso, mas é uma excelente forma de abordar os desentendimentos e de avançar neles. Esse avanço é muito diferente quando há confiança no diálogo e quando não há. Todos já fomos a alguma reunião em que pensamos não conseguir chegar a um acordo com nosso proponente, e avançamos nela de forma bem diferente da cogitada no início, embora não tenhamos chegado ao acordo no final.

Entre 2011 e 2012, assumi a coordenação de ensino de graduação do Curso de Licenciatura em História, tendo como desafios a implantação de um novo PPC aprovado pelo Departamento, em meados de 2010, e ampliar a composição do quadro docente para o atendimento das demandas das disciplinas de Didática do Ensino de História e Estágio Supervisionado, o que foi viabilizado com a realização de concurso público com oferta de duas vagas e, consequentemente, a contratação dos professores Alexandra Lima da Silva e Marcelo Fronza.¹²

Trabalhei ao lado de Ana Maria Marques e Cláudia Regina Bovo no Laboratório de Prática de Ensino de História no Departamento, o que permitiu a implantação da iniciação à docência (Pibid) e do projeto Novos Talentos, ambos financiados

12 Em 2015, Alexandra desligou-se da UFMT e ingressou como docente na área de História da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Um novo concurso foi realizado em 2016 e tivemos a aprovação do Osvaldo Rodrigues Junior. Dada a demanda docente para suprimir as disciplinas da área e a expansão do ProfHistória, com a abertura do curso de doutorado, houve a realização de novo concurso público, em 2022, e a contratação do Ary Albuquerque Junior. Eu e Alexandra somos amigos desde então e compartilhamos muitas histórias em longas conversas no *WhatsApp*, além de mantermos as parcerias em publicações, eventos e bancas.

pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

O projeto interdisciplinar Novos Talentos, ofertado entre 2013 e 2015, coordenado pelas professoras e amigas Glauce Viana S. Torres e Tânia Maria de Lima Beraldo, do Instituto de Educação (IE), criou uma rede estudos e colaboração envolvendo docentes, estudantes da graduação e da pós-graduação da UFMT, professores e estudantes da educação básica (Ensino Médio), a fim de desenvolver ações extracurriculares que favorecessem a inclusão social e desenvolvimento da cultura científica. Dentre os objetivos do projeto, podemos citar: 1) promover situações de estudos e debates sobre cientificidade, produção e socialização da cultura científica na sociedade contemporânea, articulando universidade e escola de educação básica com reflexos positivos para os dois níveis de ensino; 2) fomentar o uso das tecnologias da informação e da comunicação no estudo de questões relativas aos vários campos do conhecimento que integram currículos da educação básica e da educação superior; 3) promover atividades que potencializem o desenvolvimento de estudos, debates e produção e socialização de conhecimentos sobre o tema “Águas em Mato Grosso”, reconhecendo o protagonismo de professores e estudantes da educação básica e da educação superior nesses processos; 4) organizar visitas de estudantes e docentes da educação básica a espaços inovadores existentes na UFMT, especialmente a laboratórios, museus, herbário e centros avançados na perspectiva de fomentar o surgimento de novos talentos no campo da produção e socialização da cultura científica; 5) promover seminários com a finalidade de possibilitar debates, apresentação de trabalhos e avaliação sobre as atividades desenvolvidas em cada um

dos subprojetos abrindo espaço para o pronunciamento e atuação de estudantes e professores da educação básica; 6) fomentar a produção de metodologias, estratégias e materiais didáticos inovadores, visando à melhoria da qualidade da educação; 7) criar estratégias que permitam a inclusão de estudantes surdos no projeto; 8) possibilitar a mobilidade de professores da educação básica (viagens orientadas) a centros de referência em ciência e tecnologia existentes no Brasil. Esse programa atendeu mais 2.500 estudantes do Ensino Médio nas escolas dos municípios da Baixada Cuiabá. (cf. Torres, Beraldo, Ribeiro, 2017).

No Pibid, além da função de orientador do subprojeto de História, assumi a função de coordenador de gestão de processos educacionais do Programa no âmbito do projeto institucional (2012-2016), sob a responsabilidade da professora Luzia Aparecida Palaro, do Departamento de Matemática, do Instituto de Ciências Exatas e da Terra (ICET). O convite foi feito pela professora Irene Cardoso Mello, da Coordenação de Formação Docente da Pró-reitoria de Ensino de Graduação (PROEG), durante a gestão da professora Myrian Serra. Nesse período pude atuar em diferentes ações do Pibid na universidade, como a criação de estratégias de comunicação e visibilidade e a organização da coleção *Saberes e Práticas*, pela EdUFMT, de cinco volumes com os resultados dos subprojetos das licenciaturas. Foram anos de aprendizados compartilhados com a equipe da Pró-reitoria e profissionais engajados com a formação de professores como Sergio Antonio Wielewski, Meire Rose dos Anjos, Cássia Fabiane Souza, Glauce Viana Torres e Maria Cristina Theobaldo. O Pibid na UFMT chegou a atender mais 600 estudantes bolsistas da graduação nos campi de Cuiabá, Rondonópolis,

Araguaia e Sinop e nos polos dos cursos de licenciaturas ofertados pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), via Núcleo de Ensino à Distância (NEAD), do Instituto de Educação. (cf. Palaro, Theobaldo, Ribeiro, Wielewski, Torres, 2015).

Além dos Novos Talentos e Pibid, atuei na condição de orientador do subprojeto de História no Programa de Residência Pedagógica, financiado pela Capes a partir do projeto institucional da UFMT, no período de 2018 à 2023, contemplando mais de 60 estudantes do curso com bolsas de estudos. O presente subprojeto de Residência Pedagógica em História tinha o objetivo de formular e implementar projetos inovadores, por meio das diferentes linguagens, que promovessem a articulação entre teoria e prática nos cursos de Licenciatura em História, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica do Estado. Nesse projeto pude compartilhar experiências e aprendizados com os estudantes da graduação, além de trabalhar com uma equipe de professores aguerridos como Taciana Sambrano, Fred Guirra, Osvaldo Rodrigues Jr., Marcelo Fronza e Ary Albuquerque Junior.

No curso de Pedagogia, ofertado na modalidade à distância, pelo NEAD, participei como professor-autor de conteúdo e professor formador na área de História, atuando nas disciplinas de Mundo Social 1 e Estágio Supervisionado. Ao lado dos professores Cândido Moreira Rodrigues, Rodrigo Davi Almeida e Vitale Joanoni Neto, cuidei da produção do conteúdo e formação de tutores no Curso de Pedagogia, acor-do Brasil-Japão, que formou mais de 200 professores entre imigrantes brasileiros para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental no Japão, durante o ano de 2012. Esse programa de formação de professores foi financiado pelo governo brasileiro, por meio do Ministério da Educação (MEC)

e Banco do Brasil, executado pela UFMT e Tokai University. No mês de dezembro, fomos para o Japão com uma delegação de professores de todas as áreas e coordenadores do curso para as atividades, acompanhamento e avaliação presencial em um evento sobre práticas docentes. (cf. Ribeiro, Almeida, Rodrigues, Joaroni Neto, 2014; Ribeiro, Almeida, Rodrigues, Joaroni Neto, 2013). Após a atuação nesse curso, fui convidado para continuar na equipe de História na oferta do curso de Pedagogia para as cidades polos do NEAD em Mato Grosso, no período de 2013 à 2019: Água Boa, Alto Araguaia, Barra do Bugres, Canarana, Guarantã do Norte, Jauru, Juara, Lucas do Rio Verde e Sorriso. Foram anos de profundo aprendizado e conhecimento das realidades socioculturais das cidades de Mato Grosso no contexto da formação de professores e também de laços de amizade com profissionais altamente qualificados na área de ensino a distância como Abner Farias, Cássia Fabiane Souza, Glauce Viana Torres, Katia Morosov Alonso e Sandra Lorenzini.

No âmbito das ações extensionistas na universidade, coordenei cursos de extensão em Educação Patrimonial, entre 2020 e 2022, voltados para professores da educação básica, gestores de museus e produtores culturais no estado de Mato Grosso. Além disso, participei como membro da comissão organizadora dos seguintes eventos científicos: *Semana de História – Cidades: Memória, Patrimônio e Ensino de História em Mato Grosso (2011)*; *I Seminário das Licenciaturas do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFMT (2012)*; *V Seminário Integrador do Pibid e III Seminário do Programa Tutoria (2013)*; *Seminário Interno do Etrúria: Ensino de História, Memória e Patrimônio (2014)*; *XVI Congresso da Sociedade Internacional de Humor Luso-Hispânico (2015)*; *XV Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica: Consciência Histórica e Interculturalidade (2015)*;

IV Seminário Internacional de História e Historiografia: Os 40 anos de Faire de l'histoire e a Historiografia Brasileira (2015); *III Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural* (2016); *III Encontro Estadual de Ensino de História e II Encontro Centro-Oeste de História e Estudos de Gênero* (2016); *X Assembleia Geral e o IX Seminário Internacional do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB)* (2017); *III Colóquio História, fontes e historiografia: Fronteiras, poderes e trajetórias na América Portuguesa (séculos XVII e XIX)* (2017); *II Seminário do ProfHistória e V Encontro Estadual de Ensino de História: Ensino de História, Patrimônio e Narrativas* (2018); *Seminário A invenção da nação: a emergência do Brasil como evento na narrativa histórica e literária oitocentista* (2018); *XII Encontro Nacional dos Pesquisadores de Ensino de História* (2019); *XI SEREX – Seminário Regional de Extensão Universitária do Centro-Oeste* (2020); e *XII Congresso Luso-brasileiro de História da Educação* (2021).

Em 2014, tive um programa de extensão intitulado “Educação Patrimonial no Museu de Arte Sacra de Mato Grosso” contemplado no Edital Proext 2015, do Ministério da Educação (MEC). Esse programa, em parceria entre Departamento de História e Museu de Arte Sacra de Mato Grosso (MASMT), teve como objetivo a realização de quatro projetos, executados por estudantes de graduação, que contemplassem a pesquisa, ações de educação patrimonial e preservacionista, voltadas para a salvaguarda e comunicação das referências patrimoniais. Esse projeto permitiu a requalificação do Museu de Arte Sacra de Mato Grosso e a construção de um catálogo. (Lozi, Gomes, Ribeiro, 2018).¹³

¹³ Os resultados do programa de extensão foram objeto da dissertação de Felipe Honório Ribeiro (2018), defendida no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), sob a minha orientação.

A partir de uma emenda parlamentar do deputado estadual Allan Kardec Benitez Acosta, coordenei e executei, ao lado da historiadora e amiga Nileide Souza Dourado, o projeto de extensão “Cuiabá 300 Anos: Ações integradas para organização e publicação de obras para a Coleção Ouro ou Mel”. Esse projeto de extensão (2018-2020), numa parceria com a EdUFMT, Núcleo de Documentação e Informação História Regional (NDIHR) e Fundação Uniselva, promoveu um conjunto de ações integradas para fins de organização/produção, editoração, publicação e publicização de produções acadêmico-científicas (livros e coletâneas), catálogos e fontes documentais referentes à história, cultura e literatura de Cuiabá/Mato Grosso no contexto das comemorações dos 300 anos da capital – coleção *Ouro ou Mel*. Foram editadas 10 obras na versão impressa e digital disponibilizadas para escolas municipais, bibliotecas e centros de cultura da cidade de Cuiabá.

Em relação à atuação na pesquisa, além de dar continuidade aos projetos iniciados ainda no Departamento de História, no campus de Rondonópolis, atuei como pesquisador do projeto de pesquisa “Instituições educativas centenárias de Cuiabá: lugares de memórias, patrimônio e Ensino de História (1858-2014)” – registro n. 95/2014/CAP/PROPeq/UFMT (2014-2016), coordenado pela professora e amiga Alexandra e financiado pela Fapemat. Nesse estudo, analisamos os significados das diferentes instituições educativas centenárias de Cuiabá, no período compreendido entre 1858-2013, considerando que, também a escola, seria um lugar de memória e de pesquisa e ressaltando a importância da preservação do patrimônio histórico e educativo. Como resultado, além dos artigos científicos, foi produzido um documentário com a história das instituições escolares centenárias da cidade.

O projeto de pesquisa “A narrativa da nação no Ensino de História: Enredos cronológicos e temáticos do Brasil Colonial no discurso republicano (Colégio Pedro II, Rio de Janeiro: 1889-1931)” – registro n. 250/2016/CAP/PROPeq/UFMT (2016-2020), surgiu como parte dos pré-requisitos para o afastamento destinado ao estágio pós-doutoral em Educação, na Universidade de São Paulo (USP), sob a supervisão da professora Kátia Abud. Em seguida, coordenei o projeto de pesquisa “Capítulos da história ensinada no Brasil: livros didáticos, narrativas e disputas de memórias (1889-1989)” – registro n. 044/2022/CAP/PROPeq/UFMT (2021-2023).

Entre 2012 e 2013, atuei como pesquisador colaborador do projeto de pesquisa “Os Jovens e História no Mercosul – Mato Grosso/Brasil”. O projeto, sob a coordenação geral do professor Luís Fernando Cerri, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), recebeu financiamento da Fundação Araucária de Auxílio à Pesquisa do Paraná e do CNPq e reuniu pesquisadores do Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela e Chile. Realizamos, nesse período, um levantamento quantitativo sobre ensino e aprendizagem de História, consciência/cultura histórica e cultura política de estudantes e professores, com abrangência nos seis países da América do Sul e cerca de 40 cidades no Brasil. No caso do estado de Mato Grosso, assumi a coordenação da coleta e análise de dados em escolas de Cáceres, Rondonópolis e Cuiabá. (cf. Mendes, Ribeiro, Rodrigues Jr., 2018).

Cabe destacar que fundei, no ano de 2010, ao lado de Cristiane, o grupo de pesquisa *Etrúria: Laboratório de Estudos de Memória, Patrimônio e Ensino de História*, que tem o compromisso de congrega estudantes, professores e pesquisadores interessados em pesquisas no campo de História do Brasil, com ênfase para as discussões dos temas de Ensino

de História, memória, patrimônio, narrativas e literatura, por meio da realização de eventos científicos, parcerias em projetos de pesquisa e de desenvolvimento institucional, intercâmbios nacionais e internacionais e publicações científicas em coletâneas e periódicos com fato de impacto na área de Ciências Humanas. O Etrúria, nesse período de 15 anos de atuação, tornou-se um dos núcleos de referência para as pesquisas na área de Ensino de História no Mato Grosso e no Centro-Oeste, o que permitiu a inserção de seus pesquisadores em importantes redes de pesquisas com o Nordeste e Norte, por meio de convênios do PPGHIS e ProfHistória da UFMT, na promoção de eventos como o XII ENPEH, em 2019, e a proposição de simpósios temáticos em eventos científicos promovidos pela Associação Nacional de História (Anpuh Brasil) e Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH).¹⁴ Em termos de publicações acadêmicas, merecem destaque as coletâneas que compõem a *Série Chão da Escola: Ensino de História e Formação de Professores*, editadas entre 2022 e 2025, pela Paruna Editorial, com recursos da Capes e ProfHistória/UFMT, sob a minha coordenação. Atualmente o grupo de pesquisa está sob a liderança do amigo Osvaldo Rodrigues Junior, docente do Departamento de História e do ProfHistória na instituição.¹⁵

Além de membro efetivo da Associação Nacional de História (Anpuh Brasil) e da Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH), por indicação da minha amiga Nleide Souza Dourado, fui eleito para ocupar uma cadeira no Instituto Histórico e

14 Os detalhamentos dos eventos que participei em nome do grupo de pesquisa e as articulações de trabalho em rede de pesquisadores serão contemplados no tópico 4 do memorial acadêmico.

15 Desde a sua aposentadoria em meados de 2023, Cristiane se desvinculou das atividades do grupo de pesquisa e da pós-graduação (ProfHistória) como colaboradora.

Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), em dezembro de 2017, com base na minha produção acadêmica na área de História, compromisso com a pauta do patrimônio cultural de Cuiabá e atuação no cenário das políticas de cultura na comunidade. Escolhi o professor e memorialista de Cáceres, Natalino Ferreira Mendes (1924-2011), autor de obras como *História de Cáceres: história da administração municipal* e *Fragmentos de história cultural de Cáceres*, como patrono da minha cadeira no grêmio. Nesse período de convivência no IHGMT, construí vínculos de amizade e admiração com os consócios, em especial, as professoras Elizabeth Madureira Siqueira, Luíza Volpato e Suíse Bordest.

Em termos de publicação decorrente da minha atuação no ensino e na pesquisa, desde o meu ingresso no ensino superior, considerando a Unemat, a UFMT e, atualmente, a UFSCar, sou autor dos livros *O Brasil inventado pelo Visconde de Porto Seguro: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção do Brasil Colonial no Brasil Império (1838-1860)* (Entrelinhas, 2015) e *Fazer história: a importância de ler, interpretar e escrever sem ala de aula* (Appris, 2018). Assinei como coautor as obras *Tradição e Modernidade no Cerrado: A cidade de Rondonópolis, a Associação Comercial, Industrial e Empresarial e a história da sua gente de negócio* (ACIR; Marketing Mix Assessoria Empresarial, 2010); *História: Conceitos, Metodologias e Ensino* (EdUFMT, 2013) e *Museu de Arte Sacra de Mato Grosso: três décadas de preservação, valorização e educação patrimonial* (EdUFMT; Ação Cultural; Proext-MEC, 2018). Participei da organização das coletâneas *Ensino de História: trajetórias em movimento* (EdUnemat, 2007); *Escrita da História* (EdUnemat, 2010); *Dimensões da Iniciação à Docência: saberes e práticas do PIBID na UFMT (2009-2013)* (EdUFMT, 2015); *Extensão universitária*

em rede: Experiências vivenciadas no Projeto Novos Talentos/UFMT/Capes (EdUFMT, 2017); *História da educação e ensino nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil – sujeitos e saberes: entre instituições educativas e suas práticas* (EdUFMT, 2018); *O negro em folhas brancas: Ensaio sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História do Brasil (últimas décadas do século XX)* (3. ed. Appris, 2019); *Diversidade étnico-racial e as tramas da escrita: historiografia, memória e Ensino de História afro-brasileira na contemporaneidade* (Appris, 2020); *Cuiabá em enredos, tramas e paisagens: história, cotidiano e sociedade* (EdUFMT, 2020); *Territórios disputados: produção de conhecimento no Ensino de História em tempos de crise* (EdUnemat; Paruna Editorial, 2021); *Diversidade étnico-racial e as tramas da escrita: historiografia, memória e ensino de indígena na contemporaneidade* (Paruna Editorial, 2022); *Porque sempre haverá o amanhã: linguagens, memórias e educação na contemporaneidade* (Paruna Editorial, 2022); *Estágio, práticas e extensão: vivências dos professores de história no tempo das incertezas e esperanças* (Paruna Editorial, 2022); *O ofício das palavras: encontros entre Literatura e História* (Paruna Editorial, 2023); *Os saberes para a vida: a formação e os fazeres dos professores de História no Brasil contemporâneo* (Paruna Editorial, 2023), *Enredo e tramas do Ensino de História: teorias, saberes e práticas* (Paruna Editorial, 2024) e *Em defesa do Ensino de História no Brasil: ser, saber e sentir o mundo* (Paruna Editorial, 2025). Foram publicados 45 artigos e 5 resenhas em autoria e coautoria em periódicos especializados; 53 capítulos em coletâneas em autoria e coautoria; três textos em jornais e revistas de divulgação; 20 trabalhos completos apresentados em eventos científicos; 27 resumos simples e expandidos em anais de eventos científicos; 143 apresentações de comunicações, palestras, mesas redondas e simpósios temáticos em

eventos científicos e culturais; 37 publicações diversas como prefácios, posfácios, quartas capas, apresentações, editoriais, guias didáticos e traduções.¹⁶

No âmbito da pós-graduação na UFMT, participei como professor permanente no Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS), Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) e Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). No PPGHIS (2010-2019) participei da linha de pesquisa “Ensino de História, Memória e Patrimônio”, ofertando disciplinas obrigatórias e optativas com ênfase nas discussões de memória, identidades e história cultural. Integrei os colegiados de curso de mestrado e doutorado, espaços de acompanhamento dos estudantes e de definição da política acadêmica do Programa. Nesse período de atuação, orientei 12 dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado. Além disso, coorientei, junto com o professor e amigo Osvaldo Rodrigues Junior, três teses de doutorado. Tive a grata honra de trabalhar ao lado da professora Kátia Abud, na condição de professora colaboradora, na oferta de disciplinas, seminários temáticos e orientações de estudantes. Entre março de 2015 e março de 2016 assumi a coordenação do Programa, ao lado professor e amigo Marcelo Fronza, com o compromisso de sanar as revisões da Plataforma Suplicira em implantação pela Capes, a melhoria da qualidade de atendimento ao público e aprimoramento das formas de coleta e registro da produção docente e discente. Durante nossa gestão, tivemos a realização de três eventos internacionais: *XVI Congresso da Sociedade Internacional de Humor Luso-Hispânico*; *XV Congresso Internacional das Jornadas de*

16 Conforme relatório extraído (período de 2006 a 2025) do currículo da Plataforma Lattes, de 30 jan. 2025. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4919452710416508>.

Educação Histórica: Consciência Histórica e Interculturalidade; e IV Seminário Internacional de História e Historiografia: Os 40 anos de Faire de l'histoire e a Historiografia Brasileira.

A partir de 2016, após intensa articulação dos professores da área de Ensino de História na construção do projeto de adesão junto à Capes, a UFMT foi contemplada com a abertura do núcleo do ProfHistória. Nesse sentido, merece destaque todo o trabalho e dedicação do amigo Marcelo na construção do projeto de adesão, da apresentação de Proposta para Curso Novo (APNC) e do regimento do novo curso. No ProfHistória (2016-2024), além da oferta da disciplina obrigatória de História do Ensino de História, orientei sete dissertações de mestrado de professores da educação básica, o que foi uma realização plena na condição de pesquisador da área. No Programa, também supervisionei o estágio pós-doutoral em Ensino de História, em 2020, do professor Anderson Ribeiro Oliva, da Universidade de Brasília (UnB).

Para Margarida Oliveira e Itamar Oliveira (2020, p. 28), além do impacto na produção acadêmica da área de Ensino de História,

O ProfHistória [...] viabilizou a presença de centenas de professores de História nas classes de pós-graduação da Universidade que estão transformando em quantidade e qualidade a investigação relativa aos desafios que eles próprios levantavam antes de migrarem para os cursos de mestrado.

O Programa, conforme Mônica Martins da Silva (2021, p. 1-2), tem evidenciado sua potencialidade como política pública pela sua capacidade de conectar as demandas da escola com a formação continuada dos professores de História na Educação Básica:

ProfHistória vem impactando a educação pública brasileira por meio de sua política formativa que envolve não

apenas os professores que cursam o mestrado. Também os diversos sujeitos escolares, [...], e se beneficiam com a melhoria na prática de muitos professores que, conforme relatos já acessados, se sentem mais motivados e estimulados. Compreendida como aspecto singular da formação no ProfHistória, a dimensão propositiva da pesquisa, exigida como parte do trabalho final do mestrado, vêm também impactando o campo da produção acadêmica por estimular a reflexão acerca dos saberes que são mobilizados na prática docente.

Em meados de 2016, os amigos Danie Marcelo de Jesus e Divanize Carbonieri, docentes permanentes do PPGEL, a partir de nossas afinidades de pesquisa na perspectiva das relações de gênero e subjetividades e recém-abertura do curso de doutorado, fizeram o convite para que eu integrasse a área de Estudos Literários. Ao lado da Divanize, passei a atuar na linha de pesquisa “Literatura, Sociedade e Identidades”. Esta linha abrangia as tendências críticas que discutiam diferentes manifestações literárias em suas relações com seu contexto de produção. Nesse sentido, investigava as intersecções entre literatura, organização social, história, política e examinava a construção de identidades em textos literários, enfocando aspectos de classe, gênero, cultura, etnia, raça. No PPGEL ofertei disciplinas optativas sobre história e literatura e narrativa, literatura e memória. Orientei uma dissertação de mestrado e sete teses de doutorado. Também supervisionei o estágio pós-doutoral em Estudos Literários do professor Oséias Carmo Neves, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Atualmente, estou como professor colaborador do Programa até a conclusão das orientações em andamento no curso de doutorado, tendo em vista a minha remoção para a UFSCar.

Durante a minha permanência no quadro docente da UFMT prestei assessoria e consultorias para o MEC, a SEDUC-MT

e as agências de fomento, como por exemplo: Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) e Fundação Rondônia (FAPERO). Exerci funções na comissão técnica, coordenação adjunta e equipe de avaliação pedagógica da área História e Ciências Humanas no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), entre os anos de 2013 e 2025. Emiti mais de 80 pareceres para artigos em revistas especializadas, trabalhos completos inscritos nos eventos científicos, obras em editoras universitárias e premiações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Associação Nacional de História (Anpuh Brasil). Na condição de presidente, titular ou suplente, participei de 91 bancas de defesa de mestrado e 57 bancas de defesa de doutorado em programas de pós-graduação da UFMT e outras instituições de ensino em diferentes regiões do país. Tive, por fim, a grata honra de fazer parte do Comitê Interno do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic) e do Programa Voluntariado de Iniciação Científica (VIC) da PROPeq da universidade entre 2011 e 2022, quando trabalhei ao lado de servidoras técnicas altamente qualificadas como Maria Auxiliadora de Arruda Campos (Dora) e Verônica Hirata.

Durante a gestão da reitora Myrian Serra (2016-2020), fui convidado para assumir a coordenação da EdUFMT – Editora Universitária. Ao lado dos servidores técnicos administrativos, colaboradores e dos membros do Conselho Editorial, realizamos as seguintes ações: 1) atualização do Regimento da Editoria e das normas internas; 2) aprimoramento das formas de captação de recursos financeiros e transparência nas prestações de contas; 3) modernização dos equipamentos e mobiliários da Editora e Livraria; 4) investimentos em editais

de fomento à publicação de originais; e, por fim, a criação do selo EdUFMT Digital para as obras em formato *e-Books*.

Além disso, aprovamos dois projetos estratégicos de desenvolvimento institucional: “EdUFMT: Ações integradas: editora e livraria – publicação, publicização e vendas de produtos acadêmicos científicos e afins” (2018-2020), que permitiu a captação de recursos via Fundação Uniselva para obras de reforma e requalificação da Editora, e “Edições IFMT: ações integradas para organização e publicação de obras digitais”, responsável pela coordenação e produção de um conjunto de livros digitais acadêmico-científicas, dos pesquisadores e professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), por meio de edital de chamada interna de publicações.

Na gestão seguinte, do reitor Evandro Aparecido Soares da Silva (2020-2024), fui convidado para assumir o cargo de pró-reitor da Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Vivência (PROCEV) da universidade num contexto profundamente dramático da pandemia de Covid-19 e das dificuldades financeiras com a política neoliberal e anti-ciência do governo federal. Ao lado da equipe de servidores da Pró-reitoria tivemos de fazer uma série de acertos para que os programas e projetos de extensão e a agenda dos equipamentos culturais fossem realizadas na modalidade remota. Também investimos em um conjunto de ações de conscientização da comunidade acerca dos cuidados para a prevenção da Covid-19 e de produção de insumos para apoio dos hospitais (álcool em gel, máscaras e EPIs). A PROCEV, por intermédio da coordenação de extensão e vivência e da Câmara de Extensão, elaborou a resolução da curricularização da extensão após intenso diálogo com os docentes, técnicos e estudantes e audiências

públicas online com a comunidade. A referida resolução foi aprovada em meados de 2021, após amplo debate, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe). Nesse sentido, merece destaque todo o empenho, dedicação e compromisso da pedagoga Sandra Jung de Mattos na condução desse processo ao longo de dois anos.

No âmbito das ações da cultura, tivemos a realização da exposição virtual do acervo do Museu de Arte e Cultura Popular (Macp) e a mostra audiovisual – na modalidade remota: a *Mostra de Audiovisual Universitário e Independente da América Latina (MAUAL)*. Além disso, houve as apresentações do Coral UFMT, realizadas de forma virtual, com um amplo repertório a partir da música popular brasileira, tendo a condução da professora e maestrina Dorit Kolling de Oliveira, uma amiga desde a minha chegada na UFMT e atualmente minha orientanda de doutorado em Estudos Literários no PPGEL.

Em virtude dos problemas de saúde decorrente do diagnóstico da Porfíria Eritropoiética e das demandas de acompanhamento das terapias do meu filho Pedro, uma criança atípica, tornou-se inviável a continuidade nas atividades da pró-reitoria e, por fim, em setembro de 2022, houve o encerramento dessa experiência de trabalho na gestão universitária.

Ao longo dos anos na instituição, sempre tive uma relação afetiva com o Coral UFMT, prestigiando suas apresentações com repertórios fantásticos sobre Beatles, Chico Buarque de Holanda e Milton Nascimento. Tive a honra de levar o Coral da Terceira Idade e o Coral UFMT para a abertura do XII ENPEH, realizado no Centro Cultural da universidade, em novembro de 2019. Foi um dos momentos mais marcantes da minha vida profissional e afetiva na UFMT. Quando me lembro da UFMT,

uma das cenas que guardo com muito carinho é a apresentação do Coral UFMT, da qual participaram as minhas amigas Dorit Kolling Oliveira e Silbene Correa Perassolo.

Fazer a travessia de Cuiabá/UFMT para São Carlos/UFSCar era preciso tendo em vista a possibilidade de uma existência com qualidade de vida, condições melhores de apoio dos profissionais de saúde e proximidade da família. Regressei para o interior de São Paulo da infância e juventude, dos tempos de formação na Unicamp, dos percursos entre Votuporanga, São Carlos, Campinas, São Paulo e Mauá. A partir de 2024, se escreve mais um capítulo das vivências acadêmicas, profissionais e afetivas.

Nesse processo de diagnóstico da doença, tratamento médico e terapêutico, que culminou com a minha transferência de instituição, contei com apoio dos médicos especialistas Hérlon Escorsi Valério, Ricardo Maciel Falavigna, Leandro Lemos e Carlos Augusto Carretoni, do psicólogo Carlos Eduardo Leite, do advogado Marcello Biaggio Norbiatto, dos amigos Nleide Souza Dourado, Neusa Souza Dourado, Eliane Maria Morgado, Michel da Silva Lacombe Coelho, Osvaldo Rodrigues Jr., Leila Souza de Oliveira, Elisabeth Mendonça, Patrícia Dourado Neves, Maria Auxiliadora Campos (Dora), Tiago Borges, Dorit Kolling Oliveira e Clóvis Oliveira. Em Cuiabá estão os meus amigos e companheiros de ofício, gente que tem no Ensino de História e a Educação parte de sua caminhada na formação de professores: Nleide, Ana Maria, Marcelo, Osvaldo, Ary e Luís César.

4. Diários de uma oficina: Ensino de História, História Cultural e narrativa da nação

Em 1998, quando ingressei no curso de graduação em História na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), iniciei os primeiros passos de pesquisa com a temática do Ensino de História, inspirado pela leitura do ensaio *Conferência: Pedagogia da História*, de autoria de Fernand Braudel (1955), na disciplina de Introdução ao Estudo da História, ministrada pelo professor Paulo Miceli. O primeiro trabalho acadêmico na faculdade foi um texto sobre a reforma curricular de História e a prática dos professores, nem sabia ao certo se era algo que valesse a pena como objeto de estudo, uma vez que poucas disciplinas dos primeiros semestres abordavam a formação e a prática docente. Após devolução do texto com as devidas observações e a nota, o professor Paulo me chamou para uma rápida conversa com o convite para fazer um projeto de pesquisa de iniciação científica no edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) da Unicamp no ano seguinte.

A partir daquele diálogo iniciei com indicações de leituras feitas pelo orientador a busca de livros e artigos em periódicos que abordassem o tema Ensino de História. Estávamos

ainda no contexto da divulgação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) do Ensino Fundamental, o que havia gerado todo um debate revisitando questões, problemas e abordagens sobre a história ensinada dos fins de 1970 em diante, no processo de abertura política e democratização do Brasil após os tempos sombrios da ditadura militar, instaurada em 1964, um período da nossa história que deveria ser motivo de vergonha, dor e desonra.

Lembro que encontrar publicações sobre o tema era um processo de garimpagem nas bibliotecas da universidade. Podia-se se contar nos dedos das mãos a quantidade de livros autorais ou coletâneas que investiam em estudos sobre a história do Ensino de História no Brasil. Entre os periódicos havia dois dossiês na *Revista Brasileira de História* e dois números no *Cadernos Cedes*. Com muita paciência e consultando as referências bibliográficas dos textos consegui localizar, nessas revistas e em outras da área de História e Educação, artigos esparsos de autores que abordavam questões como currículo, livros didáticos, fontes em sala de aula, história da disciplina e formação e prática de professores. Algumas publicações recentes à época nem estavam disponíveis no acervo das bibliotecas e os custos para comprá-los não cabiam no orçamento de sobrevivência na faculdade. O primeiro livro que pude comprar foi *O saber histórico na sala de aula*, organizado por Circe Bittencourt, publicado em 1997, pela Editora Contexto. Sempre guardava em um caderno as referências e localização desses textos quando não podia fazer cópia ou adquirir os livros. Quem foi (ou é) estudante de graduação no Brasil sabe que nossa primeira biblioteca é um conjunto de fotocópias de capítulos, artigos e textos integrais, pois, afinal, o acesso aos livros é um objeto de luxo para a maior parte

da população. Com a bolsa de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), de R\$239,00 por mês, com vale-alimentação para o Restaurante Universitário, aprovada e renovada nos próximos três anos do curso, consegui, além de dispor de mais tempo para o estudo, adquirir aos poucos mais obras, inclusive hoje consideradas clássicas dentro da área de Ensino de História. Sempre ficava rondando as prateleiras das bibliotecas atrás de algum livro ou artigo perdido. Quando surgiram os primeiros periódicos online no *Scielo* ficava monitorando as atualizações de revistas de História e Educação. O Sistema *Comut*, da Unicamp, permitia que você solicitasse obras, dissertações e teses de bibliotecas universitárias integradas ao programa. Demorava de 10 a 15 dias para você receber a publicação solicitada e teria 30 dias para leitura, cópia ou fichamento. Era uma realização pessoal quando professores, além do orientador, como Pedro Paulo Funari, Celia Maria Marinho de Azevedo e Izabel Marson, me presenteavam com um livro ou cópia de um texto sobre o tema da pesquisa. Ao fazer os relatórios de pesquisa da iniciação científica sempre atualizava o estado da arte da bibliografia como se registrasse um inventário de como ia se constituindo o campo do Ensino de História. Esse é um hábito que mantenho até hoje, de fazer esse levantamento bibliográfico sobre o *status* das produções acadêmicas do campo.

Os temas, problemas e objetos da história do Ensino de História no Brasil, assim como a presença marcante do orientador como referência afetiva e intelectual, percorreram toda a minha formação desde a monografia de conclusão de curso, passando pelo mestrado e doutorado em História na Unicamp. Nessa trajetória, até 2009, quando defendi a tese e

já estava atuando na formação de professores de História na universidade, pude observar a expansão significativa de novas pesquisas, eventos, livros e artigos em periódicos (principalmente nos digitais), bem como a reedição de obras de referência esgotadas. A quantidade de dissertações de mestrado e teses de doutorado, principalmente na área de Educação, ampliou-se em termos de temáticas, objetos e abordagens teórico-metodológicas e de cobertura de diferentes partes do Brasil. O computador possuía pastas com muito material selecionado sobre o assunto, o que era fundamental para a pesquisa e as aulas na graduação, uma vez que atuava como docente nas disciplinas de Didática para o Ensino de História e Estágio Supervisionado em História em instituições como a Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

O mais fascinante nesse processo foi verificar as variadas produções de professores/as de diferentes partes do país, saindo do eixo São Paulo-Rio de Janeiro-Minas Gerais. A abertura de novos cursos de pós-graduação e a consolidação dos já existentes com a implantação do doutorado permitiram que a cartografia do campo evidenciasse um universo multifacetado de produções em artigos, livros e coletâneas. Se no final dos anos 1990 podia-se registrar nos dedos das mãos as obras de referência na área, uma década depois era praticamente impossível coletar e sistematizar todo um conjunto de referências que emergiam, com abordagens de contextos de ensino-aprendizagem, produção didática e paradidática, fontes e linguagens e formação docente do Sudeste, Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte, assim como dos países sul-americanos.

A partir de 2010, vivenciamos um avanço na quantidade de defesas de dissertações e teses nos programas de pós-graduação em História, inclusive com a existência de linhas de pesquisa sobre Ensino de História, como na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e UFMT. Em eventos como o *Simpósio Nacional de História* e os *Encontros Regionais de História* da Associação Nacional de História (Anpuh Brasil), a partir da consulta dos anais e programação, desde os anos 2000, ficou evidente a expansão de área pela quantidade de simpósios temáticos, trabalhos inscritos e lançamentos de livros. Na mesma direção observou-se a consolidação de dois eventos específicos – *Perspectivas do Ensino de História* e *Encontro Nacional dos Pesquisadores de Ensino de História*, atualmente sob a responsabilidade da Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH). Dentro dessa seara de espaços de divulgação de estudos e articulação de pesquisadores, tendo como compromisso a formação dos professores e o ensino-aprendizagem da História no contexto da educação básica, teve origem um dos grupos de trabalho mais ativos da Anpuh: GT Nacional Ensino de História e Educação. Poderia listar um conjunto rico de eventos, redes e grupos de pesquisas e publicações, destacando a diversidade e amplitude de temas, referenciais teóricos e metodológicos e espaços de formação e práticas de ensino desse campo, mas tomaria muito tempo e mais páginas. Limitar-me-ei a referenciar em subtópico específico os que tenho participado desde a conclusão do doutorado, em 2009, e já inserido na rede federal de ensino superior como docente efetivo.

A presença de políticas públicas de âmbito federal de formação de professores por meio do *Observatório da*

Educação, Prodocência, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docências (Pibid), Programa de Residência Pedagógica (RP) e mestrados profissionais para professores da educação básica (ProfLetras, ProfMat, ProfBio, ProfHistória entre outros) permitiram, não só a expansão das ações voltadas para formação inicial de professores, mas também a qualificação dos quadros de docentes nas escolas públicas e privadas em diferentes partes do Brasil. No caso do Pibid e da Residência Pedagógica no contexto das licenciaturas (caso específico em História), houve uma intensificação do diálogo entre escola e universidade e na configuração das pesquisas na área de ensino, tomando por referência a experiência prática da formação dos futuros professores, o que se traduzia em projetos de pesquisa de iniciação científica e pós-graduação.

4.1 Minhas travessias no Ensino de História: uma área de conhecimento

A pesquisa sobre a Ensino de História e produção didática no Brasil constitui parte dos estudos desenvolvidos desde a graduação e a pós-graduação na área, na Unicamp. Durante a iniciação científica, sob a orientação do professor Paulo, investi na abordagem do currículo e livros didáticos na formação e prática dos professores de História no Brasil pós-ditadura militar (1964-1985), tendo por referências as reformas curriculares no processo de democratização, a Constituição “Cidadão” de 1988 e seus desdobramentos com a *Lei de Diretrizes e Bases da Educacional* (LDBEN), de 1996, e os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), entre os anos 1997 e 2000. (cf. Ribeiro, Valério, 2002; Ribeiro, Ribeiro, 2002; Ribeiro, 2003).

Os livros didáticos de História e a produção historiográfica brasileira passaram a ser objeto de estudo a partir das discussões e leituras realizadas na disciplina optativa História Comparada do Racismo, ofertada por Celia Marinho, no terceiro ano da graduação. Com base nos seminários temáticos sobre os estudos das relações raciais no Brasil, Estados Unidos e África do Sul, vislumbrei a possibilidade de conhecer os estudos produzidos pelo “Projeto Unesco”, realizado nos anos 1950, no Brasil, por pesquisadores estrangeiros e brasileiros. (Maio, 2005).

De acordo com Andreas Hofbauer (2006, p. 262),

[...] depois da Segunda Guerra Mundial, a Unesco se mostrou profundamente preocupada com o combate a políticas e ideologias que sustentavam a discriminação de grupos raciais (étnicos, religiosos). Acreditava-se que, para combater o racismo, o primeiro passo importante seria analisar e decodificar contextos e razões que permitiam a existência de ‘relações raciais’ menos conflituosas.

Ao buscar o paraíso racial perdido nos trópicos sul-americanos, os pesquisadores adentraram o universo do preconceito e discriminação racial à brasileira. Esses estudos, rotulados de “Projeto Unesco”, permitiram um amplo e diversificado levantamento do cenário das relações raciais no país e contribuíram para a emergência de novas leituras e interpretações no campo das Ciências Humanas acerca da sociedade brasileira. Dentre estas novas leituras destaca-se o grupo de pesquisadores da “Escola Sociológica de São Paulo”, vinculado à Universidade de São Paulo (USP), tendo por referência o nome do professor Florestan Fernandes.

Os desdobramentos dos primeiros resultados desses estudos colocaram a intelectualidade brasileira diante da

necessidade de reconhecer as falácias da chamada “democracia racial” no Brasil, corroborando, em linhas gerais, as críticas apontadas pelos intelectuais negros e a imprensa negra nos anos 1930 e 1940. Segundo Georges Andrews (1997), essas críticas ficavam restritas aos limites da cor impostos pela corrente principal dos discursos intelectual, acadêmico e oficial, nos quais a narrativa de formação da sociedade brasileira freyreana era hegemônica.

A partir dos embates entre as abordagens de Gilberto Freyre e dos estudiosos da Escola Sociológica de São Paulo, tendo por referência Oracy Nogueira, Florestan Fernandes e Octávio Ianni, elaborou-se uma monografia para disciplina optativa acerca das imagens dos negros nos livros didáticos de História do Brasil nas duas últimas décadas do século XX.

Essa coletânea de ensaios, posteriormente publicada em livro, teve a finalidade de apresentar reflexões sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História produzidos no Brasil durante os anos 1980 e 1990, dando destaque para a análise dos aspectos ligados aos temas do racismo, discriminação e preconceito racial.¹⁷

Durante o curso de mestrado, no Programa de Pós-graduação em História na Unicamp, entre 2002 e 2004, os estudos sobre os livros didáticos de História voltaram-se para a problematização do conceito de raça como fio condutor na construção das interpretações da história da nação para

17 A primeira edição do livro foi publicada em 2002 na *Coleção Cadernos da Graduação n. 2*, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Unicamp, em parceria com os amigos Gláucia Fraccaro e Mairon Escorsi Valério. Em 2019, elaborou-se pela Appris uma nova edição com alguns ajustes pontuais e notas de rodapé de atualizações bibliográficas e comentários, preservando a integridade do texto original. “Negro” foi usado na obra para se referir às pessoas de ancestralidade africana. Este sentido foi mantido ao longo de outros estudos e usado de forma intercambiável com “afrodescendente” como o sugere Andrews (1998, p. 265).

os bancos escolares. A partir dos pressupostos da História Cultural em relação à história do livro e da leitura e ao uso do conceito de mundo como representação, elaborados por autores como Roger Chartier (1990; 1999), analisei as formas de fabricação e usos dos discursos fundadores da nacionalidade brasileira e a sua interface com a retórica da raça nos manuais escolares de História do Brasil, adotados nas escolas a partir da segunda metade do século XIX e ao longo do século XX.

A escolha do manual escolar (o que atualmente denomina-se livro didático) como fonte e objeto de estudo na dissertação de mestrado justificou-se por se constituir

[...] como espaço privilegiado de disputas políticas de constituição de identidades. Nele, há diferentes personagens e modelos de interpretações em jogo – *o jogo das identidades*. Assim como o currículo, o manual escolar é lugar, espaço, território. Objeto de relações de poder por ser trajetória, viagem, expedição, percurso na formação de gerações de *leitores-alunos*. Ele é autobiografia, nossa vida, nosso *curriculum vitae*: neste espaço se fabrica nossa identidade. O manual escolar é texto, discurso, documento. É um documento de identidade, uma *colônia identitária*; objeto de desejo de vários grupos, projetos e políticas (Hall, 2002). Suas páginas são espaços de políticas. Elas não são a História do Brasil, mas nela são esboçadas as histórias desta *comunidade imaginada*, de múltiplas definições e leituras, batizada de Brasil. (Ribeiro, 2004).

Nesse estudo, como propôs Patrícia Pinho (2004), as noções de identidade e cultura foram tratadas a partir do pressuposto da indissolubilidade entre o material e o simbólico, no qual o discurso e a prática se constituíram mutuamente e onde a cultura e a política eram interpenetrantes e

interdependentes. A cultura, fosse ela entendida como um modo de vida ou como representações objetificadas, era criada em um mundo hierarquizado no qual algumas de suas versões tornaram-se hegemônicas. Considerava-se a cultura como política, pois os significados seriam constitutivos dos processos que têm buscado, explicitamente ou não, a redefinição e/ou a preservação da ordem hegemônica vigente.

Os conceitos de identidades e raça foram compreendidos naquele momento como instrumentos fundamentais para o desenvolvimento da análise sobre a construção das representações da identidade nacional brasileira no ensino da História, tendo por referência a trilogia étnica, consagrada na monografia premiada do naturalista bávaro Karl Friedrich Philipp von Martius, apresentada no concurso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1844: indígenas, portugueses e africanos. (cf. Guimarães, 2000; Kodama, 2005).

O referencial teórico, neste caso, avizinhou-se das proposições lançadas pelos estudos de Paul Gilroy (2007). Ao pensar as identidades como construções e não como naturais, o autor propôs a construção de um novo modelo de humanidade por meio do retorno sistemático à história dos conflitos sobre os limites da humanidade na qual a ideia de raça tem sido proeminente. Neste aspecto, Gilroy fez uma reflexão sobre os conceitos ligados às determinações que antecediam ou transcendiam a individualidade como cultura, etnia, nação e raça.¹⁸

18 Resultados obtidos a partir dessa pesquisa foram publicados em revistas e coletâneas: Ribeiro, 2007a; Ribeiro, 2007b; Ribeiro, 2008a; Ribeiro, 2008b; Ribeiro, 2010; Ribeiro, 2014a; Ribeiro, 2016a. Cabe destacar que entre 2006 e 2007, participei também da equipe de tradução do livro do Paul Gilroy para o português, tendo a professora Celia Marinho como coordenadora. O livro intitulado *Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça*, foi publicado pela Annablume, em 2007.

A partir da análise das representações da narrativa brasileira no discurso didático, considerando o pressuposto da formação étnica da população pautado no mito das “três raças”, optou-se, num primeiro momento, por identificar e compreender a emergência desse modelo de interpretação do passado, com destaque para o período colonial, nos manuais escolares adotados no Colégio Pedro II, no século XIX. Para o doutoramento, a ideia era investir nos marcos temporais e temáticos forjados na escrita histórica escolar do Brasil, elaborados nos currículos e na produção didática nessa instituição de ensino modelo, fundada no período imperial. Esse projeto preliminar de pesquisa inspirava-se nos apontamentos presentes nos estudos de Selma Rinaldi de Mattos (2000), versando sobre a obra didática de Joaquim Manuel de Macedo; de Ciro Flávio Bandeira de Mello (2008), numa pesquisa comparando a escrita escolar da história entre a monarquia e a república no Brasil; de Arlette Medeiros Gasparello (2004), abordando a história dos currículos de História do Colégio Pedro II; e de Kátia Abud (1998; 2007; 2011), que propunha uma história da História como disciplina escolar e a construção das identidades.

Contudo, o caminho trilhado apontou para outro tema que se fez presente na pesquisa de mestrado, ou seja, a presença marcante dos textos fundadores dos letrados do IHGB, criado em 1838, na sede do Império, na construção da escrita da História do Brasil e no seu ensino: currículos e manuais escolares, por exemplo, do Colégio Pedro II. Assim, decidi vasculhar a historiografia brasileira para entender como se constituiu um roteiro pré-estabelecido de temas e fontes de leitura do passado brasileiro.

Em outras palavras, procurei saber quando e como começou o processo de criação daquilo que hoje se chama, tanto no discurso didático, quanto historiográfico, de “Brasil colonial”. Saber quais lugares institucionais e sujeitos estavam envolvidos na construção desse passado enquanto conhecimento para ser decifrado, explicado e legitimado. Entender como a costura de documentos, por meio da ação de linhas e agulhas (teoria e método), foi forjando temáticas que formariam o manto (a história) que cobriria toda uma nação, ou seja, como se construiu um enredo temático que seria definido como o período colonial.

Com base nesses questionamentos, propus estudar a construção da ideia de Brasil colonial no Brasil imperial, consultando, pela perspectiva da História Cultural, o acervo documental do IHGB e os números de sua *Revista*, publicadas entre 1838 e 1857. Procurei compreender como este se tornou lugar de referência na coleta e sistematização da documentação histórica, em especial sobre o período colonial. Em suma, examinar como esta construção documental da Colônia confeccionou uma identidade para o projeto de nação em montagem. (Ribeiro, 2005).

Nesse sentido, foi muito oportuno o contato com o livro *Corre Manuscrito: Una historia cultural del Siglo de Oro*, de Fernando Bouza (2001), debatido na linha de pesquisa no curso de doutorado pelos professores Leila Mezan Algranti e Leandro Karnal. Nessa obra, Bouza procurou entender como as pessoas se comunicavam nos séculos XVI e XVII. Para isso, o mundo hispânico adotou escrita como uma forma de sociabilidade e recorreu aos manuscritos como importante fonte de sua pesquisa. O autor preocupou-se com os usos destes manuscritos, compreendendo-os em sua própria

materialidade, bem como o papel que ocupavam em uma sociedade altamente iletrada, mas que começava a conferir a escrita um significado de progresso e civilização.

Ao longo da pesquisa nos acervos do IHGB e do seu periódico, apareceu em destaque a figura do historiador paulista Francisco Adolfo de Varnhagen, conhecido como o visconde de Porto Seguro (1816-1878), posteriormente, denominado por uma certa tradição historiográfica como “o pai da história do Brasil”. A partir de profunda e exaustiva pesquisa documental em arquivos no Brasil e na Europa, Varnhagen escreveu a sua *Historia geral do Brazil*, publicada em dois tomos respectivamente nos anos de 1854 e 1857. Eis aqui a personagem que assumiu lugar de interesse no percurso da minha investigação, que também teria a sua história.

O visconde de Porto Seguro, o projeto historiográfico do IHGB e a invenção de uma narrativa do Brasil Colonial no Brasil Império tornaram-se o tema da tese, defendida em 2009 [publicada em formato de livro no ano de 2015, pela Editora Entrelinhas, após ser contemplado num edital da publicação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – Fapemat].¹⁹ A sua *Historia geral do Brazil* e a sua correspondência ativa, articuladas com a produção do grêmio presente na *Revista*, constituíram as fontes privilegiadas para se compreender a escrita varnhageniana no período entre 1839 e 1860:

A questão problema era identificar e analisar os enredos cronológicos e temáticos eleitos por Varnhagen para produzir a interpretação da experiência do passado colonial

19 Essa tese se fundamentou nas discussões teóricas e metodológicas apresentadas pelos estudos de autores como Albuquerque Junior, 2001; Albuquerque Junior, 2007; Appiah, 1997; Foucault, 1999; Foucault, 2002; Gilroy, 2007; Hall, 2002; Said, 2005.

como a biografia ou semente da nação brasileira, superando a imagem consagrada pela historiografia de que sua narrativa seria resultado de uma mera compilação e arranjo documental. (Ribeiro, 2009, p. 4-5).

A obra intelectual de Varnhagen e seus desdobramentos na produção historiográfica e didática no Brasil continuaram sendo meu foco de estudo por meio do projeto de pesquisa intitulado “As escritas de Francisco Adolfo de Varnhagen e a história do Brasil nas páginas da *Revista do IHBG* (1840-1878)” – registro n. 050/2009/CAP/PROPeq, desenvolvido no âmbito da atuação docente na área de Didática e Prática de Ensino de História, no Departamento de História da UFMT, entre os anos 2009 e 2012. (cf. Ribeiro, 2011; Amedi, Ribeiro, 2013; Ribeiro, 2013a; Ribeiro, 2014b; Ribeiro, 2016b; Ribeiro, 2016c).

A pauta Ensino de História, produção didática e pluralidade cultural no contexto da educação básica é retomada a partir do projeto de pesquisa/extensão, iniciado ainda quando da atuação no Departamento de História na Unemat, campus de Cáceres, entre os anos de 2006 e 2008, a partir da atuação nas disciplinas de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de História junto com os professores e amigos Nauk Maria de Jesus e Osvaldo Mariotto Cerezer²⁰. Dessa experiência, tendo por foco a discussão e implantação da Lei n. 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica e superior, foram propostos cursos de extensão, seminários internos, oficinas e a publicação de uma coletânea intitulada *Ensino de História: trajetórias em movimento*, editado pela Ed. Unemat, em 2007.

20 Em relação aos estudos de Cerezer sobre a história da educação das relações étnico-raciais nos cursos de Licenciatura em História nas universidades no Estado de Mato Grosso, vale a pena consultar o livro *Ensinar história afro-brasileira e indígena no século XXI: a diversidade em debate*, publicado pela Appris, em 2019.

O debate em torno da elaboração, aplicação e desdobramentos educacionais e acadêmicos da Lei n. 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras, tem sido intenso e multifacetado ao longo de mais de duas décadas. Nesse período muito se tem escrito e argumentado acerca do significado dessa alteração na LDBEN, promulgada em 1996, ocupando espaço em eventos científicos, fóruns de educação, publicações em periódicos e coletâneas e reuniões e assembleias dos movimentos negros. (cf. Mattos, 2008; Oliva, 2009a; Oliva, 2009b; Jesus, 2009; Costa, 2013; Coelho; Coelho, 2013; Cerezer, Guimarães, 2013; Arantes, 2020; Xavier Filho, 2021; Oliveira, 2021; Oliveira, 2024).

Nota-se que, muito se tem “afirmado” (ou até mesmo “contestado”) acerca da obrigatoriedade da lei colocando em xeque conceitos canonizados dentro da forma de se ensino e pensar historicamente no contexto escolar e universitário. Palavras como identidade, diversidade, nacionalidade, diferença, igualdade, inclusão entre outras têm povoado o vocabulário docente com diferentes significados e problematizações. A existência desse documento, em linhas gerais, efetivamente tem recusado a ideia do Brasil como um “paraíso” ou uma “democracia racial”. (Ferreira, Santos, 2014).

Ao discorrer acerca do desconhecimento ou imaginário negativo sobre África, Anderson Ribeiro Oliva (2003, p. 423) sugere que a história do continente em suas múltiplas experiências históricas não nos foram apresentadas durante nossas trajetórias de vida e formações escolares, a não ser por meio de informações que estavam recheadas de equívocos e simplificações:

Quanto de nós estudamos a África quando transitávamos pelos bancos escolares? Quanto tiveram a disciplina de História, Literatura, Arte ou Geografia da África nos cursos de Graduação? Quanto livros ou textos lemos sobre a questão? Tirando as leituras que associam a África e os africanos à escravidão, as breves incursões pelos programas da *National Geographic* ou *Discovery Channel*, ou ainda as imagens chocantes de um mundo africano em agonia, da Aids que se alastra, da fome que esmaga, dos grupos étnicos que se enfrentam com grande violência ou os safáris e animais exóticos, o que sabemos sobre a África?

A promulgação da Lei n. 11.645/2008, que tornou obrigatórias as aulas de história e cultura dos povos indígenas para os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, complementando, a Lei n. 10.939/2003, que já previa a inclusão da temática africana e afro-brasileira no currículo das escolas, trouxe novos desafios a serem enfrentados pelos cursos de formação de professores e, especialmente, pela prática pedagógica do profissional da História.

A partir daquele contexto de reformas curriculares, o grupo de pesquisadores, liderado pelo professor Osvaldo Mariotto Cerezer (Unemat), elaborou e submeteu um projeto pesquisa ao Edital Universal/Fapemat – n. 004/2009, de apoio a projetos de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, intitulado “Diversidade étnico-racial no Ensino de História em Mato Grosso: estudo de caso nas escolas públicas dos municípios de Cáceres e Rondonópolis”, cujo o objetivo era “analisar as representações criadas sobre a história e cultura africana e afro-brasileira e indígena nas práticas e saberes produzidos por professores e alunos nas aulas de História no Ensino Fundamental (6º ao 9º anos) das

escolas públicas dos municípios de Cáceres e Rondonópolis – MT.” (Cerezer, 2009).²¹

Nesse sentido, a pesquisa investigou como os professores e estudantes nas aulas de História têm produzido interpretações e imagens da história e cultura africana e indígena em resposta aos desafios propostos pelas referidas Leis, enfatizando as mudanças, permanências, lacunas e alternativas pedagógicas presentes nas práticas e saberes elaborados no cotidiano escolar.

Com base em questionários aplicados aos estudantes, entrevistas com os professores e análise dos planos de ensino e materiais didáticos adotados nas escolas, esse grupo de pesquisadores, do qual fiz parte, realizaram eventos, seminários, relatórios técnicos e artigos/capítulos publicados em revistas especializadas e coletâneas acadêmicas. (cf. por exemplo Cerezer, 2011; Cerezer, Guimarães, 2013; Ribeiro, 2013b; Santos, 2014; Cerezer, Guimarães, 2015; Cerezer, Ribeiro, 2015; Mendes, Ribeiro, 2015; Mendes, Ribeiro, Valério, 2016; Ribeiro, 2016d; Cerezer, Ribeiro, Santos, 2016; Ribeiro, Santos, 2018).²²

21 Na UFMT, para fins de registro, o projeto de pesquisa recebeu o título “Diversidade Étnico-Racial no Ensino de História em Mato Grosso: estudo de caso nas escolas públicas do município de Rondonópolis” - registro n. 289/2010/CAP/PROPeq, tendo inicialmente seu *lôcus* de execução o Departamento de História, do campus de Rondonópolis, entre 2009 e 2011. Em seguida, foi transferido para o Departamento de História, do campus de Cuiabá, quando da minha remoção docente, com seu encerramento em 2015. Amauri Junior da Silva Santos (bolsista de iniciação científica/Pibic/CNPq) e Luís César Castrillon Mendes (doutorando do Programa de Pós-graduação em História e bolsista Fapemat/Capes) atuaram como pesquisadores do referido projeto. Amauri Junior concluiu, sob a minha orientação, seu curso de mestrado (2017) e doutorado (2023) no Programa de Pós-graduação em História da UFMT. Além da orientação da pesquisa, tivemos parceiras em publicações em revistas e coletâneas na área de Educação e Ensino de História.

22 Além dessas publicações, foram organizadas duas coletâneas a partir dos resultados da pesquisa e de articulações de rede de estudiosos das temáticas de história e cultura africana e afro-brasileira e indígena no Brasil. (cf. Cerezer, Mendes, Ribeiro, 2020; Cerezer, Mendes, Ribeiro, Rodrigues Junior, 2022).

Nesse período, Luís César Castrillon Mendes desenvolveu sua pesquisa de doutoramento, no Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS) da UFMT, sob a minha orientação, versando sobre o tema dos manuais escolares de História do Brasil produzidos no século XIX brasileiro. Na tese intitulada “Logo que o seu cofre proporcione esta despesa: A construção da narrativa didática nacional nos manuais de História do Brasil adotados no Colégio Pedro II (1838-1898)”, defendida em 2016 [e publicada em formato de livro no ano de 2022, pela Appris], o autor analisou o processo de construção de uma narrativa didática para a nação imperial, a partir dos manuais de História do Brasil utilizados no Colégio Pedro II, entre os anos de 1838 e 1898. Ele partiu da hipótese de que o anseio de ser modelo de ensino configurou-se apenas no campo das ideias e não pôde se efetivar na prática, por alguns problemas não tão diferentes do ensino atualmente, tais como: construções curriculares, evasão escolar, resistências e indiferenças a mudanças e constantes reformas educacionais. Dessa maneira, sustentou “a tese de que os autores dos manuais escolares adotados no Colégio, com algumas diferenças, abordaram um modelo de narrativa da nação como forma de legitimação do projeto monárquico. O passado colonial foi ressignificado como campo de experiência para as expectativas do tempo presente da elite política e intelectual do Segundo Reinado”. (Mendes, 2016, p. iv).

A convivência com o percurso acadêmico de Luís César permitiu a retomada das pesquisas com a produção didática de História do período oitocentista brasileiro, o que proporcionou a escrita de textos em coautoria²³ e, por

23 Dessa parceria de orientação e pesquisa compartilhada com o Luís César Castrillon Mendes sobre a produção didática no Brasil do século XIX pode-se mencionar as seguintes publicações: Mendes, Ribeiro, 2015; Mendes, Ribeiro, 2016a; Mendes, Ribeiro, 2016b; Mendes, Ribeiro, 2017; Mendes, Armedi, Ribeiro, 2017; Mendes, Ribeiro, 2018; Mendes, Ribeiro, 2019; Mendes, Ribeiro, Rodrigues Junior, 2018; Mendes, Ribeiro, 2022a; Mendes, Ribeiro, 2022b.

consequência, a formulação do meu projeto de pesquisa para o estágio pós-doutoral em Educação, sob a supervisão de Kátia Abud, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), entre o período de agosto de 2016 e julho de 2017.

O projeto de pesquisa, intitulado “A narrativa da nação no Ensino de História: enredos cronológicos e temáticos do Brasil Colonial no discurso republicano (Colégio Pedro II, Rio de Janeiro: 1889-1931)” – registro n. 250/2016/CAP/PROPeq, abordou a história da emergência de um objeto de saber – de um tempo e de um espaço de poder nas páginas dos livros didáticos de História do Brasil, produzidos e/ou adotados no período de 1889 a 1931, no Colégio Pedro II: *o passado colonial brasileiro*. (Ribeiro, 2016e). O passado definiria o campo de atuação de um saber – a história; o colonial marcaria uma temporalidade; e o adjetivo brasileiro desenharia um território – *o corpo da nação*. Na confluência destes elementos o povo e seus feitos entrariam em cena na trajetória linear (didática) rumo à nação independente, aquela desejada pelo discurso político e intelectual da Primeira República.

Ao longo das atividades do estágio pós-doutoral, considerando as pesquisas exploratórias no acervo do Livres – Biblioteca do Livro Didático – na FEUSP, no Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II e na Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro e os colóquios com a supervisão docente da Kátia Abud, defini o recorte da pesquisa a partir do estudo de caso do professor e autor de livros didáticos João Ribeiro (1860-1934), que atuou como catedrático do Colégio Pedro II. Ao final do ano de 2017, o relatório final de pesquisa para o estágio pós-doutoral foi apresentando com um levantamento das obras didáticas e biobibliografia, contendo livros, teses,

dissertações, capítulos de livros e artigos em periódicos, um memorial descritivo e dois textos de análise da produção didática e atuação intelectual/docente referente ao historiador sergipano. (Ribeiro, 2017a).²⁴

A partir da ampliação do escopo tempo temporal e do conjunto de obras/autorias²⁵, o projeto de pesquisa “Capítulos da história ensinada no Brasil: livros didáticos, narrativas e disputas de memórias (décadas 1889-1989)” – registro n. 044/2022/CAP/PROPeq, analisou os enredos cronológicos e temáticos, forjados pelo discurso dos livros didáticos da disciplina História, vinculados à lógica essencialista de cultura, raça e identidade, que buscavam delimitar a nação como uma entidade unívoca e hegemônica e, mais ainda, uma necessidade para a existência na modernidade. Compreender os mecanismos discursivos como os germens e alicerces da nação foram buscados no passado colonial brasileiro, constituiu o norte da bússola da navegação pelas seções/

24 Além do relatório final de pesquisa para o estágio pós-doutoral, ao longo de vigência do projeto de pesquisa cadastrado da PROPeq/UFMT (jan./2016 a dez./2019), foram publicados os seguintes textos sobre o Ensino de História e produção didática no Brasil/Mato Grosso durante a Primeira República: Ribeiro, Silva, 2016; Dourado, Ribeiro, 2016; Ribeiro, 2017b; Dourado, Ribeiro, 2017; Dourado, Ribeiro, 2019; Ribeiro, 2020a; Ribeiro, 2020b; Bertoloto, Dourado, Ribeiro, 2020; Ribeiro, Santos, 2021; Ribeiro, Souza, 2021; Mendes, Ribeiro, 2022; Dourado, Ribeiro, 2022; Ribeiro, Valério, 2022. Merece destaque as dissertações de mestrado em História, sob a minha orientação, defendidas no Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS) e no Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da UFMT, versando sobre o tema do Ensino de História, de Luciana Coelho Gama da Silva (2016), Amauri Junior da Silva Santos (2017), Felipe Honório Correia Ribeiro (2018), Loami Albuquerque Gama Lopes (2019), Ednilson José de Moraes (2019), Shirley Cláudia da Silva e Souza (2019), Luzia Aparecida Gonçalves (2020), Nayara Bianca Serra Varella (2021), Michely Maria Zanão (2024) e Neriane Rios Souza (2024). No caso das teses de doutorado em História, defendidas na PPGHIS da UFMT, merecem destaque os trabalhos de Luís César Castrillon Mendes (2016), Edevamilton de Lima Oliveira (2018), Amauri Junior da Silva Santos (2013) e Lucas Santos Café (2013).

25 O projeto de pesquisa anterior estava restrito à chamada “República Velha” ou “Primeira República” no Brasil, entre os anos 1889 e 1930, dentro do âmbito das obras didáticas adotadas no Colégio Pedro II. Cf. Ribeiro, 2016e.

capítulos dessas obras adotadas nas aulas de História durante o período republicano, entre 1889 e 1989. (cf. Arruda, Ribeiro, 2022; Ribeiro, Campos, Hirata, 2023; Arruda, Ribeiro, Souza Neto, 2023; Ribeiro, Souza, 2023; Ribeiro, Valério, 2023; Ribeiro, Rodrigues Jr., Santos, Valério, 2023; Ribeiro, Gomes, Rodrigues Jr., 2024; Ribeiro, Coimbra, 2024).

Em virtude da minha remoção para a UFSCar, o projeto de pesquisa em andamento na UFMT foi concluído em novembro de 2023, com o envio do relatório final para a Pró-reitoria de Pesquisa (PROPeq). O ano de 2023 teve muitas das minhas atividades de pesquisa e participação em eventos científicos suspensos por conta da licença médica e uma série de exames de avaliação preventiva da Porfíria Eritropoiética.

Na UFSCar, após a minha apresentação e designação para o Departamento de Ciências Sociais, no Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), no campus São Carlos, elaborei meu plano de trabalho do servidor docente – processo Sei-UFSCar n. 23112.040265/2023-83, contendo a síntese do projeto de pesquisa a ser executado entre fevereiro de 2024 a janeiro de 2026 intitulado “Panteon de papel: os livros didáticos de História do Brasil, o conceito de sujeitos históricos e as lutas pelo direito à memória (1889-1989)”.

A pesquisa em andamento estuda os sentidos do conceito de sujeito histórico na construção das representações da nação produzidas nos livros didáticos de História do Brasil, adotados nas instituições de ensino durante o período republicano, entre 1889 e 1989. Além disso, empreende uma análise acerca da fabricação do mito do herói nacional e seus usos políticos na formação da consciência histórica dos estudantes brasileiros, evidenciando, num primeiro momento, a sua representação nos livros didáticos como uma realidade dada, a ser descrita

e celebrada e, em seguida, a partir das inovações do debate historiográfico e pedagógico contemporâneos, a sua problematização como parte de um projeto de poder amparado nas noções de nação, nacionalismo e Estado.

O processo de democratização do Brasil, a partir do início dos anos 1980, aliado às demandas sociais por uma cidadania participativa traduzida pela discussão de uma nova Constituição por meio de uma educação popular e inclusiva, bem como as dessacralizações dos eventos celebrativos dos centenários da abolição da escravidão (1988) e da proclamação da República, abriram espaço para abordagens de uma concepção mais ampla de sujeitos históricos, considerando as representações sociais outrora marginalizadas ou silenciadas no currículo e nos livros didáticos de História. Segundo Thais Nívia de Lima e Fonseca, no livro *História e Ensino de História* (2003), a reflexão acerca da construção histórica dos heróis e símbolos nacionais, presente na pesquisa acadêmica desenvolvida desde o final dos anos 1970, tem apontado para a necessidade de se pensar os sujeitos na História não centrada apenas em personagens que realizaram feitos individuais ou tidos como heroicos, como autoridades ou figuras políticas.

As tramas da história, sob esse prisma de análise, não podem ser entendidas como sendo dependentes do destino de poucos, de façanhas ou vontades individuais de lideranças, em que pouco se destaca a dimensão coletiva das lutas por mudanças ou da resistência exercida por grupos em defesa de seus direitos. Nesse sentido, os sujeitos históricos, como sugerem os próprios discursos curriculares contemporâneos (por exemplo, *Parâmetros Curriculares Nacionais* e *Base Nacional Comum Curricular*), são vistos como todos aqueles que, em determinados contextos históricos mostraram suas especificidades, sendo

líderes de lutas para transformações ou permanências na sua realidade, atuando em grupo ou de forma isolada. São trabalhadores, mulheres, afrodescendentes, indígenas, escravizados, camponeses, religiosos, políticos entre outros. Nestas narrativas sairia a névoa da mística e da celebração dos heróis nacionais e entraria em cena o exercício reflexivo e crítico sobre a ação social de indivíduos, grupos ou classes sociais, por vezes, à margem das páginas dos livros didáticos de História.²⁶

Cabe registrar que muitas reflexões e propostas para a área de Ensino de História, pensando a pesquisa e o ensino em sala de aula, foram objeto do livro *Fazer história: a importância de ler, interpretar e escrever em sala de aula*, publicado pela Appris, em 2018. A obra foi fruto de minhas leituras, discussões e diálogos com professores, pesquisadores e estudantes em espaços de formação e atuação profissional por mais de uma década. Esse período de trocas foi marcado pelo encontro com interlocutores de grande envergadura, pessoas com quem foi possível compartilhar experiências, utopias e projetos para uma paixão intelectual: o Ensino de História, com destaque para a formação e prática do professor dessa disciplina.

Nesse sentido, tornou-se impossível pensar as questões inerentes à História e ao seu ensino na escola e na universidade sem o contato e o intercâmbio de leituras e opiniões com professores e estudantes. Essa comunidade de destino – espalhada por diferentes instituições no Mato Grosso e no Brasil – foi fonte de inspiração para falar, ensinar e escrever sobre esta profissão de múltiplas faces: o historiador – pesquisador, professor e intelectual.

26 Os primeiros resultados dessa pesquisa foram encaminhados para periódicos especializados e coletâneas organizadas por grupos de pesquisa na área de Educação e Ensino de História, com previsão de publicação no ano de 2025, conforme as cartas de aceite.

Esse livro foi construído com vistas a buscar o reconhecimento, a afirmação e a valorização da identidade do professor no fazer do historiador, de modo a assumir um compromisso com o Ensino de História e a educação de crianças e jovens na escola. Pode parecer óbvio, mas, ao percorrer os cursos de licenciatura e de pós-graduação em História, as atividades de formação continuada e, principalmente, as salas de aula das escolas, no período entre 2008 e 2018, identifiquei ainda o distanciamento, a resistência e as dificuldades de interação e diálogo existentes entre os lugares de formação e de atuação prática dos professores de História.

Ao longo da terceira parte da obra, dediquei especial atenção para os modos de produção, circulação, usos e apropriações dos livros didáticos de História no Brasil contemporâneo, destacando aspectos e metodologias de análise que aprofundarei no subtópico a seguir.

4.2 Livros didáticos de História (do Brasil) e fabricação do Brasil como Estado nacional: teoria e metodologia de pesquisa

Ao longo de meu percurso de atuação na pesquisa acadêmica, o exercício de decifração dos discursos fundacionais na História do Brasil, da fabricação da nação como uma verdade, tem passado pela procura das relações de poder e saber que o instituíram por meio dos enredos e tramas que pautaram a composição de uma narrativa didática do Brasil entre a emergência do evento do novo regime (1889) e as celebrações do seu primeiro centenário (1989), considerando os seus diferentes ritmos, recortes e processos políticos e sociais. Em determinados momentos, esse recorte de pesquisa tem recuado para o evento fundacional do 7 de setembro de 1822,

com a proclamação da Independência do Brasil e o nascimento do Estado nacional no contexto de um regime monárquico.

Conforme enunciado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, o que se tem almejado estudar é como se constituiu “um arquivo de imagens e enunciados”, um estoque de fontes de verdades sobre o Brasil nos livros didáticos a partir da evocação, ou melhor, invenção discursiva do seu passado colonial.²⁷

As proposições apresentadas para a História, desde a reabertura política e democratização do Brasil, têm trazido na sua essência a ideia de que esta disciplina desenvolva nos estudantes a autonomia intelectual e o pensamento crítico, tentando afastar-se, segundo Christian Laville (1999, p. 126), da sua “missão de incutir nas consciências uma narrativa única glorificando a nação.”

Desde seu nascimento como área de conhecimento, no século XIX, até a segunda metade do século XX, o Ensino de História nas escolas não era mais do que uma forma de educação cívica. Seu objetivo maior era confirmar a nação no Estado em que se encontrava no momento, justificar sua ordem social e política – e, ao mesmo tempo, seus dirigentes – e inculcar nos membros da nação o sentimento de a ela pertencerem, respeito por ela e dedicação para servi-la. O “aparelho didático” desse ensino seria

27 Para Albuquerque Junior (2007, p. 25-26), “como chama atenção Derrida em seu texto *Mal de arquivo*, nada do que ficou arquivado do passado o foi inocentemente. O arquivo, seja de textos, seja de objetos, é fruto de operações políticas de sentido. Mesmo aquele documento ou vestígio do passado que possa ter chegado até nós por puro acaso foi produzido no seu tempo obedecendo a intencionalidades, ou seja, as evidências em seu próprio tempo são fabricadas. [...] as evidências não são encontradas nos arquivos, são fabricadas pelos próprios procedimentos, aparatos e pressupostos teóricos e metodológicos do historiador”. Cf. também Albuquerque Junior, 2001.

[...] uma narração de fatos seletos, momentos fortes, etapas decisivas, grandes personagens, acontecimentos simbólicos e, de vez em quando, alguns mitos gratificantes. Cada peça dessa narrativa tinha sua importância e era cuidadosamente selecionada. (Laville, 1999, p. 126).

Laville considera que a Segunda Guerra Mundial foi um marco na mudança dessa concepção de História. A partir de 1945 e, principalmente após a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, a função social do Ensino de História passou a ser o de formar indivíduos autônomos e críticos e levá-los a desenvolverem

[...] as capacidades intelectuais e afetivas necessárias para tal. Os conteúdos factuais passavam a ser menos determinados de antemão, menos exclusivos, abrindo-se à variedade e ao relativo. Contudo, o mais importante é que, como desenvolvimento das capacidades se dá com a prática, a pedagogia da história passava de uma pedagogia centrada no ensino para uma pedagogia centrada nas aprendizagens dos alunos. (1999, p. 126).

É dentro desse cenário de mudanças paradigmáticas da História e da Educação que estão alicerçados o debate curricular brasileiro, apresentados à sociedade brasileira desde as duas últimas décadas do século passado. (cf. Nadai, 1993; Fonseca, 1993; Bittencourt, 1998; Abud, 1998; Stephanou, 1999; Ribeiro, 2003).

Os livros didáticos, até os dias mais recentes, têm sido o principal instrumento de difusão do conhecimento e da aprendizagem no sistema educacional brasileiro, constituindo importante fonte para uma história da disciplina por conter seus conteúdos explícitos e apresentar os exercícios a serem realizados pelos professores e estudantes na sala de aula. Dessa forma, a leitura desta fonte esclarece o que seria

ensinado e como o estudante poderia aprender o que era ensinado. Nas suas páginas, tenho identificado quais imagens de mundo e sociedade a escola está construindo no imaginário dos discentes. Por se constituir como um poderoso (e muitas vezes o único) auxiliar de ensino para o estudante e o professor, “este tipo de documento tem se tornado muito significativo para a pesquisa tanto dos conteúdos ensinados como dos métodos usados na sala de aula.” (Pires, 1994, p. 111).

Ao estudar nos últimos anos a construção de ideia de Brasil colonial pelos livros didáticos de História produzidos e/ou adotados no período republicano, entre os anos de 1889 e 1989, minha pesquisa tem-se aproximado das perspectivas teórico-metodológicas lançadas pela História Cultural, preocupada em apresentar e analisar os novos caminhos para escrever a história no que concerne à linguagem e às relações *saber e poder*. Esta área de estudo tem permitido reflexões sobre a produção do conhecimento histórico, a partir de linhas temáticas específicas: “escrita da história, discurso, fato e narratividade, ciência e ficção, literatura e história, tempo e temporalidade são questões presentes nas discussões que abordam temas referentes tanto à teoria, quanto à política e à religiosidade.” (Rago, Gimenes, 2000, p. 10-11).

A abordagem da temática da narrativa da nação no Ensino de História do Brasil tem trabalhado com as noções de representação, prática e apropriação que, como afirmou Roger Chartier (1990, p. 13-28), constituem o foco da abordagem da História Cultural.

Para o referido autor, o objetivo principal da História Cultural seria “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. (Chartier, 1990, p. 16-17). Nessa

perspectiva, seria necessário para alcançar esse objetivo, levar em consideração as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do real e são partilhadas pelos grupos. Chartier (1990, p. 18) destacou, ainda, que as representações do mundo social se apresentariam como universais, mas seriam, na verdade, discursos pautados pelos interesses dos grupos que as forjam. Na sua leitura, as representações seriam “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas que tem como objetivo a construção do mundo social e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua.” Assim, as apropriações seriam social, institucional e culturalmente determinadas, produzindo maneiras diferenciadas de interpretação. (Chartier, 1990, p. 26-28).

Os conceitos de identidades e raça têm se constituído em instrumentos fundamentais para o desenvolvimento de minha análise sobre a construção das representações da identidade nacional brasileira no ensino da História. O referencial teórico, neste caso, avizinhou-se das proposições lançadas pelos estudos de Paul Gilroy (2007). Ao pensar as identidades como construções e não como naturais, o autor propôs a formulação de um novo modelo de humanidade através do retorno sistemático à história dos conflitos sobre os limites da humanidade, na qual a ideia de raça tem sido proeminente. Neste aspecto, ele fez uma reflexão sobre os conceitos ligados às determinações que antecederiam ou transcendiam a individualidade como cultura, etnia, nação e raça.

A busca de uma cultura e identidade nacional sempre esteve impregnada da maldição da obsessão pela pureza, em nome da essência perdida. Narrar o passado seria uma forma de restituir o caráter verdadeiro de seu povo. Narrar a nação

seria uma maneira de definir a sua identidade. Na linguagem política, a identidade tem ocupado seu lugar de primazia, reequilibrando as distinções entre as conexões escolhidas e as particularidades dadas.

A palavra identidade, segundo Gilroy (2007, p. 132), congregaria elementos significativos no processo de eclosão de conflitos envolvendo “diferenças culturais, étnicas, religiosas, ‘raciais’ e nacionais.” Ao estabelecer o sentimento de pertencimento, forjando a hegemonia e soterrando ou hierarquizando as diferenças, a máquina de guerra da identidade – representada pelas suas narrativas fundacionais – emergiria a partir da eclosão dos conflitos, das resistências, da reação daqueles rotulados de outros, o que não seriam o mesmo desejado e fabricado.

Quando as identidades nacionais e étnicas têm sido representadas e projetadas como puras, o contato com a diferença as ameaça com a diluição e compromete suas purezas sobvalorizadas com possibilidade crônica de contaminação. O cruzamento como mistura e movimento, por essa lógica, deveria ser assim resistido a todo custo.

Narrar o passado da nação, determinando sua herança cultural e biológico racial, implicaria o exercício de purificação. A segurança do presente estaria na construção da ideia de similitude, da igualdade desde os tempos imemoriais, da origem primeira. Os outros, tidos como selvagens ou anormais, os não-cidadãos [os “imigrantes ilegais” e a população LGBTQIAPN+, na linguagem agressiva da extrema direita na atualidade], por esta lógica, precisariam ser, no processo narrativo, extirpados seja pela separação, seja pelo massacre. Em alguns casos, como o brasileiro, a exclusão estaria traduzida na incorporação via mestiçagem, o que levaria à

dissolução, ao desaparecimento no imenso rio caudaloso da matriz primordial, retomando as teses do naturalista bávaro von Martius, no século XIX. Narrar seria também o processo de evidenciar e identificar o outro, o que não se quer ser, para em seguida escondê-lo, enterrá-lo com a terra e o discurso. Gilroy observou que, mesmo a mistura étnico-racial constituiria a prova de uma grande traição. A meta da narrativa em longo prazo sempre seria a busca da pureza, do mesmo, do verdadeiro sujeito nacional europeu, branco, cristão e masculino.

Essa lógica essencialista e estática da identidade no processo de invocação do passado tem convocado o estatuto da raça para se desenhar o retrato do sujeito nacional. Ela ajudaria a estabelecer o padrão almejado no jogo da diferença, determinando a régua de medida civilizacional para se inventariar o “nós” e os “outros”. A raça evidenciaria as lacunas, ausências e fragilidades inatas daqueles que não seriam o povo da nação. (Gilroy, 2007, p. 109).

No lugar destes conceitos fechados, amplamente arraigados nos discurso dos livros didáticos de História do Brasil, Gilroy (2001) sugeriu, por exemplo, o conceito de diáspora e de identidades construídas, não nas relações entre a estabíldades da terra (nação, povo, cultura etc.) e a firmeza da árvore genealógica humana (raça, etnia, povo, cultura etc.), mas comparando-as à instabilidade e o movimento das águas do mar, na incerteza e na multiplicidade de leituras das comunicações transculturais, nas quais os indivíduos têm construído suas identidades numa relação entre passado e presente, propondo um novo futuro.

Ao problematizar estes referenciais conceituais, o meu percurso de pesquisa permitiu a realização da desconstrução

dos discursos sobre a identidade nacional forjados pelos manuais escolares [atuais livros didáticos] de História assentada na matriz de pensamento estática e fechada do conceito de raça, na formação da sociedade brasileira.

O conjunto de obras analisado priorizou os livros didáticos de História do Brasil. Um dos problemas básicos sobre os livros didáticos estaria no estabelecimento de critérios para sua seleção considerando a enorme quantidade de obras produzidas pelo mercado editorial ao longo do século XX. Dessa forma, optei pela análise de uma amostragem de livros didáticos da disciplina destinados ao público escolar infantil e juvenil no período, de acordo com as informações obtidas de relatórios e dados estatísticos de circulação institucionais e catálogos de editoras. Levei em consideração, também, as recorrências de obras presentes na historiografia sobre o tema.

Na análise da narrativa da nação presente nos livros didáticos de História do Brasil no período republicano, adotei o entendimento do livro como um produto cultural significativo na sociedade moderna. No caso dos livros didáticos, levei em consideração as proposições lançadas por Circe Bittencourt, Kazumi Munakata e Thaís Nívia de Lima e Fonseca.²⁸ Para os referidos autores, o livro didático deveria ser compreendido como obra fabricada e produzida por diferentes sujeitos, não podendo se restringir aos autores. Ainda, segundo sua leitura, os conteúdos dos livros didáticos não seriam somente fruto de uma visão ideológica, mas estariam articulados com a produção da ciência de referência e as pedagogias.

Nas últimas décadas tem-se identificado uma crescente série de pesquisas sobre a produção e os usos dos livros

28 Nesse sentido, podem ser indicados os seguintes estudos: Bittencourt, 2008; Bittencourt, 1998; Fonseca, 2003; Munakata, 2009; Munakata, 2007; Munakata, 1997.

didáticos e suas relações com a história do Ensino de História no Brasil. Esta produção, permeada por diferentes tonalidades teóricas, metodológicas e ideológicas, pode ser traduzida pela proliferação de artigos em revistas especializadas, capítulos de coletâneas, comunicações em eventos, livros, monografias, dissertações e teses.

Neste universo de múltiplos olhares sobre esse objeto do cotidiano escolar pude encontrar educadores, historiadores, linguistas, semiólogos, entre outros profissionais, preocupados em investigar questões ligadas à sua gênese, à sua continuidade e às suas transformações, aos seus usos e práticas na produção e reprodução de conhecimento, aos valores e ideologias, aos estereótipos e preconceitos de seus conteúdos.

Encontrei, por exemplo, estudos que abordaram questões ligadas à sua fabricação – o livro como objeto, mercadoria que sofreria as influências de contingências sociais, econômicas, técnicas, políticas e culturais como qualquer outra e que percorreria os caminhos da produção, distribuição e consumo. Outros enveredam para a história dos autores dos livros didáticos, vasculhando o cotidiano daqueles que escreveram suas páginas. Enfim, pude, ao longo do tempo, em diálogo com pesquisadores e amigos como Kátia Abud, Margarida Dias, Mauro César Coelho, Wilma de Nazaré Baía Coelho, Flávia Eloisa Caimi, Ronaldo Cardoso Alves e Márcia Elisa Tete Ramos em eventos, grupos de trabalho e parcerias de publicação, encontrar diferentes leituras, peregrinações, pelo universo dos livros didáticos de História no Brasil. (cf. Ribeiro, Coelho, Oliveira, 2023).

De acordo com Décio Gatti Junior (2004, p. 27), inspirado pelas afirmações de Michael Apple,

[...] os livros didáticos são, incontestavelmente, instrumentos privilegiados no cenário educacional brasileiro e internacional, pois são eles que, verdadeiramente, “estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo”.

Ao fornecer estas condições, eles acabam sendo os fiéis depositários dos saberes provenientes das diferentes disciplinas escolares.

Diante do exposto, observando na perspectiva do estado atual da pesquisa em desenvolvimento, posso afirmar, sem sombras para dúvidas, que o livro didático tem sido um dos objetos mais analisados pelos historiadores do Ensino de História, o que não implica numa saturação das discussões ou pesquisas. Noto, pelo contrário, a sofisticação das pesquisas produzidas procurando compreender os usos dos livros didáticos por professores e estudantes em sala de aula, ou criar diálogos entre a produção didática e a historiográfica para se pensar questões relacionadas à construção de enredos temáticos, narrativas, memórias e identidades nos diversos campos da História. (Bittencourt, 2011, p. 487-516; Moreira; Silva, 2011).

Embora seja objeto de avaliações contraditórias dentro e fora do espaço escolar e acadêmico, o livro didático, todavia, constituiu-se, na fala de autores como Circe Bittencourt (2004, p. 299), o material de apoio referencial básico de professores, pais e estudantes. Este público enxerga-o como instrumento privilegiado para o estudo; e, em todo início de ano letivo, nos últimos tempos, as editoras têm colocado no mercado uma infinidade de obras, diferenciadas em tamanho, cores e qualidade. Segundo a autora, “os livros didáticos, os mais usados objetos de trabalho integrantes da ‘tradição escolar’ de professores e alunos, fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos.”

Os livros didáticos, dentro da história do livro e do saber, são considerados um depósito dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos apresentados pelos programas curriculares das diferentes disciplinas escolares; é através dele, dentre outros meios, que são passados os conhecimentos e técnicas considerados fundamentais de uma sociedade em determinada época.

Para Bittencourt (2004, p. 301), continua sendo um suporte de conhecimentos escolares e, por esta razão, o Estado está sempre presente na sua existência e nos contornos que deve assumir:

[...] interfere indiretamente na elaboração dos conteúdos escolares veiculados por ele e posteriormente estabelece critérios para avaliá-lo, seguindo, na maior parte das vezes, os pressupostos dos currículos escolares institucionais.

Eles também constituem um instrumento pedagógico, pois produz uma série de técnicas de aprendizagem: exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os estudantes devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, retenção dos conteúdos. Dessa maneira, os livros didáticos apresentam, não somente os conteúdos das disciplinas, mas também como esse conteúdo deve, na visão dos seus produtores, ser ensinado.

E, por fim, o livro didático apresenta-se como um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma cultura. Percebo nele a construção de imagens e interpretações sobre o mundo que procura representar.²⁹

29 Contudo, devemos ter em mente que as práticas de leitura (do livro didático) não são idênticas e não obedecem necessariamente às regras impostas por autores e editores ou por instituições governamentais. Cf. Chartier, 1999.

Segundo Thaís Fonseca (2003, p. 73), tradicionalmente os livros didáticos, ao lado das comemorações cívicas,

[...] atuam como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante da engrenagem de manutenção de determinadas visões de mundo e de história. Os livros didáticos têm sido, de fato, grandes responsáveis pela permanência de discursos fundadores da nacionalidade. É fundamental, portanto, discutir as suas dimensões como lugar de memória e como formador de identidades, evidenciando saberes já consolidados, aceitos socialmente como “versões autorizadas” da nação e reconhecidos como representativos de uma origem comum.

Esse instrumento mediador da comunicação entre o professor e o estudante tem sido material de presença importante e controversa no cotidiano escolar brasileiro, com ênfase para o seu papel dentro das práticas docentes: seleção de conteúdo, preparo das aulas e atividades e elaboração de avaliações.

Assim sendo, a minha pesquisa tem realizado a contextualização do momento de produção dos livros didáticos de História do Brasil por meio do diálogo com a historiografia produzida no período.

O método de abordagem dos livros didáticos que tenho adotado é o de uma análise em profundidade por meio de procedimentos sucessivos e complementares. Em primeiro lugar, vale uma leitura que leve em consideração conceitos, metáforas e argumentos; em suma, todos os elementos utilizados na construção narrativa da História do Brasil. Neste momento, são levados em consideração aspectos relacionados aos conteúdos apresentados na obra (número de páginas, diagramação, se trazem documentos, textos

complementares, imagens, exercícios pedagógicos, análise da bibliografia e a relação com a produção historiográfica).

Em segundo lugar, apresento uma reflexão sobre os objetivos explícitos/implícitos, as motivações variadas e a identificação de possíveis interlocutores dos livros didáticos, ou seja, o universo sociocultural no qual estão inseridos.

A pesquisa das fontes ao longo desse tempo tem sido realizada no Livres – Biblioteca do Livro Didático – na FEUSP, no Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II – São Paulo, e na Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro. Também tenho trabalhado com a pesquisa nos acervos de livros didáticos das editoras existentes no período estudado ou mesmo acervos particulares.

Nesse sentido, contemplei a seleção de livros didáticos de História do Brasil produzidos e adotados amplamente nas escolas brasileiras a partir do final do século XIX e durante o século passado. A definição dessas obras tomou por referência o número de edições e longevidade do uso e de sua indicação pela historiografia da educação e do Ensino de História como “cânones” da produção didática no país.

4.3 Ensino de História em eventos científicos e fóruns de discussão

A educação que integra, valoriza e respeita os sujeitos, conforme Tatiane de Oliveira e Sérgio Santos (2023), extrapola as salas de aulas. Segundo os autores, os eventos científicos são uma dessas possibilidades de ultrapassar os limites do espaço da sala de aula e da escola/universidade. Ao abordar o impacto dos eventos científicos para codificação do conhecimento das áreas no mundo acadêmico, Maiko Rafael Spiess e Marcos Antonio Mattedi (2020, p. 442) tecem as seguintes considerações:

A atividade científica não é apenas uma relação do cientista com o mundo, mas também uma relação do cientista com outros cientistas. Isso significa que produzir, transmitir ou aplicar o conhecimento científico constitui uma atividade social. Portanto, para comunicar suas descobertas científicas, o cientista precisa entrar em contato com outros cientistas. Afinal, a relação entre emissores e receptores de informações é sempre socialmente contextualizada. Tanto o conhecimento codificado como a expertise tácita entre cientistas dependem, fundamentalmente, da mediação estabelecida entre o veículo empregado e o público-alvo.

Na vida do professor-pesquisador, vinculado às instituições de ensino e pesquisa, a participação em eventos científicos constitui-se num espaço fundamental para a divulgação de resultados de estudos, a troca de experiências e dados e a construção de redes de sociabilidades permeadas por interesses de pesquisa, afinidades temáticas, teóricas e afetos. No caso da área de Ensino de História, há duas entidades representativas que têm sido, nas últimas quatro décadas, o *locus* privilegiado para a organização de simpósios temáticos, grupos de trabalho e fóruns de discussão: Associação Nacional de História (Anpuh Brasil), fundada em 1961, e a Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH), criada em meados dos anos 1990.

No caso Anpuh Brasil, os espaços de diálogo e debate acadêmico estão demarcados nos simpósios nacionais e encontros regionais e na publicação dos periódicos *Revista Brasileira de História* e *Revista História Hoje*. A *Revista História Hoje*, por exemplo, é exclusivamente dedicada para os temas do Ensino de História, tendo reconhecimento nacional e internacional por meio de indexadores e avaliações quadrienais

de agências como a Capes, responsável pelo financiamento e avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil.

Esse movimento de fortalecimento das pesquisas sobre o Ensino de História ganhou uma dimensão maior com a criação de eventos científicos dedicados exclusivamente ao tema, é o caso do *Seminário Perspectivas do Ensino de História* (1988) e, posteriormente, do *Encontro Nacional dos Pesquisadores em Ensino de História* (1993). A criação do Grupo de Trabalho História e Educação na Anpuh Brasil, em 1997, intensificou o processo de consolidação do campo em termos de representação na diretoria da entidade. (cf. Costa, Oliveira, 2007).

A partir da criação da ABEH, esses dois eventos foram incorporados nas suas atribuições, assumindo nova nomenclatura: *Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História* e *Encontro Nacional Pesquisadores do Ensino de História* (ENPEH).

Ainda de acordo com o site da ABEH³⁰, os objetivos da entidade são: a) congregar profissionais que atuem e/ou pesquisem Ensino de História, em todas as suas perspectivas e em todos os níveis de escolaridade; b) apoiar a realização de eventos e fóruns de debates e, em especial, manter a continuidade da realização dos Encontros Nacionais do Ensino de História (Pesquisadores do Ensino de História e Perspectivas do Ensino de História), garantindo a essas reuniões científicas sua sequência bienal; c) contribuir para todos os debates relativos à elaboração e implementação de políticas públicas para todos os níveis de ensino, na área de Ensino de História; d) promover o diálogo

30 Informações retiradas do site da ABEH. Disponível em: Associação Brasileira de Pesquisa de Ensino de História – Apresentação – Sobre a ABEH. Acesso em: 21 jan. 2025.

entre a ciência de referência, a área de educação e demais ciências afins, estimulando a participação de seus membros em diferentes fóruns, associações científicas e eventos que tratem de questões relativas à história e seu ensino; e) manifestar-se quanto aos usos públicos e sociais relacionados ao Ensino de História; f) apoiar e atuar em atividades de formação no campo do Ensino de História; g) estimular a pesquisa em Ensino de História nas suas diferentes temáticas e abordagens; e h) contribuir para a melhoria da educação brasileira.

Dos eventos já realizados, o site do VIII ENPEH³¹, com base nos trabalhos publicados, mostra que, desde 1993, foram evidenciados os campos de pesquisa sobre Ensino de História, História e Educação, sem desconsiderar os limites existentes na prática do ensino e da aprendizagem escolar e não escolar da história, indo além da discussão sobre o estatuto científico para o campo da pesquisa de história, a partir do que está sendo produzido nos programas de pós-graduação em História e em Educação.

Para os fins desse livro, optei por abordar a minha participação nessas entidades e eventos científicos a partir da perspectiva da construção de grupos de trabalhos e redes de pesquisadores do Ensino de História e, também, como parte da diretoria das entidades Anpuh Brasil e ABEH, atuando em decisões de política institucional e acadêmica.

A minha atuação nos eventos regionais e nacionais da Anpuh datam do período da formação na pós-graduação, em especial no curso de doutorado em História e ingresso no ensino superior como professor na área de Ensino de História,

31 Essas informações sobre o ENPEH foram estão disponíveis em: XIII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História – Boas-Vindas (dype.com.br). Acesso em: 21 jan. 2025.

em 2006. No caso dos eventos da ABEH, comecei a participar a partir de 2011, no *VIII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História* e *III Encontro Internacional de Ensino de História*, realizado na Unicamp, na cidade de Campinas.³² Já havia participado antes de eventos na condição de ouvinte, acompanhando palestras, mesas redondas e simpósios temáticos e minicursos.

A primeira proposta de simpósio temático apresentada por mim ao lado dos amigos Nauk e Osvaldo, recém-nomeados como docentes do Departamento de História, do campus Cáceres da Unemat, ocorreu em fevereiro de 2007, no *IV Encontro Regional de História*, da Anpuh Mato Grosso, e *XII Semana de História*, no campus de Rondonópolis da UFMT. Na oportunidade propusemos o simpósio temático “Ensino de História: trajetórias e novas perspectivas”, contemplando 16 trabalhos completos inscritos. Em outubro do mesmo, organizamos o grupo temático “Ensino de História: temáticas e linguagens”, no *VI Encontro de História Oral do Centro-Oeste: Memória, sensibilidade e práticas culturais*, realizado no campus Cáceres da Unemat, tendo 21 trabalhos completos inscritos. Esse evento foi organizado pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO) em parceria com a Anpuh Mato Grosso. Durante esse encontro, fizemos o lançamento da primeira coletânea de Ensino de História publicada em Mato Grosso, intitulado *Ensino de História: trajetórias em movimento*, editada pela Editora da Unemat. (Ribeiro, Cerezer, Jesus, 2007a).

32 Durante esse evento tive a oportunidade de conhecer a professora Kátia Abud, estabelecendo a partir dessa data uma amizade e parceria de pesquisa e orientação por meio do PPGHIS/UFMT, entre 2012 e 2020, e supervisão de estágio pós-doutoral em Educação, na USP, entre agosto de 2016 e julho de 2017.

Em novembro de 2008, após o meu ingresso como docente efetivo no Departamento de História, do campus Rondonópolis da UFMT, reeditei em parceria com o Osvaldo o simpósio temático “Ensino de História: temáticas e linguagens”, no *V Encontro Regional de História – Anpuh Mato Grosso*, no campus Cáceres da Unemat, com a submissão de 23 trabalhos completos. Além da comissão organizadora do evento, participei da mesa redonda “Licenciatura e Bacharelado: novas perspectivas e abordagens”, com os professores Paulo Miceli (Unicamp) e Ana Maria Marques (UFMT), e da organização do livro com os textos resultantes do evento. (Cerezer, Arruda, Ribeiro, 2010).

Durante o *VI Encontro Regional de História – Anpuh Mato Grosso e I Simpósio Internacional de História Territórios e Fronteira*, realizado em setembro de 2010, no campus Cuiabá da UFMT, eu e Osvaldo propusemos o simpósio temático “Natureza e diversidade na fronteira: historiografia e ensino de História”, contando com 14 trabalhos completos inscritos. Nesse encontro, participei da mesa redonda “A natureza da diferença: ensino de História e fronteiras”, ao lado do amigo Osvaldo e do professor Paulo Henrique Martinez (Unesp-Assis).

Após a minha remoção docente para o Departamento de História, campus de Cuiabá da UFMT, em março de 2011, e credenciamento como professor permanente do PPGHIS, na linha de pesquisa *Ensino de História, Memória e Patrimônio*, ampliou-se significativamente a minha presença nas redes nacionais de pesquisadores do Ensino de História por meio dos eventos nacionais e internacionais da área de História e Educação.

Em outubro de 2012, coordenei o simpósio temático “Ensino de História: fontes, problemas e temáticas”, em

parceria com a professora Wilma de Nazaré Baía Coelho, da Universidade Federal do Pará (UFPA), no *III Seminário Internacional História e Historiografia* e *X Seminário de Pesquisa do Departamento de História*, realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, a partir de um convênio entre os programas de pós-graduação em História das regiões Norte e Nordeste do país.³³ O simpósio contou com 25 trabalhos completos inscritos. Durante o seminário participei também da mesa redonda “Ensino de História e Memória”, com o professor Mauro César Coelho, da UFPA.³⁴ A partir desse evento, estabelecemos uma parceria de pesquisa com a organização de publicações, cursos e eventos/bancas frutífera e permanentemente com os professores e amigos Wilma e Mauro, por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (GERA/UFPA) e o Etrúria – Laboratório de Estudos da Memória, Patrimônio e Ensino de História, vinculado ao Departamento de História da UFMT.

Em julho de 2013, aconteceu o simpósio temático “O Ensino de História na formação de professores: fontes, problemas, temáticas e linguagens”, com coordenação minha ao lado de Wilma e Mauro, no *XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social*, organizado pela Anpuh Brasil e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal. Nesse simpósio contamos 24 trabalhos completos inscritos, contemplando pesquisadores de diferentes regiões do país.³⁵

33 Esse evento contou com apoio e parceira das representações regionais da Anpuh Brasil no Nordeste.

34 O texto apresentado nessa mesa redonda foi publicado na coletânea organizada pela instituição proponente evento. (cf. Ribeiro, 2014a).

35 Em virtude do nascimento do meu filho Pedro, em 15 de julho de 2013, não pude comparecer ao evento, embora tivesse atuado na montagem da proposta e seleção dos trabalhos completos inscritos.

Em agosto de 2014, propusemos o simpósio temático “A Lei n. 10.639/03 e o Ensino de História: dilemas, conflitos e experiências de uma década”, com a Wilma, no *VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) (COPENE). Ações Afirmativas: cidadania e relações étnico-raciais*, na UFPA, organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) e o *Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (GERA/UFPA)*, na cidade de Belém. Durante esse simpósio tivemos 15 trabalhos completos inscritos.

Nesse mesmo ano participei do *Ciclo de Palestras GERA/UFPA*, com apresentação “Lei n. 10.639/2003: capítulo de uma história de lutas por visibilidade e afirmação” e, na oportunidade, foi definida com os professores do núcleo uma agenda de eventos e publicações em parceria para o próximo biênio.

No ano de 2015, realizamos o simpósio temático “Os lugares de formação de professores de história em questão: dilemas, impasses e desafios para o século XXI”, por meio de coordenação compartilhada com Wilma, no *IV Seminário Internacional de História e Historiografia*, promovido pelo Departamento de História e PPGHIS da UFMT, em parceria com os programas de pós-graduação em História das regiões Norte e Nordeste. Nessa edição do evento, nosso simpósio temático contou com 52 trabalhos completos inscritos, requerendo um esforço de logística e organização para atender a alta demanda. Além da comissão organizadora do seminário, participei da mesa redonda “Ensino de História e Memória”, ao lado dos amigos Mauro e Marcelo Fronza.³⁶

36 O texto apresentado nessa mesa redonda foi publicado na coletânea organizada pela instituição proponente evento. (cf. Ribeiro, 2016f).

Durante o *XXIX Simpósio Nacional de História: Contra os preconceitos – História e Democracia*, realizado em julho de 2017, promovido pela Anpuh Brasil e Universidade de Brasília (UnB), em Brasília-DF, apresentamos o simpósio temático “Ensino de História e disputas pela memória”, retomando a parceria com o Mauro e o registrando 32 trabalhos completos inscritos. Nesse evento, eu fui indicado para assumir a coordenação do GT Nacional de Ensino História e Educação, de forma compartilhada com os amigos Mauro e Juliana Alves Andrade, pelo período de 2017-2019. Na condição de coordenadores do GT atuamos nas discussões das versões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no Conselho Nacional de Educação (CNE), na indicação dos nomes da comissão técnica da área de História para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para os anos finais do Ensino Fundamental – Edital 2020, junto ao Ministério da Educação (MEC), nos debates em torno da Reforma do Novo Ensino Médio e na agenda de enfrentamento por meio de fóruns dos retrocessos do governo de extrema direita, instaurado entre 2019 e 2022 no Brasil.

Em julho de 2019, tivemos mais uma edição do simpósio temático “Ensino de História e disputas pela memória”, coordenado por mim e Mauro, no *XXX Simpósio Nacional de História: História e o futuro da educação no Brasil*, da Anpuh Brasil, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), na cidade do Recife. Nessa edição do simpósio, tivemos 34 trabalhos completos inscritos. Na Assembleia Geral da Anpuh Brasil, fui eleito para compor a diretoria da entidade no período 2019-2021, na função de editor da *Revista História Hoje*.

O ano de 2019 foi particularmente especial para a área de Ensino de História no Centro-Oeste, pois, pela primeira vez, recebemos uma edição do ENPEH. Na condição de vice-presidente da ABEH (2017-2021) fui encarregado de organizar o *XII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História: Territórios disputados: a produção de conhecimento no Ensino de História em tempos de crise*, na cidade de Cuiabá, na sede da UFMT, no mês de novembro. Dada a dimensão do evento, além da universidade anfitriã, contamos com o apoio de instituições federais e estaduais de ensino superior e o financiamento de agências como Capes, CNPq e Fapemat. Recebemos, em Cuiabá, aproximadamente 400 participantes de diferentes regiões do país. Eu, meu amigo Osvaldo e a professora Fernanda Martins da Silva, coordenamos o grupo de pesquisa em diálogo “Ensino de História, cultura e diversidade na contemporaneidade”, com a participação de 29 trabalhos completos inscritos. Os professores Wilma e Mauro participaram na condição de debatedores no grupo de pesquisa em diálogo. Nesse evento, também aconteceu a “Reunião de Trabalho: A pós-graduação no Brasil e o Ensino de História”, com a professora Cristiani Bereta da Silva, representante da coordenação de área da Capes, e o Mauro, em nome da Anpuh Brasil, e o “Painel de Pesquisa 6: A formação inicial de professores de História: perspectivas em tempos de crise”, realizado pela Wilma.³⁷

Em novembro 2020, durante a pandemia da Covid-19, aconteceu o *XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: História, Memória e Projetos para o Ensino de História no Brasil* (online), por meio da ABEH e organização

37 Como resultado das conferências, mesas redondas, painéis da pesquisa e grupos de pesquisa em diálogo no evento foram publicadas três coletâneas: Cerri, Cerezer, Ribeiro, 2021; Zarbato, Rodrigues Jr., 2021; Santos, Nascimento et. al, 2021.

dos professores do GERA/UFGA, com a participação via remota de professores, pesquisadores e estudantes em conferências, mesas redondas e grupos de trabalho. O evento se propôs como um espaço e um tempo de balanço, reflexão e construção coletiva de novos projetos para o Ensino de História, considerando os imensos desafios de um mundo possível pós-pandemia.

No ano de 2021, ainda no contexto da pandemia, realizamos na modalidade remota o simpósio temático “Ensino de História e disputas pela memória”, em parceria com o Mauro, no XXXI *Simpósio Nacional de História: História, Verdade e Tecnologia*, promovido pela Anpuh Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Veiga de Almeida (UVA), no Rio de Janeiro. Nessa edição do simpósio tivemos 25 trabalhos completos inscritos. Durante a Assembleia Geral da Anpuh Brasil, no encerramento do evento, apresentei o relatório final de trabalho da gestão (2019-2021) da *Revista História Hoje*.

Nesse mesmo ano, de forma online, promovemos o grupo de reflexão docente “Educação, memórias e narrativas: reflexões em diferentes espaços formativos”, em parceria com a professora Jaqueline Zarbato, no XII *Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: Ensino de História do tempo presente: dilemas e perspectivas*, promovido pela ABEH e UFGA. Na oportunidade, tivemos nove trabalhos completos inscritos. Participei também da mesa redonda “Reflexões, trilhas e obstáculos: o contexto do Ensino de História na educação inclusiva”, com a presença dos professores da educação básica Ernesto Padovani Netto (Pará), Carla Renata Vieira Rodrigues (Rio Grande do Norte) e Camilla Oliveira Mattos (Rio de Janeiro).

Em dezembro de 2021, também coordenei o grupo de trabalho temático “Ensino de História e Diversidade”, junto com os professores Erinaldo Vicente Cavalcanti e Laércio Farias da Costa, no *XI Seminário Nacional e XIII Seminário Regional: Formação de Professores/as e Relações Étnico-Raciais. Formação de professores/as, Diversidade e BNCC: pautas para um debate* (on-line), promovido pelo GERA/UFPA, tendo seis trabalhos completos inscritos.

O *XIII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História*, evento híbrido, aconteceu em 2022, de forma online, com a temática *A pesquisa no Ensino de História em tempos presentes: tensões e (re)construções*, trazendo para o centro do debate aspectos que ainda eram ponto de tensão, como a expansão das fronteiras epistemológicas; o passado colonial (racismo) e o currículo escolar; as estratégias metodológicas da pesquisa; as questões epistemológicas e os diversos embates enfrentados por seus profissionais nos espaços escolares, nas universidades e centros de memória e pesquisa. A fase presencial, significativa, também, por ser o primeiro ENPEH depois da pandemia da Covid-19, foi em julho de 2022, no Recife, terra de Paulo Freire e de artistas que mostram o mundo a partir das xilogravuras, conforme destaca o *site* do evento.

Na etapa online do evento, em novembro de 2022, tivemos o grupo de pesquisa em diálogo “Ensino de História e disputas pela memória”, coordenado em parceria com o Mauro, congregando 23 trabalhos completos inscritos.

Nesse ano, também apresentei uma palestra na mesa redonda, intitulada “Panorama de Pesquisa: Diálogos e Reflexões (II)”, representando o Mato Grosso no contexto da Amazônia Legal, no *I Congresso da Rede Panamazônica para*

a *Formação e o Ensino de História* (REPAMFEH): *Panorama de pesquisa, diálogos e intercâmbio*, na UFPA, na cidade de Belém. O congresso foi promovido pelo PPGHIST, iTemnpo e GERA/UFPA, e congregou pesquisadores brasileiros, colombianos, peruanos, equatorianos, venezuelanos e bolivianos da área de Ensino de História.³⁸

Em julho de 2023, tivemos mais uma edição do simpósio temático “Ensino de História e disputas pela memória: trajetórias, perspectivas e possibilidades de pesquisa”, coordenado pelos mesmos professores da edição anterior, no *XXXII Simpósio Nacional de História: Democracia e direitos humanos: desafios para uma história profissional*, promovido pela Anpuh Brasil e Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em São Luís, com a participação de 31 trabalhos completos inscritos.³⁹

Após a minha remoção para UFSCar, na cidade de São Carlos, em fins de 2023, participei da proposição do simpósio temático “Periferias e Ensino de História na contemporaneidade: sujeitos, territórios e saberes/práticas insurgentes”, junto com o professor Fábio Eduardo Cressoni, no *XXVII Encontro Regional de História – Anpuh São Paulo*, realizado na Unicamp, na cidade de Campinas, no mês de setembro de 2024. Durante o simpósio temático tivemos a submissão de 18 trabalhos completos.

Ao longo das duas últimas décadas, essa rede de pesquisadores do Ensino de História, na sua intensa articulação

38 O texto da palestra foi publicado na coletânea bilingue, lançada em 2024, intitulada *Ensino de História e formação docente na região panamazônica: panorama de pesquisa, diálogos e reflexões*, editado pela EdUFMA. (cf. Ribeiro; Gomes, Rodrigues Jr., 2024).

39 Em virtude da minha licença saúde, não pude comparecer ao evento, embora tivesse atuado na montagem da proposta e seleção dos trabalhos completos inscritos. Assim, Wilma assumiu a coordenação do simpósio em parceria com o Mauro.

entre as diferentes regiões, com destaque para Norte e Centro-Oeste, tem estabelecido parcerias plurais e ricas em publicações em periódicos especializados nas áreas de História e Educação, livros e coletâneas, dando visibilidade para a produção acadêmica de uma cartografia de estudos e intercâmbios com pesquisadores/professores, estudantes da graduação e pós-graduação e professores de educação básica das redes públicas e privadas.⁴⁰

Em resumo, minha produção científica tem sido marcada pela diversidade de temas, formatos e abordagens, sempre ancorada na busca por entender como a História, enquanto campo de saber, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais crítica e consciente de suas múltiplas narrativas. Essa produção, somada às orientações e projetos desenvolvidos, constitui uma contribuição significativa para os debates contemporâneos na área de História Cultural e Ensino de História.

40 Nesse sentido, posso citar as seguintes coletâneas publicadas nos últimos anos com a minha organização/coordenação na série "Chão da Escola: Ensino de História e Formação de Professores": Zarbato, Rodrigues Jr., Ribeiro, 2022; Cerezer; Ribeiro, Rodrigues Jr., 2023; Oliveira, Ribeiro, Silva, 2024; Ribeiro, Silva, Valério, 2025 [no prelo].

5. Os recomeços possíveis na travessia para UFSCar

Em 1º novembro de 2023, após 17 anos de trabalho docente no Departamento de História Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), foi publicada a minha portaria de remoção por motivo de saúde para a UFSCar, na cidade de São Carlos. Considerando as especificidades da doença rara Porfíria Eritropoiética, demandando adaptação a fatores ambientais e climáticos, tratamento médico especializado e multidisciplinar e apoio familiar, São Carlos tornou-se a melhor opção para moradia e trabalho, conforme avaliação dos profissionais da área de saúde.

Já conhecia a cidade por conta da minha amiga Leila Maria Massarão residir aqui desde 2004 e, também, havia o conhecimento da política de apoio e qualidade de vida para o servidor público disponibilizada pela universidade. Além disso, a UFSCar é uma instituição reconhecida por suas pesquisas na área de Ciências Humanas e Educação sobre as relações étnico-raciais no Brasil, história dos processos de racialização e do racismo, diversidade e cultura/política e educação antirracista, o que dialoga com minha área de atuação, versando sobre História Cultural e Ensino de História do Brasil a partir da perspectiva da história e cultura

africana e afro-brasileira. Fui acolhido pela professora Ana Cristina Juvenal da Cruz, diretora do Centro de Educação e Ciências e Humanas (CECH), docente do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (DTPP) e pesquisadora na área de educação para as relações étnico-raciais e processos de racialização, estudo e ensino das histórias africanas e afro-brasileiras e da diáspora negra que, após análise do meu currículo acadêmico e consulta aos departamentos do Centro, fez o meu encaminhamento para o Departamento de Ciências Sociais (DCSo).

Fui recebido pelos colegas do departamento, em fevereiro de 2024, tendo o apoio dos professores Marcelo Coutinho Vargas (chefia de Departamento) e Sylvia Iasulaitis (coordenação de curso) e da secretaria da unidade, por meio da Ariane Sutani e Ronaldo José Hypollito. A vinda para o DCSo permitiu que eu reencontrasse um amigo dos tempos de formação na Unicamp, Joelson Gonçalves de Carvalho (Joe), da área de Economia. Também retomei contato com colegas Igor José de Renó Machado e Felipe Ferreira V. Velden, que cursaram a pós-graduação nas Ciências Sociais na mesma época que eu, na Unicamp.

Assumi as disciplinas de História do Brasil e História Geral no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, ofertado nos períodos matutino e vespertino, pelo DCSo de forma compartilhada com o Departamento de Sociologia (DS).

Logo, no ingresso na unidade, fui convidado a integrar o Conselho Departamental e participar das discussões acerca da revisão do atual Projeto Pedagógico do Curso (PPC) em virtude da avaliação *in loco* por parte do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Ao lado

da coordenação de curso e dos colegas, ficamos envolvidos, no primeiro semestre de 2024, com as adequações demandadas para atualização do PPC e registro da produção docente e discente. Fiquei com a atribuição de fazer a revisão das ementas e bibliografia das disciplinas obrigatórias e optativas ofertadas do domínio conexo de História para o Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Tal experiência me permitiu conhecer a história do curso, seu currículo e perfil do corpo docente e discente. Também favoreceu maior convivência e diálogo com os professores vinculados ao Conselho e Núcleo Docente Estruturante (NDE). Atualmente estamos envolvidos com a construção da nova versão do PPC que será implantado a partir de 2026, considerando os avanços e mudanças na área das Ciências Sociais, o perfil do quadro docente e das pesquisas e orientações desenvolvidas pelos programas de pós-graduação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia, as demandas apresentadas pelos ingressantes no curso e a política de curricularização da extensão na universidade.

Logo após o início dos trabalhos no departamento, tivemos o ingresso por concurso público na área de História, do professor Róbson Pereira da Silva, doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com a estágio pós-doutoral em História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Quando era coordenador de curso e docente de Didática e Prática de Ensino de História no Departamento de História, do campus de Rondonópolis, na UFMT, Róbson havia ingressado no Curso de Licenciatura em História, vindo da cidade de Matão, interior de São Paulo. Lembro-me do jovem estudante chegando com muitas expectativas e quebrando paradigmas, evidenciando um futuro promissor que se traduzia na construção de uma sensibilidade para a

história da cultura e das artes. Reencontrei em Róbson um companheiro de área na docência e de projetos de pesquisa e extensão no Departamento.

Nesse processo de revisão do PPC, tivemos a liberdade para pensar e propor novas disciplinas de História, tendo por temáticas história da cultura, história e literatura, história oral, cultura política, história e cultura africana e afro-brasileira e história e gênero. Atualmente, estamos envolvidos na construção de um grupo de pesquisa interdisciplinar sobre história da cultura, interseccionalidades e cultura política, a ser cadastrado na Diretoria de Grupos de Pesquisas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio da Pró-reitoria de Pesquisa (ProPq) da universidade.

Durante o primeiro semestre de 2024, ofereci a disciplina eletiva de História Política do Brasil para 25 estudantes do curso de graduação, o que foi uma experiência muito positiva por permitir o diálogo entre história política, história intelectual e discursos de fundação do Brasil. Durante a disciplina, apresentei e debati com estudantes as principais correntes teórico-metodológicas da História do Brasil, com ênfase para abordagem da cultura política, memórias e identidades sociais; problematizei a aula de história como texto: espaço de produção do conhecimento a partir dos diálogos historiográficos acerca da História Política brasileira; e, por fim, analisei os enredos temáticos e cronológicos desenhados na ementa da disciplina pela perspectiva da História Intelectual e do debate pós-colonial, evidenciando as clivagens de classe, gênero e raça.

A partir do segundo semestre, conforme o calendário acadêmico revisado após o período de greve dos docentes,

técnicos e estudantes das universidades e institutos federais, assumi as disciplinas de História Oral: uma visão interdisciplinar e Projeto de Pesquisa Social, ofertada para a turma, com ênfase na Ciência Política. Na disciplina eletiva de História Oral: uma visão interdisciplinar, com 23 estudantes matriculados, abordei os princípios teóricos e metodológicos da área, enfatizando o método biográfico, as relações entre memória e história oral e narrativa. Além disso, investi nos métodos de preparação e realização de entrevistas, inclusive tendo em vista o uso de aplicativos de videoconferência. A dinâmica das aulas propiciou a discussão sobre os pressupostos teóricos e metodológicos em conjunto com análise empírica de entrevistas de história oral e seus usos no cenário contemporâneo. Já na disciplina de Projeto de Pesquisa Social, compartilhada com a professora Sylvania, ofertada para 25 estudantes, preparamos os discentes para a elaboração de um projeto de pesquisa em Ciências Sociais, aplicando conhecimentos teóricos em investigação analítica de temas concretos. Nesse sentido, discorremos sobre os seguintes temas: 1. O processo de pesquisa e a inter-relação de suas etapas; 2. O delineamento dos vários tipos de pesquisa em Ciências Sociais; 3. Técnica de observação e coleta de dados; 4. Técnicas de elaboração de um projeto de pesquisa: definição do objeto, objetivos, hipóteses, problemática teórica e metodológica; e 5. Elaboração de um projeto de pesquisa.

No primeiro semestre de 2025, o professor Róbson e eu ofertamos as disciplinas obrigatórias História Social do Brasil e História Moderna e Contemporânea, para o curso de graduação, já com as ementas, objetivos e bibliografias atualizadas com base na revisão aprovada em 2024, após avaliação da comissão de especialista do INEP.

No âmbito das ações de extensão, desde junho de 2024, coordeno o Curso de Aperfeiçoamento em Gestão e Formação de Professoras e Professores em Educação para as Relações Étnico-raciais: História e Cultura Africana e Afro-brasileira, ofertado em parceria pela UFSCar com o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI) – com base na Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ). Configura-se em um curso alinhado à implementação do art. 26-A da Lei n. 9.394, de 1996, sobre Ensino de História e cultura afro-brasileira nos currículos do sistema nacional de educação, ofertada na modalidade à distância, com 260 vagas para os profissionais da educação das redes públicas e privadas de ensino do Estado de São Paulo, congregando na equipe, docentes dos DCSO, DS e DTPP e de pós-graduandos e egressos do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFSCar. Na oferta desse curso, tenho o privilégio de trabalhar ao lado do professor Róbson e das professoras Ana Cristina, Fabiana Luci de Oliveira e Tatiane Cosentino Rodrigues. Os amigos e pesquisadores Leila e João Pedro têm sido parceiros fundamentais na gestão e secretaria do curso junto a com a professora de rede estadual de ensino Vanessa Mantovani Bedani, na função de supervisora pedagógica. As aulas do curso tiveram início no dia 15 de janeiro, e previsão de conclusão em 30 de junho de 2025, com a realização de um evento presencial na UFSCar, congregando professores/pesquisadores na área de história e cultura africana e afro-brasileira, Ensino de História e educação antirracista de universidades de referência no país e a equipe da SECADI/MEC. Esse curso só foi possível graças ao convite feito por Wilma de Nazaré Baía Coelho, à época coordenadora do PNEERQ na

SECADI/MEC, atualmente na assessoria especial do Ministério de Direitos Humanos e Cidadania (MDHC) do governo federal, e envolvimento e articulação política da Ana Cristina, diretora do CECH/UFSCar. (cf. UFSCar, 2024).

O debate em torno da elaboração, aplicação e desdobramentos educacionais e acadêmicos da Lei n. 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras, tem sido intenso e multifacetado ao longo dessa última década. Nesse período muito se tem escrito e argumentado acerca do significado dessa alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), promulgada em 1996, ocupando espaço em eventos científicos, fóruns de educação, publicações em periódicos e coletâneas e reuniões e assembleias dos movimentos negros. (cf. Mattos, Abreu, 2008; Oliva, 2009; Costa, 2013, p. 215-244; Coelho, Coelho, 2013; Cerezer, Guimarães, 2013; Cruz, 2023).

Os preceitos enunciados pelas legislações acerca da educação para as relações étnico-raciais trazem para os sistemas de ensino a urgência em possibilitar a formação e construção de conhecimentos que atendam a uma proposta educativa que valorize a pluralidade étnico-racial da população brasileira e o combate a comportamentos e práticas discriminatórias. De acordo com essa demanda histórica e em consonância com as medidas de ordem legal a serem implementadas pelos sistemas de ensino de todos os níveis, a UFSCar, com base na sua *expertise* na área, apresentou-se para receber esse curso de aperfeiçoamento e tem renovado seu interesse na oferta de novas turmas, considerando a demanda de quase 1.100 inscrições recebidas nos meses de novembro a dezembro de 2024.

No ano de 2025 tenho participado, também, no *Projeto de Extensão Interdepartamental e Multidisciplinar antirracismo no espaço urbano em São Carlos: mudando as narrativas da história social brasileira via engajamento coletivo planejado*, coordenado pelo professor Marcelo, do DCSO, e outros docentes do CECH. No referido projeto de extensão executamos as seguintes ações: 1) orientar os estudos e as reuniões de discussão da equipe sobre a formação e a utilização do mito do herói bandeirante no discurso da classe dominante paulista da Primeira República e sua reprodução nos livros didáticos de História do Brasil e noutros circuitos intelectuais, buscando contextualizar, desconstruir e analisar os efeitos perversos desse mito, inclusive por meio da seleção de bibliografia especializada; 2) colaborar na produção textual de material informativo (folder) sobre Domingos Jorge Velho e o papel dos bandeirantes na história brasileira em perspectiva crítica para distribuição aos moradores da rua que homenageia o personagem em questão na cidade e demais envolvidos; 3) participar no planejamento da pesquisa de campo a ser desenvolvida entre os moradores da referida rua antes da aplicação do abaixo-assinado; e 4) colaborar na elaboração do questionário aplicado na pesquisa de campo, bem como na do texto do abaixo-assinado a ser levado aos moradores desta rua.

No campo da pesquisa, conforme registrado no tópico 4 do presente livro, intitulado “Diários de uma oficina: Ensino de História, História Cultural e narrativa da nação”, tenho direcionado para as discussões sobre os modos de produção e circulação dos livros didáticos de História do Brasil, entre 1889 e 1989, as interfaces entre a História Cultural e Ensino de História e os conceitos de memória, identidades e cultura

política na construção da noção de sujeito histórico. Nesse sentido, construí o entendimento de que as autorias dos livros didáticos de História do Brasil são produtores de representações sociais sobre o passado nacional e se inserem como personagens a serem compreendidos sob a perspectiva da História Cultural e Intelectual ao longo do século XX, tendo por referência os estudos de historiadores como Michel de Certeau, Roger Chartier, Robert Darnton e Dominick La Capra.

No primeiro parágrafo do livro *As falsificações da História* (s.d.), historiador francês Marc Ferro afirmava que “a imagem que nós temos dos outros povos ou de nós mesmos é associada à história que nos foi contada quando éramos crianças”. Ele, nesta citação sempre referenciada nos estudos sobre o Ensino de História, argumenta que, mesmo que essas imagens outras venham se misturar ao longo do tempo, são as primeiras que permanecem constituindo-se em traços marcantes de nossas primeiras curiosidades, desejos e emoções.

Na construção dessas primeiras imagens sobre os mais diversos temas históricos é impossível ignorar o papel desempenhado pela tríade escola, livro didático e professor. Embora se saiba, por exemplo, que a mídia, por meio de filmes, novelas, séries e documentários, influencie nas interpretações das pessoas sobre os conteúdos históricos, a História ensinada nos tempos escolares continua a exercer importante papel na formação da noção de história presente nas vivências da maioria das pessoas. (Miceli, 2009, p. 43-44). E o livro didático tem sido a grande referência para as narrativas históricas que povoam o universo cultural dos indivíduos, assumindo a função de “panteon de papel” numa referência às formulações de Jean-Claude Bonnet (1998).

De acordo com Itamar de Freitas (2009, p. 13),

[...] livro [didático] é um artefato impresso em papel, que veicula imagens e textos em formato linear e sequencial, planejado, organizado e produzido especificamente para uso em situações didáticas, envolvendo predominantemente alunos e professores, e que tem a função de transmitir saberes circunscritos a uma disciplina escolar.

Objeto de investimento e, ao mesmo tempo, de interesses, este artefato do cotidiano escolar tem gerado debates dentro e fora das instituições (ministérios, secretarias, escolas, editoras, universidades) sobre a sua relevância na constituição de identidades – um lugar privilegiado de jogo de identidades. (cf. Ribeiro, 2018).

Nele, existem diferentes personagens e modelos de interpretações em jogo. Assim como o currículo, numa afirmação de Tomaz Tadeu da Silva (2001), o livro didático é lugar, espaço, território. Objeto de relações de poder por ser trajetória, viagem, expedição, percurso na formação de gerações de estudantes. Ele é autobiografia, nossa vida, nosso curriculum vitae: neste espaço se fabrica nossa identidade. O livro didático é texto, discurso, documento. É um documento de identidade, uma colônia identitária; objeto de desejo de vários grupos, projetos e políticas. (Hall, 2002).⁴¹

No âmbito das orientações de iniciação científica no curso, atualmente acompanho o projeto de pesquisa *A trajetória*

41 Para Munakata (2009, p. 288), há que assumir uma perspectiva histórica sobre as formas como os conteúdos e métodos são abordados nos livros didáticos, examinando a história do Ensino de História à luz da história das disciplinas escolares. Na sua leitura, “se certos conteúdos e metodologias parecem carregar as marcas do atraso, do ultrapassado, do tradicional, não basta simplesmente denunciá-los, como incorretos ou em desvio ou imprestáveis para a boa ‘consciência histórica’, mas compreender-lhes o significado de aparecerem como tais, na relação com o que se propõe no presente”.

de politização da Igreja Apostólica Batista Ramá em Taboão da Serra – São Paulo, da acadêmica Sarah de Araújo Almeida, devidamente cadastrada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), como voluntária, da Pró-reitoria de Pesquisa (ProPq) da universidade. Sarah analisa o processo de politização da instituição religiosa evangélica: Igreja Apostólica Batista Ramá, localizada no estado de São Paulo, na cidade de Taboão da Serra e no bairro periférico Jardim Santa Cruz, por meio de um recorte longitudinal, para investigar as motivações do seu envolvimento durante o processo histórico político nacional entre 2016 e 2018.

Nesse período de pouco mais de um ano na UFSCar, tenho conseguido, respeitando a minha condição de portador de uma doença rara e de pai de uma criança atípica, ressignificar minhas travessias acadêmicas e profissionais em diálogo com os objetivos e compromissos institucionais do DCSO e da UFSCar, uma instituição que se destaca por sua excelência no ensino, pesquisa e extensão, com uma abordagem que valoriza a interdisciplinaridade, a política de inclusão e diversidade e o compromisso com as questões socialmente vivas do nosso país. A UFSCar sempre foi referência na promoção de debates inovadores e críticos no campo da diversidade étnico-racial, cultura antirracista e identidades plurais nas Ciências Sociais e Educação, saberes e experiências fundamentais para o enriquecimento da minha atuação como historiador e educador.

Ao longo da minha carreira, passando pela educação básica (em Paulínia – São Paulo) e ensino superior (Unemat e UFMT), tenho dedicado esforços para conectar a pesquisa histórica às demandas educacionais e sociais contemporâneas, articulando a História Cultural com o Ensino de História e a Educação. Essa abordagem interdisciplinar, que permeia

tanto meu trabalho docente quanto às vivências acadêmicas na UFSCar, fortalece meu compromisso em contribuir para a ampliação e o aprofundamento dos debates historiográficos na formação do cientista social – enquanto pesquisador e formador de opinião – no contexto do curso de graduação de Bacharelado em Ciências Sociais e, no futuro, na pós-graduação conforme os interesses estratégicos dos programas vinculados ao Departamento e ao CECH.⁴²

Minha atuação acadêmica é marcada por iniciativas que integram ensino, pesquisa e extensão, pilares essenciais na missão da UFSCar. Durante minhas travessias na docência, coordenei projetos de pesquisa e extensão voltados para a formação continuada de professores e produtores culturais em museus e centros de memória e para a produção de materiais didáticos inovadores, ações que fortaleceram o diálogo entre a universidade e a comunidade. Esse tipo de engajamento se alinha à vocação extensionista da universidade, que busca impactar diretamente a sociedade por meio de projetos que transcendam os limites da academia.

Tenho pensado, como professor titular da área de História no DCSo, em contribuir para o fortalecimento das redes de pesquisa interdisciplinares já existentes na UFSCar, além de propor novas iniciativas que articulem a História Cultural com campos como as Ciências Sociais e a Educação. Entre as ações que vislumbro, estão:

1. promoção de disciplinas inovadoras obrigatórias e eletivas/optativas que combinem abordagens teóricas

42 Atualmente, encontro-me ainda vinculado como professor colaborador no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da UFMT, com o compromisso de conclusão das seis orientações de doutorado, sob minha responsabilidade, na área de Estudos Literários.

e metodológicas da História Cultural com práticas pedagógicas ativas voltadas para a formação do cientista social na contemporaneidade, incentivando nos estudantes o desenvolvimento de projetos de impacto acadêmico, social e cultural;

2. a construção de grupo de pesquisa com docentes e estudantes do Departamento e do CECH voltado para análise histórica das representações culturais presentes na sociedade contemporânea, promovendo debates sobre diversidade, interseccionalidade, políticas de inclusão e direitos humanos;
3. fomento ao diálogo com instituições de ensino e pesquisa na área de História na perspectiva nacional e internacional, fortalecendo a produção científica em diálogo com as Ciências Sociais e a Educação e ampliando as possibilidades de intercâmbio acadêmico;
4. colaboração como docente e pesquisador para o desenvolvimento e excelência dos programas de pós-graduação vinculados ao DSCo a partir dos temas da História Cultural, História Política e História Intelectual e o compromisso com perfil do egresso do profissional das Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia);
5. ampliação da oferta de programas e projetos de extensão conectando o DCSO à comunidade como, por exemplo, as escolas públicas, os movimentos sociais, os órgãos governamentais e as entidades civis, por meio de ações que promovam a formação continuada e o desenvolvimento de materiais didáticos e de divulgação sensíveis às demandas sociais contemporâneas.

A apresentação da minha proposta de progressão de promoção para professor titular, agora em forma de livro, não é apenas uma aspiração profissional, mas uma oportunidade de retribuir à comunidade acadêmica o impacto que a formação e atuação profissional em História teve em minha vida. A UFSCar, com sua tradição de excelência e inovação, oferece para o futuro um espaço intelectual com potencialidades para que eu possa continuar a desenvolver pesquisas na área de História, formando profissionais nas Ciências Sociais na graduação e pós-graduação e promovendo ações que conectem o saber histórico às demandas de uma sociedade em constante transformação e tantas lutas para a cidadania plena, inclusiva e plural.

Nesse sentido, entendo que a aula na universidade é, antes de tudo, um processo de conscientização por parte do professor sobre o que ele entende como seu papel. É o espaço onde se constrói, de forma contínua, a identidade de uma área do saber, do profissional e também dos estudantes, que ali buscam diferentes sentidos e significados para suas vidas. Para o professor, a sala de aula é a tradução de sua formação, vivências, experiências e, sobretudo, de suas escolhas.

Esse livro-memorial não é apenas uma trajetória linear de datas e fatos. Nem pretende ser uma autobiografia pretensamente literária, nem confissões íntimas, nem profissão de fé abstrata, nem tentativas de exercício de psicanálise. O exercício da escrita aqui, como sugeriu Pierre Nora (1987, p. 11), consiste em narrar “a sua própria história como se fizesse a história de um outro, em tentar aplicar a si próprio, cada um no seu estilo e com métodos que lhe são caros”, o olhar explicativo que tantas vezes se adotou sobre outro. Por fim, “de explicitar, como historiador, o elo entre a história que se fez e a história que vos fez.”

6. Considerações sobre as travessias familiares

Nasci em 17 de setembro de 1979, em São Caetano do Sul, na região do ABC Paulista. Morei até 1984 na cidade de Mauá, em uma família com raízes profundamente ligadas aos processos migratórios internos do Brasil. Meu pai, Antonio Rubens Gomes Ribeiro, nascido em 22 de janeiro de 1947, era natural do norte de Minas Gerais e vivenciou, na sua infância e juventude, uma realidade muito dura e desgastante no trabalho análogo ao escravo na plantação de cana-de-açúcar. Ficou responsável por assumir o sustento da sua família aos 12 anos de idade, com a morte do seu pai – meu vô Gustavo, que, infelizmente, não conheci. A fome e a morte eram presenças marcantes na realidade familiar do meu pai, conforme as histórias que sempre nos conta em casa. Migrou para São Paulo aos 18 anos de idade, com a ajuda de um tio materno, para aprender uma profissão com o ensino profissionalizante e trabalhar na indústria, uma vez que nem tinha o ensino primário completo.

Depois que conseguiu um emprego e juntar uma poupança, meu pai trouxe sua mãe – minha vó Maria – e os irmãos para reconstruírem suas vidas com mais possibilidades de trabalho e dignidade. Trabalhou em empresas como a

Laminação Nacional de Metais e a Autolatina (na Ford do Brasil), quando foi dispensado por problemas de saúde sem qualquer suporte ou apoio. Diante dessa realidade difícil de trabalho, a partir do aprendizado com o seu tio materno Raimundo, começou a trabalhar como pedreiro – profissão que seguiu até a sua aposentadoria aos 60 anos, já residindo em Votuporanga. Papai gosta de ajudar as pessoas e de compor letras de música e textos inspirados nas novelas que adora assistir e na sua experiência de vida. É um avô carinhoso, doce e presente, portador de uma paciência de Jó com os cinco netos: Marília, Julia, Vítor, Luísa e Pedro.

Papai cuidou da minha avó Maria e ajudou meus tios a construírem suas casas e arrumarem empregos na indústria. Sempre se sentiu responsável pelos cuidados da sua família e muitas vezes foi incompreendido. A luta pela sobrevivência e a busca de uma vida digna sempre deixaram meu pai focado no que era preciso fazer. Optou por ter uma vida regrada, sem luxos e queria que seus filhos tivessem as oportunidades de estudo que ele não teve. Construiu, ao lado da minha mãe, sua casa e uma pequena reserva financeira para realizar o sonho de voltar para o interior de São Paulo. A imagem que tenho do meu pai é de uma pessoa que sempre trabalhou muito e preocupado em manter as contas em dia para dar o mínimo de conforto para nós. Um dos seus poucos lazeres era assistir as novelas e jogos de futebol na TV à noite, após um dia de trabalho árduo. Muitas vezes, depois do expediente e nos fins de semana, cuidava das obras de nossa casa. Ele e minha mãe levaram anos para concluir a construção de nossa casa, em Votuporanga, deixando tudo do jeito que sonharam. Não havia férias no mundo do meu pai, só muita fé e trabalho. Hoje entendo porque vive descansando no sofá

e passeando com a minha mãe. Além disso, estão sempre envolvidos em projetos sociais no interior de Minas Gerais e Votuporanga. Angariam todos os meses mantimentos para ajudar na cozinha da Santa Casa de Misericórdia de Votuporanga e do Hospital do Amor, em Jales.

A minha mãe, Eva Rosa Ribeiro, nascida na cidade de Pereira Barreto, em 22 de junho de 1951, é filha de agricultores que cuidavam de roças como meeiros na região de Monte Aprazível e Sebastianópolis do Sul. Meu avô Francisco, que também nasceu num dia 17 de setembro em 1911, migrou da região de Cunha, no Vale do Paraíba, para abrir roças no noroeste paulista. Minha avó Altina veio com a sua família do interior da Bahia como migrantes para trabalhar na agricultura em fazendas do interior paulista. Após o casamento, tiveram quatro filhos: Natalino, Maria, José (Zezinho) e Eva. Minha mãe era a filha caçula e só conseguiu estudar até o 3º ano do antigo ensino primário numa escola rural. Por conta das demandas familiares no mundo do trabalho, teve de abandonar os estudos e não concretizou o sonho de ser professora. Trabalhou muito duro na roça com a sua família, andando por fazendas em Monte Aprazível, Poloni, Sebastianópolis do Sul e Votuporanga. No início dos anos 1970, seguindo os passos dos irmãos, meus avós e minha mãe mudaram-se para a capital do Estado em busca de oportunidades de trabalho na indústria. Meus avós, minha mãe e meu tio Zezinho moravam num cortiço na Vila Califórnia. Meu avô Francisco, já com idade avançada, conseguiu um emprego numa empresa. Minha mãe e tio Zezinho foram trabalhar em indústrias que forneciam suprimentos para o parque automobilístico do ABC Paulista.

Meus pais encontraram, na Grande São Paulo, a oportunidade de recomeçar no mundo do trabalho, apesar das inúmeras adversidades sociais e econômicas. Era uma vida muito dura e difícil num contexto de baixos salários e inflação alta dos alimentos, convivendo, também, com a violência e a falta de infraestrutura digna de moradias. O chão da fábrica da Laminação Nacional de Metais foi o cenário do encontro dos meus pais. Ficaram amigos e, depois de um tempo, iniciaram o namoro. O casamento aconteceu em 22 de dezembro de 1973. Mamãe passou a cuidar dos afazeres de casa, no bairro Itapark, em Mauá, e papai iniciou trabalho na Autolatina (Ford do Brasil). Mamãe sempre alimentou o sonho de juntar uma poupança para comprar um terreno e construir uma casa em Votuporanga e, em seguida, retornar para lá com a família. Esse foi um projeto que papai abraçou logo que foi visitar o interior paulista, já preocupado com as dificuldades do mundo do trabalho e a violência. A chegada dos filhos impunha a necessidade de buscar um novo lugar para chamar de lar.

Meu irmão, Roni, nasceu em 13 de janeiro de 1975. O primeiro filho do casal teve muitos problemas de saúde nos primeiros anos de vida: hepatite e meningite. Depois de vencer esses desafios de saúde, passou a ter uma infância marcada com a presença dos primos, filhos dos nossos tios paternos e maternos. Eu nasci com uma diferença de quase cinco anos. Era uma fase muito difícil financeiramente para a nossa família, papai estava desempregado e tentava uns trabalhos como pedreiro e minha mãe passou a lavar roupas, junto com a minha tia Maria – já viúva e cuidando de cinco filhos sozinha – dos times de futebol mantidos pela Aços Villares, de São Caetano do Sul. Na casa da minha tia, além dos filhos, moravam meus avós Francisco e Altina.

A história de vida da minha tia tem muito sofrimento e perdas dolorosas, como o acidente na fábrica que causou a morte do meu tio José. Com muita fé, obstinação e trabalho conseguiu cuidar dos filhos e dos meus avós. Casou-se no início dos anos 1980 com o meu tio Bebiano (Bibi), que era amigo de infância do meu pai e veio do Minas Gerais para reconstruir a vida com um casal de filhos depois do fim do casamento. Meus tios Bibi e Maria formaram uma nova família, com 7 filhos e meu avô Francisco, pois minha avó havia falecido em 1981. Depois meu primo José (Dedé), filho dos meus tios Natalino e Ana, veio morar também com a família da minha tia Maria. Meus primos Milton, Matilde, Silvana, Nelson, Edson, Sânzio e Marlene, com o apoio dos meus tios, sempre muito zelosos e vigilantes, conseguiram estudar em cursos técnicos e universitários e ter uma profissão. Minha tia era uma segunda mãe para mim, desde bebê tinha um apego com ela. Adorava passear na sua casa em São Paulo. Sempre esteve presente em todos os momentos importantes da minha vida: a viagem para os Estados Unidos de intercâmbio, formaturas do Ensino Médio e da Unicamp e nas bancas de defesa de mestrado e doutorado. A gente amava estar com os tios Bibi e Maria.

Mamãe, depois que se mudou para Votuporanga, voltou a trabalhar fora como faxineira ou empregada doméstica. Quando meu irmão foi para a universidade, em Campinas, trabalhou no Frigorífico Entre Rios como operária para ajudar nas contas. Era uma rotina dura, saindo de madrugada e voltando à noite. Fez isso durante 3 anos e, depois, foi trabalhar como cuidadora na casa de uma senhora, a dona Benta. Era um trabalho mais tranquilo, pois fazia praticamente as refeições e companhia para a senhora. Aposentou-se aos 60 anos de idade e passou a se dedicar à família e aos projetos

sociais. Aproveitaram, também, para fazer viagens a lugares como Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e a Europa, com o meu irmão. Quando morava em Cuiabá, a cada quatro meses vinham nos visitar de ônibus ou avião, principalmente depois do nascimento do Pedro. Mamãe, segundo o meu filho, é uma mágica na cozinha. Só faz tudo que ele gosta. Ele, Vitor e Luísa adoram passar as férias e feriados na casa da vovó Eva e vovô Rubens. Agora que estamos morando em São Carlos fica mais fácil as visitas e passeios. A cada quinze dias meus pais estão aqui para paparicar o neto e me ajudar nos cuidados da casa e tratamento de saúde. Depois vão para Campinas visitar a família do meu irmão. Há uma conexão de afetos entre Votuporanga, São Carlos e Campinas.

Desde muito cedo, meus pais foram os primeiros a me ensinar o valor da educação. Com poucas oportunidades de escolaridade formal, eles se dedicaram a me alfabetizar antes mesmo de eu ingressar na escola. Com uma cartolina colada na parede, meu pai me apresentou as letras e a tabuada, enquanto minha mãe me ensinava os primeiros cálculos básicos. Essa vivência não apenas marcou meu ingresso no universo da leitura e da escrita, mas também consolidou a ideia de que o aprendizado seria o caminho para superar as limitações que a vida impôs a eles. Decidiram que eu e meu irmão iríamos nos dedicar exclusivamente aos estudos. Nunca criaram objeções para os nossos desejos de estudos.

Meu irmão Roni fez o Ensino Médio na Eve/Objetivo com bolsa de estudos porque tinha um histórico escolar impecável e chamou a atenção de um empresário local, Adauto Leva, que era conselheiro da Fundação Educação de Votuporanga (FEV), mantenedora da escola. Por ser um excelente escritor, Roni trabalhou na equipe de jornalismo do *Diário de Votuporanga*,

de propriedade do jornalista Nelson Camargo, entre 1991 e 1993, quando ingressou no curso de Bacharelado em Ciências Econômicas na Unicamp. Meu irmão sempre foi muito admirado pelos seus professores na Escola Estadual Prof. João Batista Budin Filho e na EVE/Objetivo. Tive o privilégio de ter aula com os mesmos professores, o que também colocava em mim expectativas de como me sairia nos estudos. Eu tinha uma referência de estudante talentoso em casa. Nunca me senti sombra do meu irmão, eu enxergava nele um exemplo e queria ter a sua admiração. Tinha orgulho de dizer para os meus amigos que o meu irmão estudava na Unicamp. Roni foi o primeiro de nossa família a ingressar numa universidade pública.

Nossa prima Matilde, com muita luta e disciplina, fez o curso de Licenciatura Estudos Sociais na Fundação Santo André, ainda no final dos anos 1980, e depois ingressou por concurso público como professora efetiva na rede estadual de ensino paulista, atuando nas escolas de Mauá e Ribeirão Pires. Ela foi uma inspiração para nós ao lado do nosso primo mais velho Milton, que fez curso técnico no SENAI e depois ingressou no mundo do trabalho como representante de vendas da Interpret, até montar sua empresa de serviços gráficos. Milton sempre nos incentivava a estudar. Adorava saber como estávamos indo na escola e na universidade. Ele se realizava com as conquistas dos irmãos e primos. A gente admirava o Milton, nosso primo sério, que faleceu, vítima da Covid-19, em 2020. Ele me deu conselhos importantes quando fui para intercâmbio nos Estados Unidos e, posteriormente, ingressei na universidade. Só depois de casado e com filhos adolescentes realizou o sonho de cursar Direito numa universidade privada no ABC Paulista.

A decisão mais importante nas travessias da minha vida foi a mudança dos meus pais com a família para Votuporanga, em 1984. O interior paulista, para meus pais, era um ambiente mais seguro para criar os filhos e com mais oportunidades de educação.

Em Votuporanga estão as minhas lembranças da infância e da adolescência: a casa dos pais, a vizinhança e a escola. Para lá sempre retorno para me encontrar com o nosso “pequeno paraíso terreal” e aqueles que começaram a escrita desta história: meus pais, Antonio Rubens e Eva. Aos “folks” agradeço cada dia de amor, fé e esperança compartilhados. As palavras sábias ensinadas por esse casal permitiram que eu partisse para o mundo com dignidade e dedicação à vida. É um privilégio tê-los ao meu lado e acompanhando o crescimento dos netos. Sempre peço que o relógio ande um pouco mais devagarzinho para poder aproveitar essa convivência.

Tenho um sentimento de gratidão aos amigos e conhecidos da Rua dos Bandeirantes, em Votuporanga, pela companhia e torcida desde a infância, quando tudo ainda parecia tão longe e impossível.

Em Mato Grosso, na fronteira oeste, conheci a Nathália da Costa Amedi. Desse encontro nasceu uma história de afeto e uma vida compartilhada por nove anos, passando por Cáceres, Rondonópolis e Cuiabá. Nathália é uma escritora sensível e talentosa, que construiu suas travessias como historiadora e professora na educação básica da rede estadual de ensino de Mato Grosso. A partir da sua dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS) na UFMT, publicou um estudo sobre os discursos sensíveis sobre a modernização de Cuiabá no contexto pós-divisão do Estado de Mato Grosso, publicado

pela Editora da UFMT, em 2020. Tive o privilégio de conviver com a sua família nessa cartografia entre Cáceres, Cuiabá, Votuporanga, Fernandópolis e Indiaporã. Reconheço a importância de sua presença e parceria na época da escrita de tese de doutorado e na minha vida acadêmica na UFMT, entre Rondonópolis e Cuiabá. Pedro é um capítulo importante da nossa vida compartilhada. Nossas vidas foram transformadas a partir do nascimento desse filhote. Hoje, cada um segue sua vida e temos esse compromisso de amor com a criação desse ser incrível, que encantou o mundo em 15 de julho de 2013.

Pedro é meu companheiro de todos os dias. Quando descobrimos a gravidez, o papai estava do outro lado do mundo, em uma missão pela UFMT, no Japão. Viajei como professor-pesquisador e voltei como pai-professor-pesquisador. É o meu lobinho da estepe que me acompanha pelos cerrados da vida. Transformou toda a minha forma de ser, sentir e interpretar o mundo. Temos uma relação de amizade, cumplicidade. Difícil ficar longe de Pedro. Resignifiquei minha relação com o mundo do trabalho para poder ter mais tempo com meu filho. A casa e a minha sala de trabalho da universidade foram “customizadas” pelos objetos, brinquedos e retratos de Pedro. Os livros do papai já contam com as marcas dos seus rabiscos e desenhos. Na mochila de trabalho, além do *notebook*, livros e cadernos de anotação, carregava fraldas, mamadeira, roupas e brinquedos. Hoje quando saímos para viagens, passeios e trabalho, sempre tem a mochila do papai e a do Pedro. Em meados de 2019, a nossa família recebeu a gata Leite, nossa companheira de jornada. Esse ser especial veio alegrar nossos dias com muitas ronronadas de carinho e cumplicidade. Ela chegou como um presente da minha amiga Divanize Carbonieri para celebrar o aniversário do Pedro.

Pedro, quando da minha mudança para São Carlos, em fins de 2023, disse que queria vir junto. Aquele mocinho tímido de 10 anos soube traduzir em palavras para o papai, a mamãe, os avós e tios (e até para a tia Nileide Dourado) qual era o seu desejo. É uma criança atípica, portadora de uma forma singular de interpretar o mundo e criar suas próprias linguagens. É um artista, um artesão e um decifrador de códigos. No laudo médico do meu filho o diagnóstico é amor. O mundo precisa se abrir para o Pedro e descobrir novas formas de inteligência e afeto. Com Pedro aprendi a desconsiderar os marcos temporais rígidos da escolarização, a valorizar diferentes maneiras de comunicação e a arte de desenhar, a entender que há um tempo para ler, escrever e interpretar.

A paternidade deu sentido para as preocupações registradas pela filósofa Hannah Arendt (1979, p. 235) sobre o nosso compromisso com a educação das crianças:

Os pais humanos, contudo, não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo. Eles assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo. Essas duas responsabilidades de modo algum coincidem; com efeito, podem entrar em mútuo conflito. A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração.

Acredito que o melhor significado para as minhas travessias acadêmica, profissional e humana reside no testemunho vivo

do poder transformador da educação e da pesquisa. Do menino alfabetizado em casa por pais que valorizavam profundamente o aprendizado, apesar das limitações escolares, ao professor e pesquisador que hoje contribui para a historiografia brasileira, percorri cursos da vida repletos de desafios, aprendizados e conquistas. Este livro-memorial traduz esse percurso, que não é apenas individual, mas compartilhado com todas as pessoas que contribuíram para minha formação acadêmica e intelectual.

Ao longo dessa jornada, dediquei-me a fortalecer o diálogo entre a História Cultural, o Ensino de História e as demandas da sociedade contemporânea. Minhas pesquisas sobre representações culturais, narrativas identitárias e práticas pedagógicas trouxeram contribuições significativas ao campo acadêmico, promovendo a inclusão de perspectivas diversas e o questionamento de narrativas hegemônicas. Além disso, minha atuação como orientador de iniciações científicas, dissertações e teses evidenciam meu compromisso com a formação de novos pesquisadores e educadores, incentivando-os a adotar uma postura crítica e reflexiva.

Minha experiência em projetos financiados de extensão e formação docente demonstra meu empenho em conectar a universidade à sociedade, gerando impactos que transcendem os muros da academia. A participação em eventos científicos, a organização de simpósios temáticos e a colaboração com redes de pesquisa interdisciplinares consolidaram, não apenas minha travessia intelectual individual, mas também fortaleceram o campo da História Cultural como uma ferramenta analítica e transformadora para decifrar a história do Ensino de História e história da historiografia no Brasil.

Como nos lembrou Paulo Freire (1993, p. 141-142), a educação é uma prática dialógica e libertadora:

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que [...] os [serres humanos] se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita e explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. Porque esta visão de educação parte da convicção de que não pode sequer presentear o seu programa, mas tem de buscá-lo dialogicamente com o povo [...].

Ensinar e aprender história de forma crítica, democrática e participativa em sala de aula, seja na escola, na universidade, nunca foi tão necessário para as lutas e resistências da vida prática como nos dias de hoje, em um mundo contaminado por ideologias de extremismos reacionários e sentimentos de ódio e intolerância.

E, porque hoje vivo a experiência diária da paternidade como condição de existência e esperança, cada vez mais me vejo com o compromisso de ensinar história(s) para o Pedro, em processo de alfabetização para o mundo. É por meu Pedro que sigo adiante, ensinando e aprendendo com o ofício de professor de História.

Agradecimentos

O processo de elaboração desse memorial, publicado em formato de livro, só foi possível graças ao apoio institucional do Departamento de Ciências Sociais (DCSo), do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) e da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (ProGP), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Agradeço à Pró-reitora de Gestão de Pessoas (Progep), ao Departamento de História e aos programas de pós-graduação em História (PPGHIS), Ensino de História (ProfHistória) e Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) por disponibilizarem documentos e declarações pertinentes ao meu período de atuação docente.

Registro minha gratidão aos amigos Mairon Escorsi Valério (USP), Nauk Maria de Jesus (UFGD), Nleide Souza Dourado (UFMT), Michel da Silva Lacombe Coelho (UFMT), Osvaldo Rodrigues Jr. (UFMT), Francisco Xavier Rodrigues (UFERSA), Alexandra Lima da Silva (UERJ) e Leila Maria Massarão (Fundação Pró-Memória de São Carlos), pelas sugestões e leituras críticas do memorial acadêmico.

Aos amigos Wilma e Mauro Coelho, pelos conselhos e apoio nessas travessias entre Cuiabá e São Carlos.

Ao amigo João Pedro Volante, assessor de pesquisa, por coletar, sistematizar e digitalizar toda a documentação, referente à minha produção acadêmica entre 2008 e 2024,

necessária para o processo de progressão/promoção de professor titular.

Aos parceiros e amigos do mundo da escrita Candida Bitencourt Haesbaert e Sérgio Henrique Puga, da Paruna Editorial.

Aos docentes convidados para composição da banca examinadora de progressão/promoção para professor titular, agradeço a leitura e as sugestões para o memorial acadêmico: Marcelo Coutinho Vargas (UFSCar – presidente), Benito Bisso Schmidt (UFRGS), Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia (UFPR), Pedro Paulo Abreu Funari (Unicamp), Sonia Regina Miranda (UFJF) e Luiz Bezerra Neto (UFSCar).

A vida em São Carlos tem sido prazerosa porque tenho os cafés e prosas com Leila Maria Massarão, Tânia Isabel Massarão, João Pedro Volante, Vanessa Martins Dias, Denise Cristina dos Santos, Natália Innocente Rodrigues, Maria Cristina Martins Cunha (Tininha), Maria Stela Martins Cunha e Marisa Nunes.

Meus pais Eva e Antonio Rubens são as referências afetivas nessas travessias acadêmicas e profissionais entre Cuiabá e São Carlos. Gratidão pelo amor, apoio e carinho ao longo desse período de vida.

Ao meu irmão Roni, por ser sempre minha inspiração para o mundo da leitura.

Pedro, meu filhote, só posso dizer que é uma alegria incalculável ter você ao meu lado. Cada dia é uma descoberta para nós como pai e filho. Te amo, meu “lobinho” do cerrado.

E não poderia deixar de agradecer a presença da minha filhota felina Leite, que tem sido nossa companhia e fonte suporte afetivo nessa jornada entre Cuiabá e São Carlos.

Foi minha parceira fiel em muitas madrugadas de escrita desse livro-memorial ao longo do último ano.

Por fim, agradeço a todos professores e estudantes que tive a honra de compartilhar minhas travessias docentes, em especial, na Escola Estadual Núcleo Habitacional José Paulino Nogueira, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Registro meu carinho e admiração para com meus/minhas orientados/as de iniciação científica, mestrado e doutorado pela vivência sempre criativa e inspiradora nesses anos de docência na universidade.

Paulo Miceli e Kátia Abud serão sempre meus exemplos de orientação e aprendizados na História.

Referências

ABUD, Kátia Maria. **A guardiã das tradições**: A História e seu código curricular. *Educar*. Curitiba, n. 42, p. 163-171, out./dez. 2011.

_____. A história nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2007, p. 107-117.

_____. Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe Maria F. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 28-41.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente**: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro- 1808-1822. Petrópolis, Vozes, 1988.

AMEDI, Nathália da Costa; RIBEIRO, Renilson Rosa. Denodados heróis, civilizadores do sertão: o mito fundador bandeirante na constituição da história de Cuiabá - Mato Grosso, século XX. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**. Cuiabá, v. 9, p. 153-180, 2013.

AMEDI, Nathália da Costa; RIBEIRO, Renilson Rosa; SOUZA, Simone Elias de. **Tradição e Modernidade no Cerrado: A cidade de Rondonópolis, a Associação Comercial, Industrial e Empresarial e a história da sua gente de negócio.** Rondonópolis: ACIR; Marketing Mix Assessoria Empresarial, 2010.

ANDREWS, Georges Reid. Democracia racial brasileira (1900-1990): um contraponto americano. **Estudos Avançados.** São Paulo, v. 11, n. 30, p. 95-115, 1997.

_____. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988).** Bauru: Edusc, 1998.

APIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai.** A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARANTES, Erika B. Imagens da África em escolas brasileiras: reflexões sobre uma experiência pedagógica. **Capoeira – Revista de Humanidades e Letras.** São Francisco do Conde, v. 6, n. 1, p. 52-72, 2020.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

ARRUDA, Emerson; RIBEIRO, Renilson Rosa. Identidade docente: conjugação de paradigmas. **Revista Eletrônica Documento/ Monumento.** Cuiabá, v. 33, p. 75-90, 2022.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BERTOLOTO, José Serafim; DOURADO, Nleide Souza; RIBEIRO, Renilson Rosa. Palácio das Instruções: patrimônio histórico, um lugar de memória (Cuiabá-MT). In: DOURADO, Nleide Souza; RIBEIRO, Renilson Rosa; SÁ, Elizabeth Figueiredo (Org.). **Cuiabá em enredos, tramas e paisagens: história, cotidiano e sociedade.** Cuiabá: EdUFMT, 2020, p. 395-434.

BITTENCOURT, Circe Maria F. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe Maria F. (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 11-27.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Livro didático e saber escolar (1810-1910).** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe Maria F. (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 69-90.

_____. Produção didática de História: trajetórias de pesquisas. **Revista de História.** São Paulo, n. 164, p. 487-516, jan./jun. 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONNET, Jean-Claude. **Naissance du Panthéon.** Essai sur le culte des grands hommes. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 181-191.

BOUZA, Fernando. **Corre Manuscrito: uma historia cultural del Siglo de Oro.** Madrid: Marcial Pons, 2001.

BRAUDEL, Fernand. Conferência: pedagogia da história. **Revista de História.** São Paulo, v. 11, n. 23, p. 3-21, jul./set. 1955.

CAFÉ, Lucas Santos. **Racismo, antirracismo e descolonização do currículo no ambiente escolar: caminhos da implementação da Lei n. 10.639/2003 no Instituto Federal de Mato Grosso.** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2023.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CANDIDO, Antônio. Arte naquele tempo (memórias). **Revista IEB.** São Paulo, n. 54, p. 13-20, set./mar. 2012.

CEREZER, Osvaldo Mariotto. Diversidade étnicorracial no Ensino de História em Cáceres: algumas considerações. In: CHAVES, Otávio Ribeiro; ARRUDA, Elmar Figueiredo (Org.). **História e Memória: Cáceres.** Cáceres: Ed. Unemat, 2011, p. 258-277.

_____. **Diversidade étnico-racial no ensino de História em Mato Grosso:** estudo de caso nas escolas públicas dos municípios de Cáceres e Rondonópolis. Projeto de pesquisa aprovado no Edital Universal /Fapemat – n. 004/2009, de apoio a projetos de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. Departamento de História. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres, 2009.

_____. **Ensinar história afro-brasileira e indígena no século XXI:** a diversidade em debate. Curitiba: Editora Appris, 2019.

CEREZER, Osvaldo Mariotto; ARRUDA, João Edson Fanaia; RIBEIRO, Renilson Rosa (Org.). **Escrita da História.** Cáceres: Ed. Unemat, 2010.

CEREZER, Osvaldo Mariotto; GUIMARAES, Selva. Formação de professores de História e Ensino de História afro-brasileira e indígena. Fronteiras: **Revista de História.** Dourados, v. 17, p. 80-104, 2015.

_____. O estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica dificuldades e possibilidades. **Revista Eletrônica Documento/Monumento.** Cuiabá, v. 9, p. 181-196, 2013.

CEREZER, Osvaldo Mariotto; MENDES, Luís César Castrillon; RIBEIRO, Renilson Rosa Ribeiro (Org.). **Diversidade étnico-racial e as tramas da escrita:** historiografia, memória e ensino de História afro-brasileira na contemporaneidade. Curitiba: Appris, 2020.

CEREZER, Osvaldo Mariotto; MENDES, Luís César Castrillon; RIBEIRO, Renilson Rosa Ribeiro; RODRIGUES JR., Osvaldo (Org.). **Diversidade étnico-racial e as tramas da escrita:** historiografia, memória e ensino de História indígena na contemporaneidade. São Paulo: Paruna Editorial, 2022.

CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa. A formação de professores na fronteira: currículo e diversidade étnico-racial nos cursos de licenciatura em História (Mato Grosso, Brasil). In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; COELHO, Wilma de Nazaré Baía; FERREIRA, Paulo Antônio Barbosa (Org.). **Relações étnico-raciais, formação de professores e currículo.** São Paulo: LF Editorial, 2015, p. 101-137.

CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa; RODRIGUES JR., Osvaldo (Org.). **Os saberes para a vida: a formação e os fazeres dos professores de História no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Paruna Editorial, 2023.

CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa; SANTOS, Amauri Junior da Silva. Quilombo de Palmares, espaço de resistência e pluralidade cultural: uma proposta para o Ensino de História a partir da Lei n. 10.639/2003. In: SQUINELO, Ana Paula; ZARBATO, Jaqueline (Org.). **Experiências, trajetórias e práticas de formação de professores: Pibid, estágio supervisionado e prática de Ensino de História**. Campo Grande: Life Editora, 2018, p. 165-186.

CERRI, Luís Fernando; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa (Org.). **Territórios disputados: produção de conhecimento no Ensino de História em tempos de crise**. Cáceres: Ed. Unemat, 2021.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade, uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII**. 2. ed. Brasília: EdUnB, 1999.

CHAUNU, Pierre; DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre [et al.]. **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1987.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

COELHO, Mauro César; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. "Jogando verde e colhendo maduro": historiografia e saber histórico escolar no Ensino de História da África e da cultura

afro-brasileira. **Revista Territórios e Fronteiras**. Cuiabá, v. 6, n. 3, p. 92-107, dez. 2013.

COSTA, Aryana Lima; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. O Ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. **Saeculum – Revista de História**. João Pessoa, n. 16, p. 147-160, jan./jun. 2007.

COSTA, Warley da. A escrita escolar da história da África e dos afro-brasileiros: entre leis e resoluções. In: PEREIRA, Amílcar Araújo, MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, p. 215-244.

CRUZ, Ana Cristina Juvenal. Antirracismo e limites da democracia liberal: a proposição do ODS 18 - Igualdade Racial na Agenda 2030 das Nações Unidas. **Perspectivas em Políticas Públicas**. Belo Horizonte, v. 17, p. 209-226, 2023.

DERRIDA, Jacques. **Cosmopolitas de todos os países mais um esforço!** Coimbra: Minerva, 2001.

DOURADO, Nileide Souza; RIBEIRO, Renilson Rosa. A biografia-monumento do Marechal Rondon: as representações de um herói nacional/regional entre as tramas da memória e Ensino de História. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 14, p. 01-29, 2022.

_____. As escritas do intelectual Virgílio Corrêa Filho: Questões de Ensino: Monografias Cuiabanas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**. Cuiabá, v. 79, p. 81-129, 2017.

_____. Marechal Rondon: narrativas, memórias e Ensino de História. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**. Cuiabá, v. 78, p. 182-221, 2016.

_____. Resenha comentada do livro: Cuiabá ao longo de 100 anos. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**. Cuiabá, v. 25, p. 64-74, 2019.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1986.

FERREIRA, Maria Claudia C.; SANTOS, Marcio André de Oliveira. O mito da democracia racial, o Ensino de História e culturas afro-brasileiras. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía et al. (Org.). **A Lei n. 10.639/2003: pesquisas e debates**. São Paulo: LF

Editorial, 2014, p. 183-196. (Coleção Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais).

FERRO, Marc. **Falsificações da História**. Lisboa: Europa-América, s/d.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.

FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. **História e Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. “Ver para compreender”: arte, livro didático e a história da nação. In: SIMAN, Lana Mara de Castro (Org.). **Inaugurando a História e construindo a nação**: discursos e imagens no Ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 91-122.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France [Aula de 11 de fevereiro de 1976]. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREITAS, Itamar. Livro didático de história: definições, representações e prescrições de uso. In: OLIVEIRA, Margarida Dias; OLIVEIRA, Almir Feliz Batista de (Org.). **Livros didáticos de História**: escolhas e utilizações. Natal: Ed. UFRN, 2009, p. 11-19.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha; RIBEIRO, Renilson Rosa. Descalvados como objeto de estudo da História de Mato Grosso: fontes, historiografia e ensino. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**. Cuiabá, v. 5, p. 85-100, 2011.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Construtores de identidades**: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira. São Paulo: Iglú, 2004.

GATTI JUNIOR, Décio. **A escrita escolar da História**: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru: Edusc; Uberlândia: Edufu, 2004.

GILROY, Paul. **Against Race**: Imagining political culture beyond the color line. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2000.

_____. **Entre campos:** nações, culturas e fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **O Atlântico negro.** Modernidade e dupla consciência, São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. 34; Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONÇALVES, Luzia Aparecida. **Conte outras histórias que sejam nossas:** a temática indígena e a Lei n. 11.645/2008 nos livros didáticos de História no Ensino Médio, uma análise da Coleção História em Debate. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2020.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos.** Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 391-413, jul./out. 2000.

GUIMARÃES, Valéria Lima. Em torno da biografia como um gênero histórico: apontamentos para uma reflexão epistemológica. In: **Anais Eletrônicos da X Encontro Regional de História – Anpuh,** Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Comunicacoes/Guimaraes%20Valeria%20L.doc> Acesso em: 15 jan. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAPA, José Roberto do Amaral. **História e historiografia:** Brasil pós-64. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LARA, Sílvia Hunod. **Campos da Violência.** Escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KODAMA, Kaori. **Os filhos das brenhas e o Império do Brasil:** A etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860). Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

LA CAPRA, Dominick. Rethinking Intellectual History. In: LA CAPRA, Dominick; KAPLAN, Steven L. (Editors). **Modern European Intellectual History:** Reappraisals and New Perspectives. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do Ensino de História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138, 1999.

LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. Lisboa: Edições 70, 1984.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína;

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.

LYRA, Maria de Lourdes Vianna. **A utopia do poderoso império – Portugal e Brasil: bastidores da política (1798-1822)**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

LOPES, Loami Albuquerque Gama. **O protagonismo juvenil como suporte para cidadania: uma proposta de disciplina Eletiva em História para Escola Plena em Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

LOZI, Vivieni; GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo; RIBEIRO, Renilson Rosa (Org.). **Museu de Arte Sacra de Mato Grosso: três décadas de preservação, valorização e educação patrimonial**. Cuiabá: EdUFMT; Ação Cultural; Proext-MEC, 2018.

MAIO, Marcos Chor. A Unesco e o projeto de criação de um laboratório científico internacional na Amazônia. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 19, n. 53, p. 115-130, 2005.

MARTÍNEZ, Miguel. O trabalho docente e os desafios da educação. In ARANTES, Valéria A. (Org.). **Profissão Docente: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2009, p. 43-64. – (Coleção pontos e contrapontos).

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. Em torno das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e cultura afro-brasileira e africana: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 21, p. 5-20, 2008.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema: a formação do Estado imperial**. São Paulo: Hucitec, 1990.

MATTOS, Selma Rinaldi de. **O Brasil em Lições: A história como**

disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo. Rio de Janeiro: Access, 2000.

MELLO, Ciro Flávio de Castro Bandeira de. **Senhores da História e do Esquecimento**: a construção do Brasil em dois manuais didático de História na segunda metade do século XIX. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

MENDES, Luís César Castrillon. **Logo que o seu cofre proporcione esta despesa**: A construção da narrativa didática nacional nos manuais de História do Brasil adotados no Colégio Pedro II (1838-1898). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2016.

_____. **Logo que o seu cofre proporcione esta despesa**: A construção da nação nos primeiros manuais de História do Brasil. Curitiba: Appris, 2022.

MENDES, Luís César Castrillon; RIBEIRO, Renilson Rosa. América e Ensino de História no Brasil: invenções e redescobertas. **Labirinto**. Porto Velho, v. 4, p. 24-50, 2015.

_____. Aprender a ensinar história na contemporaneidade: desafios necessários para uma disciplina na berlinda. **Fato e Versões**. Coxim, v. 9, p. 129-144, 2016a.

_____. A presença indígena na História (didática) do Brasil de João Ribeiro: tramas e embaraços da civilização na narrativa republicana da nação. In: CEREZER, Osvaldo Mariotto; MENDES, Luís César Castrillon; RIBEIRO, Renilson Rosa Ribeiro; RODRIGUES JR., Osvaldo (Org.). **Diversidade étnico-racial e as tramas da escrita**: historiografia, memória e ensino de História indígena na contemporaneidade. São Paulo: Paruna Editorial, 2022a, p. 294-314.

_____. Fronteira e integração territorial na escrita da história didática oitocentista. **Clio**. Recife, v. 34, p. 73-95, 2016b.

_____. História e literatura, silenciar ou anunciar: Os dilemas da escravidão africana na escrita de Joaquim Manuel de Macedo no Brasil oitocentista. **Saeculum**. João Pessoa, v. 27, p. 66-83, 2022b.

_____. Institutos históricos, geográficos, arqueológicos e literários: seleção de memórias, construção histórica e conflitos identitários. **Expedições: Teoria da História e Historiografia**. Goiânia, v. 8, p. 6-30, 2017.

_____. Os embaraços da civilização: indígenas nos manuais de História do Brasil adotados no Colégio Pedro II (1838-1898) e a persistência da tra(d)ição didática no tempo presente. In: SILVA, Giovani José da Silva; MEIRELES, Marinelma Costa (Org.). **A Lei 11.645/2008: uma década de avanços, impasses, limites e possibilidades**. Curitiba: Appris, 2019, p. 79-110.

_____. Um médico professor/historiador na corte oitocentista brasileira e os embaraços da civilização: identidade nacional, discursos raciais e as populações indígenas e negras. In: TOLOMEL, Cristina Navarrete; BENFATTI, Flávia Andrea Rodrigues (Org.). **Gênero, raça e sexualidade na literatura**. São Luís: EdUFMA, 2018, p. 188-205.

MENDES, Luís César Castrillon; RIBEIRO, Renilson Rosa; RODRIGUES JR., Osvaldo. Pensar e viver a História nas fronteiras: os jovens, a história (ensinada) e as imagens sobre o continente americano no contexto mato-grossense. In: CERRI, Luís Fernando (Org.). **Os jovens e a história: Brasil e América do Sul**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2018, p. 259-276.

MENDES, Luís César Castrillon; RIBEIRO, Renilson Rosa; VALÉRIO, Mairon Escorsi. História dos africanos e afrodescendentes nos livros didáticos, guias e programas nacionais. **Fronteiras: Revista de História**. Dourados, v. 18, p. 143-168, 2016.

MICELI, Paulo Celso. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (Org.). **O Ensino de História e a criação do fato**. Ed. rev. e atualizada. São Paulo: Contexto, 2009, p. 37-52.

MORAIS, Edenilson José. **Aprendizagem histórica através das pinturas de Moacyr Freitas: os usos e apropriações de imagens no Ensino de História regional**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

MOREIRA, Kênia Hilda; SILVA, Marilda da. **Um inventário: o livro**

didático de História em pesquisas (1980 a 2005). São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

MUNAKATA, Kazumi. Devem os livros didáticos de história ser condenados? In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca (Org.).

A escrita da história escolar: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 281-292.

_____. Histórias que os livros didáticos contam depois que acabou a ditadura militar no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** 6. ed. São Paulo: Contexto; EdUSF, 2007, p. 271-296.

_____. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos.** Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

NADAI, Elza. A escola pública contemporânea: os currículos oficiais de História e o ensino temático. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 6, n. 11, p. 99-116, set. 1985/fev. 1986.

_____. O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A África não está em nós: A História africana no imaginário de estudantes do Recôncavo Baiano. **Fronteiras.** Dourados, v. 11, n. 20, p. 73-91, jul./dez. 2009a.

_____. A história africana nas escolas brasileiras. Entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas (1995-2006). **História.** São Paulo, v. 28, n. 2, p. 143-174, 2009b.

_____. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-asiáticos.** Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 421-461, 2003.

OLIVA, Anderson. A história africana nas escolas brasileiras. Entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas (1995-2006). **História.** São Paulo, v. 28, n. 2, p. 143-174, 2009.

OLIVEIRA, Edevamilton de Lima. **A invenção da escola no Araguaia-Xingu mato-grossense**: memórias, narrativas e lutas pela educação popular e democrática (anos 1960 - 2000). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2018.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O direito ao passado**: uma discussão necessária à formação do profissional em história. Aracaju: Ed. UFS, 2011.

OLIVEIRA, Itamar.; OLIVEIRA, Margarida. Desafios do mestrado profissional na reinvenção do campo do Ensino de História: uma avaliação preliminar dos programas de ensino de teoria da história e de história do Ensino de História. **Clio**: Revista de Pesquisa Histórica. Recife, v. 38, p. 27-47, jan./jun. 2020.

OLIVEIRA, Tatiane. **Entre bolhas raciais, podas e sonhos**: relações entre as identidades negras e brancas na UFMT. Cuiabá: EdUFMT, 2021.

_____. **Linguagem do atrevimento**: história oral de vida e de permanência escolar de mulheres jovens estudantes, da camada popular, do IFMT e a escrita de Carolina Maria de Jesus. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2024.

OLIVEIRA, Tatiane de; SANTOS, Sérgio. Eventos e identidade negra na universidade. **Revista Periferia**. Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-22, 2023.

OLIVEIRA, Tatiane de; RIBEIRO, Renilson Rosa; SILVA, Alexandra Lima da (Org.). **Enredos e tramas do ensino de História**: teorias, saberes e práticas. São Paulo: Paruna Editorial, 2024.

PALARO, Luzia Aparecida; THEOBALDO, Maria Cristina; RIBEIRO, Renilson Rosa; WIELEWSKI, Sérgio Antonio; TORRES, Glauce Viana S. (Org.). **Dimensões da Iniciação à Docência**: saberes e práticas do PIBID na UFMT (2009-2013). Cuiabá: EdUFMT, 2015.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.

PIRES, Veríssimo Lopes. **O ensino de História nas escolas primárias (1940-1950)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

REGO, Teresa Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, 2014, v. 19, n. 58, p. 779-800, 2014.

RIBEIRO, Felipe Honório Correia. **Retábulo da antiga Matriz do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: produção de material paradidático voltado para educação patrimonial. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2018.

RIBEIRO, Renilson Rosa. A(s) biografia(s), a nação e o pêndulo oscilante: (des)colonizando as identidades. In: **Linguagens e descolonialidades**: práticas languageiras e produção de (des) colonialidades no mundo contemporâneo. Campinas: Pontes Editores, 2017b, p. 89-104.

_____. A cunha pós-colonial no currículo eurocentrado: o que a Lei n. 10.639/2003 tem a dizer para a historiografia do Ensino de História no Brasil. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo (Org.). **Consciência histórica e interculturalidade**: investigações em Educação Histórica. Curitiba: WA Editores, 2016d, p. 243-257.

_____. A história ensinada nas propostas curriculares (Brasil, últimas décadas do século XX). **ETD. Educação Temática Digital**. Campinas, v. 3, n. 2, p. 71-89, 2002.

_____. A invenção discursiva de Mato Grosso nas páginas da História geral do Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854/1857): territórios e fronteiras. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**. Cuiabá, v. 8, p. 153-172, 2013a.

_____. A invenção do Heródoto dos trópicos: as biografias de Francisco Adolfo de Varnhagen e a escrita da História do Brasil (1878-1978). In: ALMEIDA, Rodrigo Davi; LANZIERI JUNIOR, Carlile (Org.). **Intelectuais**: conceito e história. Curitiba: Ed. CRV, 2014b, p. 54-70.

_____. **A narrativa da nação no Ensino de História**: enredos cronológicos e temáticos do Brasil Colonial no discurso republicano (Colégio Pedro II, Rio de Janeiro: 1889-1931).

Projeto de pesquisa para o estágio pós-doutoral em Educação. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016e.

_____. A narrativa da nação no Ensino de História: enredos cronológicos e temáticos do Brasil Colonial no discurso republicano (Colégio Pedro II, Rio de Janeiro: 1889-1931), o caso do professor João Ribeiro. **Relatório final de pesquisa para o estágio pós-doutoral em Educação**. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017a.

_____. A questão do outro e os livros didáticos. **Fato e Versões**. Uberlândia, v. 2, p. 75-88, 2010.

_____. **Colligir, methodisar e archivar**: o IHGB e a construção do Brasil Colonial no Brasil Imperial (1838-1857). Projeto de pesquisa para curso de Doutorado em História Cultural. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

_____. **Colônia(s) de identidades**: discursos sobre a raça nos manuais escolares de História do Brasil. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

_____. **Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade**: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da ideia de Brasil Colônia no Brasil Império. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

_____. De volta para o passado: historiografia, produção didática e Ensino de História Indígena no Brasil. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **Livro didático e paradidático de história em tempos de crise e enfrentamento**: sujeitos, imagens e leituras. Campo Grande: Life Editora, 2020a, p. 369-396.

_____. Ein angesehener Vertreter [...] seiner Rasse, seiner Lebensumstände und des damaligen Zeitgeistes: Die Biografien von Francisco Adolfo de Varnhagen und der Mythos des Bandeirantes (1878-1978). In: **Instituto Martius-Staden**. Martius-Staden-Jahrbuch, n. 61. São Leopoldo: Oikos, 2016b, p. 66-82.

_____. Entre Palmares e Vila Rica: os percursos da memória de Zumbi e Tiradentes nos livros didáticos de História do Brasil (séculos XIX e XX). In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e (Org.). **História e historiografia: perspectivas e abordagens**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2014a, p. 264-285.

_____. Entre territórios e fronteiras: a emergência de Mato Grosso nas páginas da 1ª edição da História Geral do Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854/1857). In: JESUS, Nauk Maria de (Org.). **Cenários da fronteira Oeste: História e historiografia de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2020b, p. 277-310.

_____. Entre textos e leituras: as representações do fazer do professor de História no discurso historiográfico (São Paulo, últimas décadas do século XX). **Fronteiras**. Campo Grande, v. 7, n. 14, p. 9-36, 2003.

_____. Exóticos, infantis e submissos na colônia identitária: As representações dos negros nos livros didáticos de História do Brasil. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 38, p. 43-77, 2008b.

_____. **Fazer história: a importância de ler, interpretar e escrever sem ala de aula**. Curitiba: Appris, 2018.

_____. Imagens didáticas do índio na Coleção História & Vida. **ETD. Educação Temática Digital**. Campinas, v. 9, p. 112-125, 2008a.

_____. Letras negras, páginas brancas: imagens do negro nos diálogos (im)pertinentes entre a historiografia e o Ensino de História (Brasil, segunda metade do século XX). **ETD. Educação Temática Digital**. Campinas, v. 15, p. 281-299, 2013b.

_____. Livros didáticos de História: trajetórias em movimento. In: RIBEIRO, Renilson Rosa, CEREZER, Osvaldo Mariotto, JESUS, Nauk Maria de (Org.). **Ensino de História: trajetórias em movimento**. Cáceres: Ed. Unemat, 2007a, p. 41-53.

_____. **O Brasil inventado pelo visconde de Porto Seguro: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e**

Geográfico Brasileiro e a invenção do Brasil Colonial no Brasil Império (1838-1860). Cuiabá: Entrelinhas, 2015.

_____. O escrupuloso iluminador da História do Brasil: Os enredos cronológicos e temáticos da 1ª edição da História geral do Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854/1857). **Patrimônio e Memória**. Assis, v. 7, p. 86-108, 2011.

_____. O operoso iniciador da historiografia brasileira: as escritas de Francisco Adolfo de Varnhagen e o dilema da identidade na história da História do Brasil nas páginas da Revista do IHGB (1840-1878). In: BARBATO, Luís Fernando Tosta (Org.). **Identidade nacional brasileira: história e historiografia**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016c, p. 13-38.

_____. Políticas de identidade e Ensino de História no mundo contemporâneo: as narrativas raciais da nação. In: VALÉRIO, Mairon Escorsi; RIBEIRO JUNIOR, Halferd Carlos (Org.). **Ensino de História: memória e identidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016a, p. 47-66.

_____. Representações didáticas do Brasil colonial. **ETD**. Educação Temática Digital. Campinas, v. 8, p. 53-68, 2007b.

_____. Universidade, escola e Ensino de História: as tramas da formação dos professores no Brasil. In: RODRIGUES, João Paulo; JOANONI NETO, Vitale (Org.). **Os 40 anos de Faire de l'histoire e a historiografia brasileira IV Seminário Internacional de História e Historiografia (UFMT 2015)**. Cuiabá: EdUFMT, 2016f, p. 191-212. RIBEIRO, Renilson Rosa; ALMEIDA, Rodrigo Davi; RODRIGUES, Cândido Moreira; JOANONI NETO, Vitale. **História: conceitos, metodologias e ensino**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

_____. História e Pedagogia: a formação de professores brasileiros no Japão. In: ALONSO, Kátia Morosov. (Org.). **Relatos de uma travessia: a formação de professores de crianças brasileiras no Japão**. Cuiabá: EdUFMT; Central Texto, 2014, p. 162-180.

RIBEIRO, Renilson Rosa; ARRUDA, Emerson; SOUZA NETO, João Clemente de. O humanismo freireano: a presença de Jacques Maritain. **Escritas do Tempo**. Marabá, v. 5, p. 116-129, 2023.

RIBEIRO, Renilson Rosa; CEREZER, Osvaldo Mariotto, JESUS, Nauk Maria de (Org.). **Ensino de História: trajetórias em movimento**. Cáceres: Ed. Unemat, 2007a.

RIBEIRO, Renilson Rosa; COELHO, Mauro César; OLIVEIRA, Tatiane de. Ensino de História e disputas pela memória: percursos, temas e relato de experiência. In: CERRI, Luís Fernando; ANDRADE, Juliana Alves (Org.). **Os presentes do Ensino de História: (re)construção em novas bases**. Recife: ABEH; Ed. Universitária UFRPE, 2023, p. 234-254.

RIBEIRO, Renilson Rosa; COIMBRA, Luzia Aparecida Gonçalves. Conte-nos outras histórias: o Ensino de História e as imagens das populações indígenas no Brasil. In: OLIVEIRA, Tatiane de; RIBEIRO, Renilson Rosa; SILVA, Alexandra Lima da (Org.). **Enredos e tramas do ensino de História: teorias, saberes e práticas**. São Paulo: Paruna Editorial, 2024, p. 104-124.

RIBEIRO, Renilson Rosa; GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo; RODRIGUES JR., Osvaldo. As pesquisas em Ensino de História no Programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ensino de História da Universidade Federal de Mato Grosso e a formação continuada de professores no contexto da Amazônia (2016-2021). In: CAVALCANTI, Erinaldo; MÁRTIN, Nilson; ARAUJO, Raimundo; ÁVILA, Sandra (Org.). **Ensino de História e formação docente na região panamazônica: panorama de pesquisa, diálogos e reflexões**. São Luís: EdUFMA, 2024, p. 301-336.

RIBEIRO, Renilson Rosa; CAMPOS, Maria Auxiliadora Arruda; HIRATA, Verônica. Edição fac-similar e semidiplomática do Testamento deixado pelo forro Vicente Francisco de Fontes (1781). **Revista Eletrônica Documento/Monumento**. Cuiabá, v. 35, p. 12-30, 2023.

RIBEIRO, Renilson Rosa; SANTOS, Amauri Junior da Silva. O caráter acontecimental da Lei n. 10.639/2003: o desafio de (re) escrever narrativas sobre a história africana e afro-brasileira sob um novo contexto epistemológico e histórico. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SILVA, Carlos Aldemir Farias da.; SOARES, Nicelma Joselita Brito. (Org.). **A diversidade em discussão**:

inclusão, ações afirmativas, formação e práticas docentes. São Paulo: LF Editorial, 2016, p. 51-92.

_____. Historiografia escolar e historiografia acadêmica: relações possíveis na produção do conhecimento sobre ensinar e aprender História. In: ALVES, Juliana Alves de Andrade; PEREIRA, Nilton Mullet (Org.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. Porto Alegre: Oikos, 2021, p. 14-27.

RIBEIRO, Renilson Rosa; SANTOS, Amauri Junior da Silva; VALÉRIO, Mairon Escorsi; RODRIGUES JR., Osvaldo. A espiral do abandono: hibridização do ensino de História, Darwinismo Tecnológico e Social no contexto pandêmico do capitalismo cognitivo. In: ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo; SOARES, Thiago Nunes; VALE JUNIOR, João Batista (Org.). **História em experiências significativas: políticas educacionais e ensino de História**. Teresina: EdUESPI, 2023, p. 334-380.

RIBEIRO, Renilson Rosa; SILVA, Alexandra Lima da. Rocha Pombo e o lugar dos povos indígenas na narrativa didática da nação. **Labirinto**. Porto Velho, v. 24, p. 307-327, 2016.

RIBEIRO, Renilson Rosa; SILVA, Alexandra Lima da; VALÉRIO, Mairon Escorsi (Org.). **Em defesa do ensino de História no Brasil: ser, saber e sentir o mundo**. São Paulo: Paruna Editorial, 2025.

RIBEIRO, Renilson Rosa; SOUZA, Shirley Claudia S. História regional e local: o que dizem os professores e os estudantes? **Clio**. Recife, v. 39, p. 186-214, jul./dez. 2021.

_____. O (não) lugar da História no currículo do Ensino Médio brasileiro: um percurso entre a Constituição, a LDB e os PCN. In: CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa; RODRIGUES JR., Osvaldo (Org.). **Os saberes para a vida: a formação e os fazeres dos professores de História no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Paruna Editorial, 2023, p. 150-164.

RIBEIRO, Renilson Rosa; VALÉRIO, Mairon Escorsi. A questão do referente externo na escrita da história: revisionismo/negacionismo e pós-verdade. In: MAGALHÃES, Epaminondas de Matos; BERTGES, Livia Ribeiro (Org.). **Leitura e escrita: vias de acesso**. Goiânia: Alta Performance, 2023, p. 202-224.

_____. As histórias (fabulosas) contadas nos bancos escolares: Os livros didáticos de História e a historiografia do ensino no Brasil. **Cadernos de História**. Uberlândia, v. 1, n. 10, p. 93-114, 2002.

_____. Ensino de História e sacralização da nação: narratividade, educação dos afetos e colonialidade do poder. In: ZARBATO, Jaqueline; RODRIGUES JR., Osvaldo; RIBEIRO, Renilson Rosa (Org.). **Estágio, práticas e extensão**: vivências dos professores de História no tempo das incertezas e esperanças. São Paulo: Paruna Editorial, 2022, p. 57-67.

_____. Para que serve a história ensinada? A guerra de narrativas, a celebração das identidades e a morte da política. **Territórios e Fronteiras**. Cuiabá, v. 6, p. 39-52, 2013.

RIBEIRO, Renilson Ribeiro; VALÉRIO, Mairon Escorsi; FRACCARO, Glaucia Cristina C. (Org.). **O negro em folhas brancas**: ensaios sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História do Brasil (últimas décadas do século XX). Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

_____. **O negro em folhas brancas**: ensaios sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História do Brasil (últimas décadas do século XX). Curitiba: Appris, 2019.

ROCHA, Helenice. Aula de história: que bagagem levar? In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo de Souza e GONTIJO, Rebeca (Org.). **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 81-103.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Amauri Junior da Silva. **A construção da narrativa africana e afro-brasileira nas escolas públicas do município de Rondonópolis, Mato Grosso**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2014.

_____. **O Ensino de História africana e afro-brasileira à luz do debate pós-colonial: estado da arte da produção final dos discentes nos programas de pós-graduação em História das regiões Norte e Centro-Oeste (1998-2013).** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017.

_____. **Uma rede de produções insurgentes de mulheres negras: as artes e suas manifestações como meio para descolonizar o espírito.** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2023.

SANTOS, Amauri Junior da Silva; NASCIMENTO, Ariel Elias do; et al. **Ensino de História entre fios e lavrados: relatos, resumos e esperanças de um evento.** Cáceres: Ed. Unemat, 2021.

SAVIANI, Demerval. A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria (Org.). **A bússola do escrever: Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 148-176.

SILVA, Luciana Coelho Gama da. **As vestimentas do mártir: as representações sobre Tiradentes em Joaquim Norberto de Souza Silva e Lúcio José dos Santos e a narrativa da nação no discurso didático.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2016.

SILVA, Mônica Martins da. A formação docente no ProfHistória: reflexões tramadas em experiências de compartilhamento de saberes. **Palavras ABEHrtas.** Ponta Grossa, p. 1-9, jun. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Wilton Carlos Lima da Silva. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. **Patrimônio e Memória.** São Paulo, v. 11, n. 1, p. 71-95, jan./jun. 2015.

SNYDERS, Georges. **Feliz na universidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. **Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

SOUZA, Neriane Rios. **O Ensino de História e a Rusga (Mato Grosso, século XIX): o conflito, suas tramas e personagens**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2024.

SOUZA, Shirley Cláudia da Silva e. **O que você sabe sobre História de Mato Grosso?: Ensino de História regional e local nos planos de ensino das escolas estaduais de Cáceres-MT**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

SPIESS, Maiko Rafael; MATTEDI, Marcos Antonio. Eventos científicos: da Pirâmide Reputacional aos círculos persuasivos. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 35, n. 2, p. 441-472, mai./ago. 2020

STEPHANOU, Maria. Currículos de História: instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 18, n. 36, p.15-38, 1998.

TORRES, Glaucé Viana S.; BERALDO, Tania Maria de Lima; RIBEIRO, Renilson Rosa (Org.). **Extensão universitária em rede: Experiências vivenciadas no Projeto Novos Talentos/UFMT/Capes**. Cuiabá: EdUFMT; Novos Talentos UFMT-Capes, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Projeto de Pedagógico do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão e Formação de Professoras e Professores em Educação para as Relações Étnico-raciais: História e Cultura Africana e Afro-brasileira**. São Carlos: DCSO; CECH; NEAB; ProEx, 2024.

VARELLA, Nayara Bianca Serra. **A BNCC e os dilemas da diversidade no Brasil contemporâneo: reflexão docente na construção de uma aprendizagem antirracista no Ensino de História**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2021.

XAVIER FILHO, José Luiz. Precisamos falar sobre história e cultura afro-brasileira: um olhar crítico sobre o livro didático.

Revista da ABPN. São Paulo, v. 13, n. 38, p. 287-302, 2021.

ZANÃO, Michely Maria. **Ensino de História, violência e racismo:** o uso do Slam Poetry como estratégia de aprendizagens em sala de aula. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2024.

ZARBATO, Jaqueline; RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo (Org.).

Guerras de narrativas em tempos de crises: Ensino de História, identidades e agenda democrática. Cáceres: Ed. Unemat, 2021.

ZARBATO, Jaqueline; RODRIGUES JR., Osvaldo; RIBEIRO, Renilson Rosa (Org.). **Estágio, práticas e extensão:** vivências dos professores de História no tempo das incertezas e esperanças. São Paulo: Paruna Editorial, 2022.

Mural de memórias afetivas



E.E.P.G.
 Prof^º JOÃO BATISTA BUDI
 Prof^º NAIR ARADO MAGGI
 Dir. GILBERTO PERESI





































Votuporanga



Unicamp



Cáceres



UFMT



Campinas



Unemat



Cuiabá



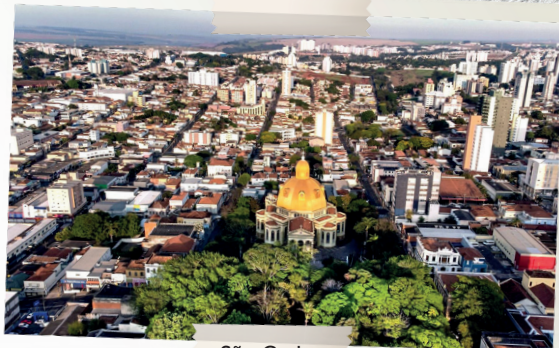
UFSCar



Mauá



Salt Lake City



São Carlos



Rondonópolis

Sobre o autor



Renilson Rosa Ribeiro é professor titular da área de História no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio pós-doutoral em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É pai atípico de um menino incrível chamado Pedro e convive de forma resiliente com uma doença rara diagnosticada (Porfíria Eritropoietica) desde o início de 2022.

As travessias acadêmicas que relato aqui são um testemunho do impacto transformador da educação e da pesquisa, não apenas em minha vida, mas na vida de todos aqueles que buscam no conhecimento, uma ferramenta de emancipação e mudança social. Este memorial, publicado em formato de livro é mais do que um relato de conquistas acadêmicas, é um tributo às pessoas presentes na minha formação humana e intelectual, das lições aprendidas em casa às oportunidades que a universidade me proporcionou.

